

Luiza de Souza Lima Macedo

LAZER E APRENDIZAGEM:

interseções a partir de visitas familiares a museus universitários de ciências

**Belo Horizonte
UFMG
2020**

Luiza de Souza Lima Macedo

LAZER E APRENDIZAGEM:

interseções a partir de visitas familiares a museus universitários de ciências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Área de Concentração: Cultura e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira

**Belo Horizonte
UFMG
2020**

M1411 Macedo, Luiza de Souza Lima
2020 Lazer e Aprendizagem: Interseções a partir de visitas familiares a museus universitários de ciências. [manuscrito] / Luiza de Souza Lima Macedo – 2020. 110 f., enc.: il.

Orientadora: Diomira Maria Cicci Pinto Faria
Coorientadora: Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 95-104

1. Lazer – Teses. 2. Museu – Teses. 3. Atividades de Lazer – Teses. 4. Cultura – Teses. I. Faria, Diomira Maria Cicci Pinto. II. Oliveira, Ana Paula Guimarães Santos de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



ATA DA 15ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

LUIZA DE SOUZA LIMA MACEDO

Às 14h00min do dia 21 de julho de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma "google meet") a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "*Lazer e Aprendizagem: interações a partir de visitas familiares a museus universitários de ciências*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria (Orientadora)	X	
Profª. Dra. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira (Coorientadora)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (UFMG)	X	
Profª. Dra. Martha Marandino (USP)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **Aprovada**

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 21 de julho de 2020.

Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria

Profª. Dra. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias

Profª. Dra. Martha Marandino

*Ao Rivelle, companheiro e parceiro de todas as horas.
Ao meu pai, que continuará sempre inspirando meus passos.*

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que me ajudaram e contribuíram para que este trabalho fosse possível. Esse mestrado é a conquista de um sonho que cultivei ao longo de muitos anos. Foram muitos os desafios, noites sem dormir, conversas de alento nas madrugadas e descobertas sem fim nesse processo, que compartilhei com muitos e muitas.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus colegas por compartilhar comigo essa caminhada cheia de dúvidas, incertezas e noites em claro. Acácio, Marcus, Raquel, Velise, Cláudia, Natália, Júlia, Marlon, Telma, Débora e Letícia, vocês foram fundamentais nesse processo. Obrigada pelas intermináveis leituras, pela escuta, pelas risadas, pelas indicações de leitura, pelas cervejas e festas.

Agradeço aos colaboradores e colaboradoras do Espaço do Conhecimento UFMG e ao Museu de Ciências Naturais da PUC Minas pela acolhida, compreensão e dicas nos intermináveis finais de semana de coleta. Obrigada à Diomira, Sibelle, Bárbara, Luciene e Bonifácio por abraçarem minha pesquisa e abrirem as portas para que ela fosse possível.

A todas as famílias que dedicaram preciosos minutos a esta pesquisa, respondendo com atenção e cuidado todas as nossas perguntas.

A todos os meus amigos e amigas que ouviram muitos “nãos” aos bares, encontros e festas nos últimos dois anos. Estive longe, mas sempre perto! As Luizas e a Wal que me acompanham e apoiam há mais tempo do que eu consiga contar, à Ana Cisalpino, quem tanto admiro e agradeço pelo incentivo e apoio e a todxs que me ouviram e não deixaram minha peteca cair! Vocês são essenciais em minha vida! Ao Lulu, Paulinha e Jamal pela parceria e amizade de sempre, pelas risadas noturnas e cervejas intermináveis. A todos os amigos e amigas por trazerem leveza a noites e dias que pareciam tão pesados. A Abreu, pela amizade e pelo auxílio com os mapas.

Deixo aqui um agradecimento especial ao professor Diego, pela paciência, atenção e ajuda com os números, métodos e cálculos; ao LabEst, professor Adrian, Letícia e Amanda pelas análises estatísticas e paciência para entender minhas perguntas e acolher meu projeto.

Ao Gui, Dara, Namu, Diully e Cristian, que voluntariamente compartilharam essa pesquisa comigo. Sem vocês esse caminho seria muito mais árduo. Obrigada pelas risadas, pelos finais de semana de coleta, pelas reuniões e debates sobre o projeto e por aceitar fazer parte desse sonho. À Pró-Reitoria de Pesquisa pela aprovação do projeto de pesquisa.

Ao Zé Alfredo e a todos do NaPrática por abrirem meus olhos para assuntos tão sinceros e delicados e por abrirem a primeira porta. Ao Danilo pelas orientações carinhosas e respostas às infinitas perguntas e a todo o PPGIEL por compartilhar essa caminhada.

À Diomira, pela orientação e confiança, pelos toques, pela calma e pelos puxões de orelha sempre tão importantes para meu amadurecimento acadêmico e profissional.

À Ana Paula, pela orientação, sempre detalhista, cuidadosa e paciente. Pela acolhida, por acreditar nas minhas ideias e por sempre me trazer confiança e carinho.

À Martha Marandino e ao Cleber pela generosidade em partilhar comigo seus conhecimentos e pela participação na banca.

À Grazielle, Carol, Mirtes, Edinho, Beatriz, Klaus, tia Keu, Deja e todos e todas que me acolheram e entenderam minhas ausências nesse longo período de estudos e aprendizado. Obrigada por permitirem que eu fizesse parte dessa família!

Ao Rivelle, pela parceria, companheirismo, paciência e apoio de todos os dias. Obrigada por encher minha vida de alegria e por estar sempre ao meu lado, apoiando minhas maluquices e segurando sempre a minha mão nessa caminhada.

À minha família que, perto ou longe, sempre foi e será fundamental para minha caminhada! Ao meu pai, que me ensinou que conhecimento é a única coisa que ninguém pode tirar de nós e me incentivou a estudar, sempre. Pai, mesmo que você já esteja em outro plano, persisto tentando seguir seus conselhos.

Obrigada!

RESUMO

O presente estudo foi estruturado a partir da identificação de lacunas na produção do conhecimento para a tríade Museus, Lazer e Aprendizagem. A pergunta central que norteou a investigação foi: Quais são as relações entre lazer e aprendizagem em museus a partir da percepção de famílias com crianças no momento da visita? Dessa forma, o objetivo geral do trabalho foi verificar se é possível estabelecer essas relações, identificando aspectos que podem influenciá-la. Para isso, traçou-se alguns objetivos específicos para condução da pesquisa: Traçar o perfil das famílias; verificar a frequência com que visitam museus com as crianças; entender como percebem os museus em relação ao Lazer e a Aprendizagem; verificar se o perfil identificado é semelhante nos dois museus pesquisados. As reflexões teóricas perpassaram os temas lazer, cultura, aprendizagem e hábitos de lazer do brasileiro. Ancorada na Teoria dos Capitais e *Habitus* de Pierre Bourdieu (2007; 2007b) e em diálogo com conceitos de Cultura, Lazer, Museus e estudos de público. A investigação foi realizada no Espaço do Conhecimento UFMG e Museu de Ciências Naturais PUC Minas, museus universitários de ciências em Belo Horizonte. A amostra definida foi de 343 formulários. Para a análise dos dados foram utilizadas as técnicas de análise descritiva, de correlação e de regressão com abordagens quantitativa e qualitativa. Foi possível traçar o perfil socioeconômico de uma amostra representativa de visitantes de ambas instituições, assim como identificar seus hábitos culturais em momentos de lazer e aspectos que podem influenciar essa prática. Verificou-se o predomínio de mulheres, com alta escolaridade, renda acima da média nacional, relativamente jovens e que percebem o museu como espaço de lazer e aprendizagem. O foco na criança, aliado aos principais conteúdos dos dois museus pesquisados e à aquisição de conhecimento aparecem como fatores que motivam o lazer intelectual das famílias, o que indica a relação entre Lazer e Aprendizagem. As famílias, ao optar por visitar os museus em momentos de lazer, buscam aliar a diversão e o entretenimento aos interesses pessoais das crianças e à possibilidade de aprendizado através das atividades e conteúdos expositivos.

Palavras-chave: Lazer e Aprendizagem. Estudo de Público. Museus Universitários de Ciências. Espaço do Conhecimento UFMG. Museu de Ciências Naturais PUC Minas

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo colaborar con la construcción del conocimiento que relaciona el ocio, museos y aprendizaje, entendiendo las brechas entre las tres áreas del conocimiento. La pregunta central que guio la investigación fue: ¿Sería posible establecer relaciones entre el ocio y el aprendizaje en los museos desde la percepción de las familias con niños que visitan dos museos universitarios de ciencias en Belo Horizonte? Por lo tanto, el objetivo general del trabajo fue verificar si es posible establecer estas relaciones, identificando aspectos que pueden influir en esta práctica. Para eso, se delinearon algunos objetivos específicos para la investigación: Entender quiénes son estas familias; identificar la frecuencia que visitan museos con niños; pensar cómo perciben los museos bajo la perspectiva del ocio y del aprendizaje; identificar si es similar el perfil de los visitantes a las instituciones. Reflexiones teóricas recorrieron los temas de ocio, cultura, aprendizaje y hábitos de ocio del brasileño. Anclada en la Teoría de los Capitales y el habitus por Pierre Bourdieu (2007; 2007b) y en diálogo con conceptos de Cultura, Ocio, Museos y estudios públicos, fue posible rastrear el perfil socioeconómico de una muestra representativa de visitantes de ambas instituciones, así como identificar sus hábitos culturales en el tiempo libre y aspectos que pueden influir en esta práctica. El estudio ocurrió en el Espacio del Conocimiento UFMG y en Museo de Ciencias Naturales PUC Minas, en Belo Horizonte, museos universitarios de ciencias. Mediante la aplicación de 343 formularios. Fueron usados análisis descriptivos, de correlación y regresión con sesgos cuantitativos y cualitativos. Se identificó un predominio de mujeres, con alta escolaridad, ingresos superiores al promedio nacional, relativamente jóvenes y que perciben el museo como un espacio de ocio y aprendizaje. También se identificó que el enfoque en el niño, combinado con los principales contenidos de los dos museos encuestados y la adquisición de conocimiento, aparecen como factores que motivan el ocio intelectual de las familias, lo que indica la relación entre Ocio y Aprendizaje. Cuando las familias eligen visitar los museos en los momentos de ocio, buscan combinar la diversión y el entretenimiento con los intereses personales de los niños y la posibilidad de aprender por medio de actividades y contenidos de la exhibición.

Palabras-clave: Ocio y Aprendizaje. Estudio de Audiencia. Museos Universitarios de Ciencias. Espacio del Conocimiento UFMG. Museo de Ciencias Naturales PUC Minas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição espacial de museus pelas unidades federativas brasileiras	19
Figura 2: Localização espacial dos espaços museais onde a pesquisa foi realizada, na cidade de Belo Horizonte	58
Quadro 1: Sistematização de variáveis para análises descritivas	65
Mapa 1: Linhas do MOVE nas regionais de BH.....	74
Gráfico 1: Quantidade de visitas em 2019 x renda familiar, estratificado por museu.....	79
Gráfico 2: Quantidade de visitas em 2019 x escolaridade da criança, estratificado por museu	80
Gráfico 3: Quantidade de visitas em 2019 x cor ou raça, estratificado por museu	81
Gráfico 4: Relação entre cor/ raça e renda mensal, estratificado por museu.....	82
Gráfico 5: Relação entre renda familiar e escolaridade, estratificado por museu	83
Gráfico 6: Cor/raça e as percepções do museu como espaço de lazer	85
Gráfico 7: Escolaridade e as percepções do museu como espaço de lazer	87
Figura 3: Motivos que levam os respondentes a considerarem o museu espaço de lazer	88
Figura 4: Palavras mais mencionadas como justificativas para a inclusão de museus em momentos de lazer	89
Figura 5: Motivos que levaram a família a visitar o museu	90
Figura 6: Palavras mais mencionadas pelos respondentes que consideram museus espaços de aprendizagem	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de formulários-piloto aplicados nas instituições pesquisadas, no dia 19 de outubro de 2019	51
Tabela 2: Faixa Etária dos respondentes adultos	65
Tabela 3: Faixa etária das crianças referência da pesquisa	66
Tabela 4: Renda Mensal familiar dos participantes da pesquisa	68
Tabela 5: Sexo dos respondentes adultos da pesquisa	69
Tabela 6: Cor ou Raça do respondente	70
Tabela 7: Nível de escolaridade dos respondentes	72
Tabela 8: Nível de escolaridade da criança referência da pesquisa	73
Tabela 9: Meio de transporte utilizado para chegar ao museu	75
Tabela 10: É a primeira vez que a família vem a este museu?	76
Tabela 11: Influência de visitas anteriores ao museu sobre a visita atual	76
Tabela 12: Número de visitas a museus realizadas em 2019 com a criança	77
Tabela 13: Número de visitas a museus realizadas nos últimos 3 meses com a criança	77
Tabela 14: Número de visitas a museus realizadas nos últimos 3 meses sem a criança	78
Tabela 15: Museus como espaço de Lazer	83
Tabela 16: Museus como espaço de Aprendizagem	84
Tabela 17: Participação em atividades educativas dos museus	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O Reino encantado dos museus de ciências!	13
1 OS MUSEUS: DO TEMPLO DAS MUSAS AO ENSINO DE CIÊNCIAS	22
1.1 A origem dos museus e as primeiras instituições museais no Brasil	22
1.2 O conhecimento científico e os museus de ciências	27
2 INTERSEÇÕES: LAZER, CULTURA E MUSEU	31
2.1 O lazer do brasileiro e a frequência a espaços culturais	41
2.2 O público e os estudos de público nos museus brasileiros	43
3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS	47
3.1 Instrumentos de coleta.....	47
3.2 A pesquisa piloto.....	49
3.3 Cálculo amostral e definição da amostra.....	51
3.4 Coleta de dados: a pesquisa de campo	52
3.5 Processos de análises	55
4 A PESQUISA DE CAMPO: O ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG E O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA PUC MINAS	57
4.1 Os museus pesquisados.....	57
4.1.1 O Espaço do Conhecimento UFMG	58
4.1.2 O Museu de Ciências Naturais PUC Minas	61
4.2 Análises do banco de dados	64
4.2.1 Variáveis socioeconômicas	65
4.2.2 Variáveis específicas sobre visitas a museus	75
4.2.3 Análises de correlação e regressão	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO: O REINO ENCANTADO DOS MUSEUS DE CIÊNCIAS!

A Inspiração para esta pesquisa parte da minha trajetória de vida. Quando cursava, em 2007, licenciatura em História, iniciei meu primeiro estágio no educativo do Museu de Artes e Ofícios (MAO), em Belo Horizonte. Naquele momento não havia, no currículo do curso, disciplinas acadêmicas relativas ao campo museal como possibilidade de atuação para licenciados em História, tendo sido no estágio meu primeiro contato com a área. Neste percurso, busquei me aperfeiçoar e conhecer profissionalmente diversas áreas de trabalho em museus, atuando além do educativo.

Já graduada tive a oportunidade de trabalhar na implantação de alguns museus em Belo Horizonte, mais especificamente dos núcleos educativos. Foi possível, nessa trajetória, participar de atividades e discussões amplas sobre o papel educativo nos e dos museus, a profissionalização da área, como melhorar o acesso e a experiência das pessoas nos e aos espaços culturais e a relação dos sujeitos com os museus em seus momentos de lazer.

De acordo com estudos sobre a importância dos museus na formação humana (LEITE; REDDING, 2007; CARVALHO; LOPES, 2016; LEITE, 2004; STUART, 2005), a frequência de visitas a museus é importante para o desenvolvimento da cidadania, como forma de democratizar o acesso a esses espaços e possibilitar novos meios de aprendizagem e relações sociais. Ali, os visitantes têm contato com realidades que possibilitam aprendizagens e podem (re)formular valores, levando à construção de saberes e práticas sociais (CARVALHO; LOPES, 2016), potencializando sua participação em questões político-sociais importantes para a formação cívica do indivíduo (CAZELLI *et al.*, 2003). Nesse sentido, considera-se importante refletir sobre a percepção dos visitantes, sobre quem são eles e o que os motiva a visitar esses espaços em seus momentos de lazer, mais especificamente os museus de ciências.

Apesar das diversas tipologias de museus, os de ciências sempre me chamaram a atenção, talvez pela vivência que tive no atual Museu das Minas e do Metal – MM Gerda. Lá percebi a forma como o papel educativo permeia as ações de um museu, mesmo que a consciência dessa função educativa seja algo recente na história dos museus, despontando concretamente a partir da segunda metade do

século XX com a Nova Museologia e seu diálogo com as ideias construtivistas da educação (MARANDINO, 2008; JÚNIOR; CHAGAS, 2006).

Os museus de ciências apresentam conhecimentos científicos que podem despertar a curiosidade das pessoas, além de serem identificados como instituições propícias à alfabetização científica, uma vez que “entender e se apropriar de conhecimentos científicos envolve interpretar, atribuir significados e analisar os conhecimentos, mas também ter habilidades para tecer as conexões entre o conhecimento adquirido e seu cotidiano” (MARANDINO *et al.* 2018, p. 3). Nesse sentido, entendo que os museus de ciências possam ocupar lugar interessante na construção de conhecimento, propondo atividades interativas, instigantes e que tenham como objetivo a democratização da ciência.

No entanto, nem sempre foi assim. Até o século XIX, os museus eram importantes centros de pesquisa, mas a partir desse momento, surgem sociedades científicas e instituições específicas para esse fim, o que faz com que os museus tenham que repensar seus propósitos científicos, passando a ser espaços de divulgação científica. Para isso, era necessário ampliar o público e modificar a forma como as exposições eram pensadas e estruturadas.

Esse momento é marcado por uma nova forma de se relacionar com os visitantes e também pelo início das atividades interativas. Os museus de ciências começam a propor atividades práticas, em que os visitantes tinham contato com os procedimentos científicos e réplicas, por exemplo, “com a intenção de levá-los a assimilar determinados princípios científicos” (CAZELLI *et al.*, 2003, p. 4).

Nesse sentido, os museus paulatinamente começam a receber o público leigo, e a famílias cada vez mais aumentam sua presença nos museus (JONCHERY, PRAËT, 2014), o que faz com que essas instituições comecem a voltar seu olhar para o entendimento de seus públicos. Quem visita os museus? Por que o fazem? Em que momento? Com quem? Essas e outras perguntas motivaram e ainda influenciam muitos estudos de público realizados pelos e nos museus, assim como este trabalho.

Em busca de entender um pouco mais sobre as famílias que visitam os museus, os processos de aprendizagem que acontecem em espaços culturais e as motivações daqueles que os frequentam, me deparei com questões relativas às práticas de lazer. Me propus, então, a pesquisar mais sobre o tema dos museus e a relação dos públicos

com as instituições, relacionando-os ao lazer, o que me trouxe ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL).

Foram identificados, em pesquisa realizada no site do PPGIEL, menos de uma dezena de trabalhos que relacionam Lazer e Museus. Já na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, da Universidade Federal de Minas Gerais, a busca não trouxe novos elementos, reforçando a importância de mais pesquisas e reflexões dentro do PPGIEL e, conseqüentemente, deste trabalho.

Sendo os Estudos do Lazer uma área recente, o campo ainda está em construção, o que pode indicar a carência de novos estudos que relacionem museus e lazer, também no âmbito internacional, segundo pesquisa realizada por Portela (2015), dentro do próprio PPGIEL

Constatou-se que há poucos trabalhos no âmbito internacional que tratam o binômio museu-lazer nas bases de dados de periódicos eletrônicos utilizados [SCIELO, LILACS, WEB OF SCIENCE] (...). É chamada atenção para a necessidade de maiores pesquisas sobre a relação museu e lazer no intuito de subsidiar ações para construção de políticas públicas de democratização dos espaços museológicos (PORTELA, 2015, p. 17).

Ampliando a pesquisa para plataformas de artigos acadêmicos, são inúmeros¹ os trabalhos que têm as palavras-chave “lazer” e “museus” nas plataformas *Web of Science*, SCIELO, portal CAPES e *Google Acadêmico*. Ao fazer a pesquisa dos termos em inglês e conjugados – “*leisure*” e “*museum*” – no portal CAPES aparecem 31.542 estudos, mas não necessariamente que trabalham os museus como espaços de lazer. Esses números são indícios da importância de novos trabalhos que relacionem questões como museus, aprendizagem e lazer de forma a construir e consolidar novos saberes nas áreas de estudo apontadas.

Inserida na linha Identidade, Sociabilidades e Práticas de Lazer do PPGIEL, a pesquisa reflete sobre museus universitários de ciências como espaços de lazer e aprendizagem. Dentro desta linha de pesquisa é possível pensar os museus de forma ampla e multidisciplinar, permitindo caminhos diversos, entrecruzamentos e reflexões de áreas que são pouco estudadas de forma conjunta, nos museus: o lazer e a

¹ A pesquisa retornou 17.603 trabalhos que mencionam a palavra “museu” no portal de periódicos da CAPES e outros 672 mil no portal *Google Acadêmico*. Já pela palavra “lazer”, os resultados obtidos foram aproximadamente 541 mil menções no *Google Acadêmico* e outras 17.336 ocorrências no portal CAPES. Consultas realizadas em 27 de abril de 2020 às 12h06.

aprendizagem sob a ótica de famílias que visitam de forma espontânea as instituições escolhidas para o estudo.

Apono aqui breves reflexões sobre os museus no Brasil, seus visitantes e algumas características já identificadas em outras pesquisas de público realizadas no país.

Embora tenham sido encontradas algumas pesquisas, os estudos de público são relativamente recentes, sendo que, no Brasil, a maior parte deles são voltados a entender aqueles que já visitam museus. Para Koptcke

os estudos de público podem ser descritos como processos de obtenção de conhecimento sistemático sobre os visitantes de museus, atuais ou potenciais, com o propósito de empregar o dito conhecimento na planificação e pôr em marcha atividades relacionadas com os distintos grupos de visitantes (KOPTCKE, 2012, p. 215-216).

Ao propor estudos de público com aqueles que já visitam os espaços, muitos podem ser os objetivos da pesquisa. Dentre eles, é comum o objetivo de descrever o perfil e as formas de apropriação dos visitantes para com o museu, além de buscar acompanhar o fluxo e a dinâmica das visitas.

Ainda segundo a mesma autora, as primeiras pesquisas de público eram feitas através dos livros de visitação, sistema no qual um funcionário do museu ou o próprio público registrava alguns dados no caderno, antes ou após a visita. No Brasil, essa forma de registro já acontecia na primeira década do século XX, já que a pesquisadora encontrou referências à visitação de museus no 1º Anuário Estatístico do Brasil, que dizia respeito aos anos de 1908 a 1912. Essas informações eram fornecidas pelas próprias instituições museais em relatórios anuais enviados às autoridades (KOPTCKE, 2012; 2010).

Os registros ficam cada vez mais robustos e, após a Segunda Guerra Mundial, cresce o interesse em saber como as pessoas ocupavam seu tempo livre, como a informação circulava e afetava os indivíduos. Isso culmina em estudos mais densos a partir das décadas de 1960 e 1970, período em que Bourdieu e Darbel (2007) realizaram seu clássico estudo de públicos de museus na Europa: *O Amor pela Arte*.

Atualmente, é difícil traçar um perfil de público específico de museus brasileiros de forma generalizada. Há, no entanto, diversos estudos que buscam traçar pontualmente o perfil desses visitantes e que permitem algumas inferências a partir

dos resultados obtidos como forma de iniciar as reflexões a que me proponho no trabalho.

Os dados encontrados não podem ser tomados de forma geral, apesar de apresentarem muitas semelhanças. Pode-se citar, aqui, alguns exemplos de pesquisas realizadas em museus do país: sobre o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Moreira Júnior e Kuperman (2012) identificaram que a maior parte dos frequentadores são mulheres jovens, entre 21 e 30 anos, com renda familiar entre R\$ 6.000 e R\$ 12.000 mensais. No Museu da Vida, também no Rio de Janeiro, Damico *et al.* (2010) identificaram o sexo feminino como predominante dentre os visitantes espontâneos das exposições, representando 74% do total de visitas recebidas pela instituição, sendo a faixa etária predominante de jovens, entre 20 e 29 anos. Do total de visitantes que participaram da pesquisa, 36% tinham no mínimo ensino superior completo, apontando alta escolaridade. Ainda sobre museus do Rio de Janeiro, Degelo (2009) indica que em pesquisa realizada em 11 museus da cidade os visitantes são majoritariamente mulheres brancas entre 30 e 39 anos. Em consonância com esses resultados, Faria (2015) desenvolveu pesquisa no Instituto Inhotim, museu de arte contemporânea situado na região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e identificou que o público que visita o espaço é, também, majoritariamente feminino (57,1% dos respondentes), com idade média de 39 anos e alto nível de escolaridade (49,3% eram universitários e 25,7% pós-graduados). Em Belo Horizonte, o Circuito Liberdade, do qual um dos espaços escolhidos para esta pesquisa faz parte, realizou estudo de público em todos os equipamentos que o compõem. Foi identificado que 60% do público é do sexo feminino, tem faixa etária entre 18 e 29 anos (34,9%) e ensino superior completo (47,2%) (INSTITUTO, 2016), o que corrobora as demais pesquisas de público aqui indicadas.

A partir destes breves apontamentos de estudos de públicos já realizados no Brasil, pode-se inferir um certo padrão de visitantes de museus brasileiros: maior predomínio de mulheres, com alta escolaridade, renda acima da média nacional e relativamente jovens, o que está em consonância com os dados obtidos por Bourdieu e Darbel (2007) na Europa da década de 1960. A partir disso, me pergunto se o perfil de visitantes de museus universitários de ciências em Belo Horizonte também segue esse padrão e quais seriam as justificativas para esses resultados? Para refletir sobre

esses apontamentos, entendo ser interessante uma breve discussão sobre a localização dos museus em território nacional e o acesso a essas instituições.

Houve, nas últimas décadas, um aumento significativo do número de museus no mundo e, no Brasil, não foi diferente. Segundo Faria (2017), nas últimas décadas foram inaugurados mais de 1.000 museus em todo o território nacional. Dessas novas instituições, a maior parte está na região sudeste, sendo muitas em Belo Horizonte: Museu de Ciências Naturais da PUC Minas (1983), Museu da Força Expedicionária Brasileira (1988), Museu dos Brinquedos (2006), Museu de Ciências Morfológicas da UFMG (1997), Espaço do Conhecimento UFMG (2010), Museu de Artes e Ofícios (2005) e tantos outros.

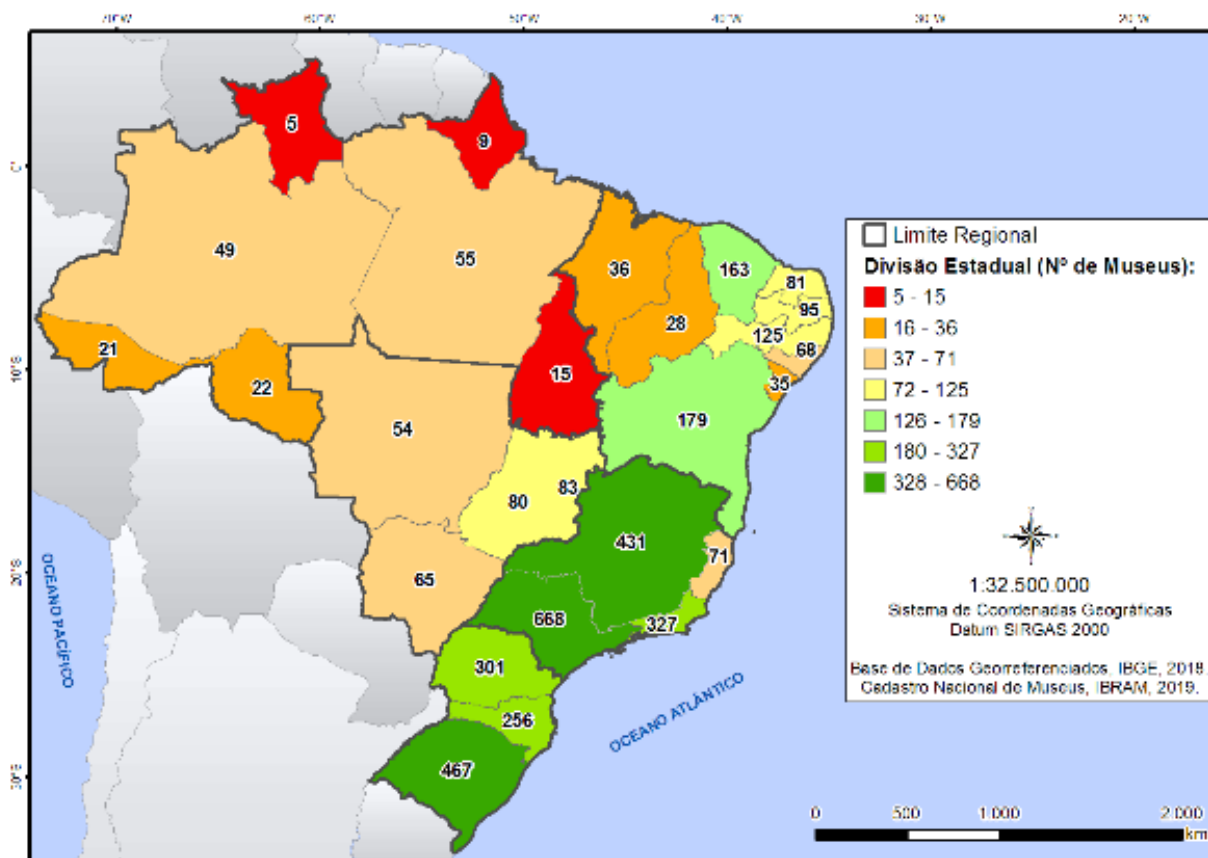
Para efeito de comparação e exemplificação do volume de museus criados nas últimas décadas, segundo a Superintendência de Museus de Minas Gerais (2018, p. 17) “se estimava, nos anos 2000, cerca de 164 museus, que estavam situados em 92 dos 853 municípios de MG”. Já em 2003 havia 202, distribuídos em 103 municípios do estado, o que representa um crescimento de 38 museus em apenas três anos.

De acordo com o Cadastro Nacional de Museus, criado em 2006, atualmente o Brasil possui 3.793 museus e centros culturais,² estando 431 em Minas Gerais, conforme indicado na FIGURA 1. Esse número faz com que o estado seja o terceiro com maior número de museus no país, atrás de São Paulo e Rio Grande do Sul, respectivamente. Porém, isso não significa que o acesso seja amplo e irrestrito. Segundo o então Ministério da Cultura, em pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, em 2013 apenas 14,9% da população brasileira visitou museus ou centros culturais, o que, segundo a pesquisa, pode ter algumas razões, dentre elas a falta de hábito em frequentar essas instituições e também a falta de instituições museais em muitos municípios brasileiros.³

² Disponível em: <https://www.museus.gov.br/sistemas/cadastro-nacional-de-museus/>. Acesso: 14 maio 2020 às 10h41.

³ Dado retirado do site do Ministério da Cultura: <https://goo.gl/m0FexU>. Consulta feita em 09 de fevereiro de 2019 às 09h19min.

Figura 1: Distribuição espacial de museus pelas unidades federativas brasileiras



Fonte: Produção própria, a partir de dados do Cadastro Nacional de Museus.

É possível notar certa concentração de espaços disponíveis para usufruto da população, ao analisar os dados apresentados pelo Cadastro Nacional de Museus, pois 40% deles estão concentrados nos quatro estados que compõem a região sudeste, totalizando 1.497 museus.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa sobre indicadores culturais no Brasil entre os anos de 2007 e 2018, 32,2% da população brasileira vivia em municípios que não tinham nenhum museu em 2018. Ainda segundo a pesquisa, considerando-se o nível de escolaridade dos habitantes, aqueles que possuem baixa escolaridade, ou seja, pessoas que não completaram o ensino fundamental, são maioria nos municípios que não dispõem de algum equipamento cultural (museu, cinemas, livrarias ou centros culturais) (IBGE, 2019).

A partir destas reflexões e apontamentos sobre quem são os visitantes e onde estão situados os museus no Brasil, me surgiram muitas questões sobre o atual cenário de frequência de visitas a esses espaços em Belo Horizonte. No entanto, não

seria possível fazer um panorama das instituições museais belo-horizontinas. Na cidade há dezenas de museus, com uma multiplicidade de temas e objetivos, dificultando um estudo mais amplo, considerando o período disponível para a realização desta pesquisa. Assim, foi feita a escolha de investigar apenas duas instituições na cidade e, para isso, foi necessário definir critérios para seleção daquelas que comporiam este trabalho.

No decorrer das leituras e das reflexões sobre os caminhos que percorreria, retomei e assumi o meu interesse pessoal pelos museus de ciências, mais especificamente por aqueles vinculados a universidades. Foram escolhidos o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas e o Espaço do Conhecimento UFMG. Para nortear a escolha, definiram-se dois pré-requisitos básicos: serem museus de ciências e vinculados a universidades, ou seja, definidos como museus universitários de ciências. A partir disso, elencou-se alguns dos museus de Belo Horizonte que atendiam a esses requisitos, perfazendo um total de 11 museus universitários de ciências para, então, definir aqueles que seriam pesquisados. Dentro da multiplicidade de instituições identificadas, a maior parte delas está vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).⁴ Foi registrada apenas uma não abrigada pela UFMG, e agremiada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). A partir dessa realidade, foram selecionados o Espaço do Conhecimento UFMG (EC) e o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas (Museu da PUC).

Chagas (2012, p. 5) percebe o museu como “metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes, ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque”. É interessante pensar essa metáfora a partir dos museus de ciências, que têm um papel significativo na construção de saberes, pois através deles é possível acessar, interagir e compreender o conhecimento científico.

Assim, a pergunta central a que me proponho responder é: É possível estabelecer relações entre lazer e aprendizagem em museus a partir da percepção de

⁴ Em pesquisa na internet, nos sites oficiais da Universidade, identificou-se as seguintes instituições: Museu de Ciências Morfológicas, Museu de História Natural e Jardim Botânico, Estação Ecológica, Centro de Memória da Veterinária, Centro de Memória da Odontologia, Centro de Memória da Medicina, Centro de Memória da Farmácia, Centro de Memória da Escola de Enfermagem e Centro de Coleções Taxonômicas. Há outros espaços de memória vinculados à universidade, mas optou-se por não elencar todos aqui. Informações extraídas do site da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php>. Acesso: 16 abr. 2020 às 12h23.

famílias com crianças que visitam dois museus universitários de ciências em Belo Horizonte? O objetivo geral do trabalho foi, portanto, verificar se, a partir da percepção desse público, é possível estabelecer tais relações entre lazer e aprendizagem, identificando aspectos que podem influenciar esta prática. Para isso, traçou-se alguns objetivos específicos para condução da pesquisa: Traçar o perfil das famílias; verificar a frequência com que visitam museus com as crianças; entender como percebem os museus em relação ao Lazer e a Aprendizagem; verificar se o perfil identificado é semelhante nos dois museus pesquisados.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais.

No capítulo 1 irei traçar um breve histórico da constituição dos museus, culminando na contemporaneidade, dando ênfase aos museus de ciências. No segundo capítulo apresento algumas reflexões teóricas que embasaram a análise dos dados e as reflexões sobre lazer, cultura, aprendizagem e hábitos culturais do brasileiro. Já no terceiro capítulo, indico os percursos metodológicos da pesquisa e no quarto apresento as duas instituições onde o trabalho foi desenvolvido, os dados coletados e respectivas análises, à luz dos referenciais teóricos escolhidos para condução. Nas considerações finais teço algumas reflexões a partir do percurso e análises realizadas durante a pesquisa, retomando as questões apontadas durante o trabalho em relação aos museus, o lazer e a aprendizagem sob a perspectiva dos visitantes.

1 OS MUSEUS: DO TEMPLO DAS MUSAS AO ENSINO DE CIÊNCIAS

1.1 A origem dos museus e as primeiras instituições museais no Brasil

São muitas as formas e fontes onde buscar a definição de museus, como nos aponta Aguiar (2018): no dicionário, em artigos científicos, em publicações e *sítes* de organismos internacionais, agências reguladoras, universidades e nas próprias instituições museais. Pode-se dizer que a definição de museu é tarefa árdua e complexa, mas sabe-se que “os museus sempre tiveram um papel importante na sociedade, como guardiões da memória e do patrimônio dentro do contexto social e cultural das comunidades e lugares.” (AGUIAR, 2018, p. 17). Para este trabalho, considera-se a atual definição utilizada pelo ICOM – Conselho Internacional de Museus, mesmo que o próprio Conselho esteja revendo-a:⁵

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007).⁶

Segundo Julião (2006), a palavra *museu* deriva do grego *mouseion*, denominação dada ao templo das nove musas filhas de Zeus e Mnemosine. Esse templo era, segundo a mitologia grega, dedicado ao estudo científico e à contemplação. Cada uma das nove musas representava uma expressão artística: Calíope, musa da poesia épica; Clio, da História; Erato, da poesia lírica; Euterpe, da música; Melpômene, da tragédia; Thália, da comédia; Terpsícore, da dança; Urânia, da astronomia e astrologia e, por fim, Polímnia, do hino sagrado.

As primeiras notícias de instituições semelhantes aos atuais museus são encontradas em Alexandria, no Egito, datadas de aproximadamente 280 a.C. (INSTITUTO, 2014; ALMEIDA, 2001) e configurava-se como um “templo do saber, com exposições de arte, biblioteca, anfiteatro, jardim botânico e observatório”

⁵ Conforme aponta o *site* oficial da instituição, o ICOM lançou uma consulta pública aos profissionais e acadêmicos da área em busca de reformular o atual conceito do Museu do século XXI. Foi possível responder ao questionário até o dia 17 de janeiro de 2020, a partir daí, respostas serão compiladas e posteriormente apresentadas em um relatório público. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?p=1863>. Consulta realizada em: 25 jan. 2020.

⁶ Disponível em: <http://icom-portugal.org/2019/09/10/sobre-a-proposta-da-nova-definicao-de-museu/>. Consulta realizada em: 26 jan. 2020 às 10h56.

(INSTITUTO, 2014, p. 4). Também há notícias dessas instituições durante o Império Romano, onde os saques oriundos das conquistas de territórios passaram a fazer parte de um vasto acervo de coleções que representavam o poderio e o triunfo romano. É interessante salientar que em ambos os exemplos as coleções e exposições eram vinculadas e mantidas pelo Estado (INSTITUTO, 2014) Segundo Almeida,

o *mouseion* se apresenta como antecessor de centros pluridisciplinares de hoje, e a *pinakothéke*, onde eram guardadas as obras de arte, estandartes, troféus e tesouros, representa historicamente uma instituição mais parecida com a concepção de museu tradicional (ALMEIDA, 2001, p. 19).

Para a pesquisadora, o *mouseion* de Alexandria era uma mescla do que hoje entendemos por museu e por universidade.

As universidades surgem, na Europa, na Idade Média, quando grupos de letrados se reuniam para estudos, debates e pesquisas. A partir do século XIII, esses grupos são oficialmente reconhecidos pelas autoridades, porém só recebem o título de universidades a partir do século XIV (ALMEIDA, 2001). É importante entender esse processo de criação das universidades e dos museus para posteriormente compreender a criação das primeiras coleções universitárias, que dependiam de uma estrutura organizada e locais fixos para recebê-las e acondicioná-las. Posteriormente, muitas dessas coleções dariam origem a museus universitários de ciências, como foi o caso do *Ashmolean Museum of Oxford*, em 1683, na Inglaterra, fruto da doação de uma grande coleção particular à Universidade de Oxford. Esse é considerado o primeiro museu universitário do mundo (ALMEIDA, 2001).

Apesar da origem na antiguidade clássica, o termo *museu* foi pouco utilizado durante séculos, tendo sido retomado apenas no século XV, com a proliferação dos Gabinetes de Curiosidades, que tomaram força com as Grandes Navegações⁷ (JULIÃO, 2006, p. 18).

⁷ Segundo Guedes (2016), as Grandes Navegações, período também conhecido como Era dos Descobrimentos, foi a época em que países europeus, capitaneados por Portugal e Espanha, exploraram os mares e oceanos em busca de novas rotas comerciais entre os séculos XV e XVII. Foi um período de grande desenvolvimento científico e tecnológico, principalmente no que se refere a técnicas de navegação, contato com fauna e flora antes desconhecidas pelos europeus, exploração de terras para cultivo de matéria-prima etc.

Eram denominadas de Gabinetes de Curiosidades grandes coleções principescas, formadas pelo acúmulo de itens das mais variadas origens e tipologias, expostos e organizados em grandes salões de propriedade dos nobres europeus. Nos Gabinetes não havia uma reserva técnica onde as coleções ficassem armazenadas, ficando todo o acervo exposto em grandes exposições.

Segundo Raffaini (1993), havia todo tipo de objeto: animais exóticos empalhados, peças de numismática, indumentárias, mapas, pinturas, fotografias, itens arqueológicos, conchas, animais empalhados, plantas etc. Essas coleções pertenciam a personalidades da nobreza e/ou ao Estado e serviam como representação de seu poderio e superioridade de acesso a itens exóticos, vindos principalmente do Novo Mundo.⁸ Elas eram a representação do mundo em um pequeno espaço, uma expressão sintética de tudo que se conhecia sobre ele e seus povos, culturas, fauna e flora (MARANDINO, 2010; PÔSSAS, 2006).

Essas coleções poderiam ser consideradas o símbolo da supremacia europeia em detrimento dos demais povos subjugados nas colônias, o que pode estar relacionado, também, ao entendimento de cultura à época, como será apontado no decorrer do trabalho. Os itens encontrados nos Gabinetes de Curiosidade:

Traziam aos seus colecionadores a satisfação da curiosidade gerada pelo conhecimento do oriente e pela descoberta do Novo Mundo. Possuir exemplares do que existia em lugares tão longínquos, representava uma espécie de controle, poder e glória através do conhecimento, além de trazer a possibilidade de se compreender o processo divino de criação do mundo (PÔSSAS, 2006, p. 18).

Como se pode ver, historicamente a trajetória dos museus está relacionada às classes dominantes (CHAGAS, 2011). Até fins do século XVIII, o acesso aos Gabinetes de Curiosidades era restrito a convidados ilustres e acadêmicos, tendo como objetivo a contemplação (RAFFAINI, 1993). A partir de fins do século XVIII e com a afirmação da burguesia como classe dominante, o acesso é ampliado, porém ainda com fins específicos.

Nesse momento têm início a sistematização e organização das coleções, a especialização dos estudos e novos procedimentos de coleta e conservação, o que

⁸ Novo Mundo era a forma como eram conhecidos os novos continentes e terras “descobertas” pelos europeus nas Grandes Navegações, principalmente as Américas (GUEDES, 2016).

faz com que essas instituições comecem a ser entendidas como polos de produção do conhecimento científico. Ali, passam a trabalhar especialistas em diversas áreas da ciência, que catalogam e pesquisam os itens do vasto acervo dos Gabinetes de Curiosidades. Nesse processo, podemos dizer que se tem início a transição dos Gabinetes para o que futuramente passariam a ser museus de ciência e história natural (PÔSSAS, 2006). Para Cazelli *et al.* (2003), os primeiros museus de ciências surgem a partir da organização das coleções pré-existentes nesses locais, com profunda ligação com a academia, não se ocupando do público leigo.

Em fins do século XVIII, os museus passam por uma importante transformação com a Revolução Francesa, e seu papel como ferramenta de dominação cultural é reafirmado. A partir de então os novos grupos que ocupam o topo da hierarquia social e econômica passam a se apropriar desses espaços: “a nova classe, a burguesia, via nos museus um local que deveria refletir o seu estabelecimento” (INSTITUTO, 2014, p. 22), ou seja, que reafirmasse seu poder e posição na pirâmide social. Segundo Marandino (2008) esse período é marcado pela

progressiva entrada de um público mais amplo, e de classes sociais diferenciadas, nos recintos museológicos. Foi como parte de um projeto de nação, em um esforço de modernização da sociedade, que em fins do século XVIII o museu passou a ser considerado como um lugar do saber e da invenção artística, de progresso do conhecimento e das artes, onde o público poderia formar seu gosto por meio da admiração das exposições (MARANDINO, 2008, p. 9).

Segundo Julião (2006), entre fins do século XVIII e meados do século XIX existiam, basicamente, duas grandes tipologias de museus: aqueles dedicados a enaltecer a história e a cultura da nação, aos moldes do Museu do Louvre, em Paris, e aqueles com propósitos científicos, principalmente relacionados à teoria da evolução, tendo como principal exemplo o Museu Britânico, em Londres, ambos criados no século XVIII.

Esses museus assumiram oficialmente o papel de instituições de pesquisa, estando vinculados a universidades, escolas superiores e ao governo, que financiava grande parte das instituições. Com relação aos museus de ciência e história natural, “incorporam de vez o caráter científico, ou seja, destinados à elaboração do conhecimento baseado em observações, pesquisas e construções teóricas” (PÔSSAS, 2006, p. 29).

Já no século XIX foram inúmeros os museus de ciências criados ao redor do mundo, e na América Latina não foi diferente: Museu de História Natural e Museu Bernardino Rivadavia de Ciências Naturais, na Argentina; Museu Nacional de Bogotá, na Colômbia; e Museu de História Natural e Antropologia, no Uruguai. Já no Brasil, o primeiro museu fundado foi obra de D. João VI, em 1818, 10 anos após a corte portuguesa se instalar no Rio de Janeiro. Com uma coleção majoritariamente de história natural, o Museu Real, atual Museu Nacional, foi o primeiro de muitos outros fundados no Brasil no mesmo período. Segundo Santos (2004), no século XIX o Brasil possuía cerca de 10 museus, sendo a maior parte de história natural, como o já mencionado Museu Nacional e o Museu Paraense Emílio Goeldi, fundado em Belém/PA, no ano de 1866.⁹

Essa perspectiva de museus universais, centrados na ideia do evolucionismo e da sustentação das teorias científicas da época perdurou, no Brasil, até as primeiras décadas do século XX, com a fundação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1922, órgão antecessor do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (SANTOS, 2004; JULIÃO, 2006).

Segundo Pôssas (2006), nesse momento há uma mudança significativa na função dos museus, com a criação das primeiras sociedades científicas no Brasil, que tomam para si o papel de produtoras e detentoras do conhecimento científico especializado, esvaziando muitos dos museus de sua função inicial. Assim, os museus precisam se reinventar e começar a se aproximar do público leigo, para quem poderiam expor o conhecimento científico produzido externamente a ele, nas sociedades e universidades.

Pode-se dizer que é nesse momento que as universidades passam a criar ou cuidar cada vez mais de museus, formando museus universitários como forma de propagar o conhecimento ali produzido. Mas o que seriam os museus universitários? Segundo Almeida (2002),

⁹ É preciso pontuar a importância desses museus pioneiros na história brasileira. Ao Museu Nacional eram enviados espécimes coletados em todo o território nacional com intuito de formar grandes coleções sobre o Brasil e dar subsídios para pesquisas. Lá foram criados cursos de pós-graduação reconhecidos mundialmente. Segundo o site da instituição, o Museu Nacional oferece cursos de mestrado e doutorado em Antropologia Social, Arqueologia, Botânica, Zoologia etc. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/posgraduacao.html>. Consulta realizada em: 03 fev. 2020 às 20h26.

costuma-se denominar museu universitário todo museu e ou coleção que esteja sob responsabilidade total ou parcial de uma instituição de ensino superior e/ou universidade, incluindo a salvaguarda do acervo, os recursos humanos e espaços físicos para mantê-lo (ALMEIDA, 2002, p. 205).

A formação de museus universitários geralmente se dá a partir de quatro processos: pela doação de coleções preexistentes à instituição, pela coleta e aquisição de novos acervos, pela compra de coleções externas ou até mesmo pela combinação de um ou mais desses processos (ALMEIDA, 2001).

Pode-se dizer que os museus universitários têm por objetivo o ensino, a pesquisa, a extensão e a divulgação dos conteúdos estudados dentro da universidade e a interface com a comunidade. No entanto, apesar disso, não se pode dizer que ele é feito exclusivamente para a comunidade acadêmica, até mesmo porque “estudantes de áreas diferentes são tão leigos como o público geral, ou seja, um estudante de química sabe tanto sobre arte quanto qualquer pessoa do grande público” (ALMEIDA, 2001, p. 37).

Atualmente, os museus universitários se abriram para a sociedade como um todo, estando, inclusive, situados longe dos *campi*, como é o caso do Espaço do Conhecimento UFMG, do Centro Cultural da UFMG e do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, todos em Belo Horizonte. Ainda segundo Almeida (2002), a maior parte do público que visita os museus universitários não faz parte da comunidade universitária, não se podendo, assim, afirmar que “um museu universitário serve prioritariamente ao público universitário” (ALMEIDA, 2002, p. 215).

O processo de constituição, abertura e acesso aos museus foi bastante complexo e longo, com propósitos específicos em cada momento, que evoluiu juntamente com o entendimento que os próprios museus têm de si. A seguir, serão apontados alguns elementos sobre o conhecimento científico e os museus no Brasil.

1.2 O conhecimento científico e os museus de ciências

Assim como o acesso aos museus era restrito às elites, o conhecimento científico também o foi. Até o século XIX, no Brasil, o conhecimento científico era “uma atividade ligada às elites reunidas nos recém fundados museus (Nacional, Paraense, Botânico), instituições (...) financiadas pela Coroa” (CALAZANS, 2018, p. 144). Com o tempo, a produção científica começa a migrar para sociedades científicas e

universidades, externas aos museus, o que fez com que repensassem sua relação com os conteúdos e o público. Os museus passam, então, a ser o local de encontro entre a teoria, a prática e os visitantes.

A partir do período pós Segunda Guerra Mundial há uma mudança nesse percurso, quando os museus passam a “incorporar as questões relativas à vida cotidiana das comunidades, as lutas pela preservação do meio ambiente e a memória de grupos sociais específicos” (HOFFMAN, 2014, p. 541). As exposições e os interesses dos museus começam a se diversificar, dando espaço para novos tipos e formas de se relacionar com a cultura e o conhecimento.

Esse processo aconteceu ao longo do século XX e aproximou os museus do ensino escolar, fortalecendo seu papel educativo e complementar ao que era apresentado em sala de aula (PÔSSAS, 2006). O museu passa a ser visto, então, como difusor do conhecimento científico por meio da mediação entre público leigo e os conteúdos expositivos.

Em meados do século XX, o público começa a ser considerado na constituição das exposições, pois acreditava-se que o museu poderia ser importante ferramenta para “educar o cidadão comum (educação de massa) e fazer com que o público conhecesse e experimentasse o progresso científico e tecnológico” (CAZELLI *et al.*, 2003, p. 3). Vale salientar que, nesse momento, os museus passam a considerar conteúdos de interesse da população, mas as exposições ainda são pensadas e produzidas pelos próprios profissionais do museu, sem participação ativa da sociedade.

É nesse período que é fundado o Conselho Internacional de Museus – ICOM – em 1948, alinhado às ideias trazidas da Nova Museologia.¹⁰ O público deixa de ser coadjuvante na experiência museal e passa a ser decisivo para as tomadas de decisões (MARANDINO, 2008). A partir de então, começam a ser percebidos como espaços democráticos e de manifestação da cidadania, até que em fins do século XX e início do XXI eles passam

¹⁰ Para a museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos (2002), o Movimento da Nova Museologia é “um dos momentos mais significativos da Museologia Contemporânea, por seu caráter contestador, criativo, transformador, enfim, por ser um vetor no sentido de tornar possível a execução de processos museais mais ajustados às necessidades dos cidadãos, em diferentes contextos, por meio da participação, visando ao desenvolvimento social”(SANTOS, 2002, p. 94).

por um processo de democratização, de ressignificação e de apropriação cultural. Já não se trata apenas de democratizar o acesso aos museus instituídos, mas sim de democratizar o próprio museu compreendido como tecnologia, como ferramenta de trabalho, como dispositivo estratégico para uma relação nova, criativa e participativa com o passado, presente e futuro (CHAGAS, 2011, p. 5).

Para Calazans (2018), os conteúdos científicos são fundamentais para o entendimento da vida e do cosmos e, para tanto, é importante que teoria e prática andem juntas, se completando, e estejam presentes na educação das crianças. Porém, é comum que o ensino de ciências seja delegado quase que exclusivamente à escola, onde é apresentado via “textos, relatos, exposições orais e, algumas vezes, vídeos e – mais raramente – laboratórios ou estudos do meio” (CALAZANS, 2018, p. 144-145). A situação se agrava ainda mais em escolas periféricas, em geral públicas, onde o contato do aluno com o conhecimento científico se restringe ao livro didático e à fala do professor (CALAZANS, 2018).

Dessa maneira, é importante pensar nos museus de ciências como meio de acesso ao conhecimento e à educação científica, apresentando os conteúdos de forma lúdica, interativa e distinta da que habitualmente as crianças e jovens têm acesso. Isso coloca os museus de ciências em um lugar importante na educação e formação cidadã, pois, segundo Calazans (2018), o museu não tem por objetivo substituir o ensino formal, mas pode ser visto como complementar à educação escolar.

Os museus e centros de ciências podem ser entendidos como importante ferramenta para o processo de alfabetização científica, entendido aqui não de forma estanque, mas de forma contínua, de acordo com o apontado por Marques e Marandino (2018). Para elas, “o objetivo da alfabetização científica é formar cidadãos, e não preparar futuros especialistas; para tanto, é necessária a imersão dos estudantes em uma cultura científica, o que supera o ensino focado em aspectos estrita e exclusivamente conceituais” (MARQUES; MARANDINO, 2018, p. 5). Assim, é importante que a divulgação científica seja múltipla e que o contato com ela não seja apenas através da escola, mas também através de museus, zoológicos, jardins botânicos, parques etc.

A partir da interação com o público, de novas propostas museológicas e da evolução no entendimento da ciência e sua importância na vida das pessoas, foram

se construindo os atuais museus de ciência, em que o foco são as ideias, os conceitos, a interação e a vivência e não os objetos em si:

Um dos principais objetivos desses museus é a transmissão de ideias e conceitos científicos, mais do que a contemplação de objetos ou a história do desenvolvimento científico. A comunicação entre visitantes e a ciência é mediada por uma maior interatividade com os aparatos. O uso do recurso da mediação humana nas salas de exposição também será uma característica (CAZELLI *et al.*, 2003, p. 3).

Nesse sentido, para sensibilizar os visitantes e serem efetivos na construção de conhecimento, os museus precisam ser atraentes, instigantes, motivadores. É preciso que afetem e sejam afetados a cada visita. Para isso, é importante que considerem não só os conteúdos científicos, mas a forma como os visitantes interagem com eles.

Chagas (2012) percebe o museu contemporâneo como espaço de tensões, espaço de lutas e antagonismos, uma vez que devem deixar de ser espaço de controle social e passar a ser um espaço para debates e representações múltiplas da sociedade, podendo ser meio para a efetiva democratização dos saberes e culturas. Cada vez mais os museus passam a ser espaços de debates, reflexões, de exposição de múltiplos conhecimentos, culturas e pontos de vista. Os museus de ciências, por exemplo, passam a expor diversas linhas de pesquisa, refletindo os avanços conquistados no e pelo conhecimento científico.

Atualmente, os museus são importante ferramenta de acesso e representação cultural e científica e se apresentam como fonte de informação e descobertas, que proporcionam vivências únicas (LEPORO, DOMINGUEZ, 2011). São espaços em que é possível refletir sobre o passado, perceber o presente e pensar o futuro que a sociedade está construindo.

De forma a refletir sobre os museus e seus públicos e pensar possíveis relações com o lazer familiar, fazem-se necessárias algumas reflexões teóricas que permitam relacionar os públicos de museus universitários de ciência aos estudos do lazer, conforme será apresentado a seguir.

2 INTERSEÇÕES: LAZER, CULTURA E MUSEU

Este capítulo foi elaborado por meio de consulta bibliográfica aos temas-chave para o desenvolvimento da pesquisa em tela. A partir da definição atual de museus, e por meio de perspectivas teórico-metodológicas diversas, traçou-se um breve percurso da conceituação de lazer, relacionando-o ao conceito de cultura, culminando com os hábitos de lazer dos brasileiros e os estudos de público de museus no país.

Como apontado no capítulo anterior, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) compreende museu como uma instituição sem fins lucrativos a serviço do desenvolvimento da sociedade que “adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos dos povos e seu ambiente” (DESVALÉES; MAIRESSE, 2016, p. 36). Assim, é possível pensar esse espaço a partir da perspectiva da aprendizagem e do lazer.

O lazer é um campo de estudos relativamente recente, tendo recebido mais atenção, no Brasil, a partir dos anos 1970, quando alguns grupos de pesquisa vinculados a universidades e ao Serviço Social do Comércio (SESC) passaram a se debruçar sobre os estudos e formação profissional para a área (SILVA, 2017; ISAYAMA, LACERDA, 2010; GOMES, 2008). O campo de estudos do lazer é multidisciplinar, e ainda é possível identificar algumas lacunas na produção de conhecimento sobre a temática, pois há muito o que se pesquisar, muitas disciplinas a relacionar, muitos pontos a investigar (MAGNANI, 2018; GOMES, 2018; MELO, 2010). Porém, mesmo com lacunas e pontos profícuos para estudos futuros e em curso, segundo Sousa e Melo (2009):

O conceito de lazer tem sido debatido e reconstruído em seu campo específico de estudos, desde a ideia de “tempo livre” que não apreende a complexidade do objeto, até as discussões que o consideram construção cultural, fenômeno social e, no Brasil, direito social defendido em constituição. Compreendo o lazer mais do que um tempo residual do tempo de trabalho, mas um tempo de liberdade, tempo potencial para o exercício de escolhas que pode efetivamente ser preenchido (ou não) por atividades ou manifestações culturais (SOUSA; MELO, 2009, p. 2).

Seria, então, no tempo de lazer que, na sociedade capitalista contemporânea, os sujeitos têm liberdade para efetivamente controlar o que fazer, decidindo a melhor forma de usufruir desse tempo. Assim, não seria possível apreender o lazer de forma isolada, apenas como contraponto ao trabalho, mas de forma dialógica e integrada

com as demais esferas da vida. Para Soutto Mayor e Isayama o lazer deve ser compreendido “como manifestação histórico-cultural intrínseca às complexidades da vida em sociedade” (2017, p. 19).

Segundo Gomes (2008), o lazer é composto por quatro elementos fundamentais e interrelacionados: o tempo, o espaço, as manifestações culturais e a ludicidade. Sendo os museus espaços onde é possível se expressar e interagir social e culturalmente através de jogos, brincadeiras, diálogos, imaginação, eles podem ser considerados espaços de lazer e meio de acesso e produção cultural (LOPES, 2014). Para Gomes, o lazer pode ser definido

como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2008, p. 125).

Como pontua a autora, é importante pensar as manifestações culturais e a cultura no plural, de forma múltipla e multifacetada, dinâmica, em constante (re)construção e resignificação por parte dos agentes culturais.

São muitos os entendimentos que se tem de cultura, porém aqui não estarão apontadas todas as possibilidades. Serão indicados alguns de seus percursos históricos, abrangendo as múltiplas formas de definição e entendimento em sua complexidade, principalmente nas Ciências Sociais (VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 2008) de modo a refletir sobre as abordagens selecionadas para este estudo.

A cultura no século XVIII era entendida de duas formas distintas (GOMES, 2006; VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 2008): ela podia ser vista tanto como aquilo que difere um grupo de outro, como aquilo que define as características universais dos homens. No primeiro ponto de vista, a cultura é compreendida como o conjunto de elementos que une um grupo em torno de características, ritos e costumes comuns, diferenciando-os de outros que não comungam dos mesmos traços, como o que é comum apenas aos membros de um grupo. Já no segundo, é percebida de forma mais ampla, como “um suposto patrimônio comum à humanidade”, de forma universal (GOMES, 2006, p. 2). Apesar de muito distintas entre si, elas têm um ponto em comum: a noção de que cultura é algo cultivado no homem, não é natural dele e,

portanto, estaria ligada à ideia de formação e conhecimento, reforçando a ideia de que cultura é algo que se tem ou não. Essa percepção está ligada à relação entre as colônias e suas metrópoles, onde os europeus entendiam-se adiantados, evoluídos culturalmente e teriam o dever de levar sua cultura para os povos colonizados que, sob esse ponto de vista, estariam atrasados culturalmente. As culturas dos povos não ocidentais, representadas nos Gabinetes de Curiosidades, são vistas como não-civilizadas, pois não se adequavam ao modo capitalista de relações:

O fardo do homem branco era educar seus “contemporâneos primitivos”, acelerar seu crescimento, que necessariamente iria culminar em um estado idêntico ao já atingido pela civilização do ocidente. A ideia de civilização, assim, perde seu sentido de processo, e passa a definir um estado – a sociedade ocidental – que deve ser atingido pelos não civilizados (VELHO, CASTRO, 1978, p. 2-3).

No entanto, essa forma de entender a cultura como sinônimo de civilização começa a ser questionada já no final do século XIX. Edward Taylor (1832-1917) propõe uma outra forma de compreensão da cultura, de maneira que ela abarcasse as diferenças, a diversidade, que a percebia, então, como traços culturais comuns a toda a humanidade: “lendas, mitos, crenças, objetos, normas, valores, conhecimentos, etc., transmitidos de geração em geração” (GOMES, 2006, p. 3). Segundo Teixeira Coelho (2008, p. 17) a cultura, para Taylor, seria o “todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e outras capacidades e atitudes adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade. Em outras palavras, tudo”. Assim, todos teriam cultura, não havendo a possibilidade do contrário, uma vez que ela seria o traço comum característico de todos os seres humanos. Nessa concepção a cultura é vista como algo apreendido a partir das relações dentro dos grupos sociais, ao longo da vida (GOMES, 2006): não existiria a hipótese de não se ter cultura. Essa compreensão é denominada como cultura evolucionista nos estudos de Gomes (2006) e Velho e Castro (1978).

No entanto, outras concepções surgiram no mesmo período, distintas da proposta de Taylor.¹¹ A cultura começa a ser pensada no plural, e a etnografia apontada como método para a descrever e refletir sobre as particularidades de cada tipo, não hierarquizando umas em relações às outras. Essa ideia de cultura particular,

¹¹ A sociologia e as ciências sociais como um todo são marcadas, principalmente neste período, por “dualidades ou polaridades teóricas, onde dois ou mais autores discutem a mesma temática, mas sob perspectivas diferentes” (DENDASCK, LOPES, 2016, p. 1).

específica, é defendida por Franz Boas em fins do século XIX e início do século XX (GOMES, 2006; VELHO, CASTRO, 1978).

Até aqui, as visões apresentadas compõem a Antropologia Clássica, as primeiras formas de interpretar e entender a (ou as) cultura(s). Porém, a reflexão sobre o conceito não para por aí. Na Antropologia Moderna, que principia no século XX, inicia-se uma reflexão sobre os traços culturais e a forma como a cultura é constituída, chegando-se à concepção de que é um conjunto de códigos, regras e interpretações apreendidas pelos sujeitos, que permitem dar sentido às relações do e no conjunto. Segundo Gomes (2006), nesse momento, o que importa não é mais entender a forma como os grupos se organizam ou se comportam, mas

descrever e analisar não somente as formas como as sociedades e os grupos humanos se organizam e funcionam, ou como as pessoas se comportam, mas os modelos que orientam as ações nesses coletivos. Conhecer a cultura significa então conhecer os modelos e a forma como os grupos e as pessoas, em sua vida, de fato se reportam a ele. Ênfase, portanto, é colocada na aprendizagem da cultura enquanto aprendizagem de normas (GOMES, 2006, p. 5).

Para Velho e Castro (1978), esse é o momento em que a cultura é entendida como um conjunto de códigos que são apreendidos ao longo da vida, que permitem significar e dar sentido ao mundo social, dando a noção de cultura como sistema. Essa ideia levou ao entendimento de que todos os indivíduos estariam submetidos a regras e condutas inconscientes, que determinariam sua forma de se relacionar e sua ligação com a sociedade através dos códigos, de aparelhos simbólicos decodificados pelos sujeitos sociais. Segundo os autores, essa seria uma outra vertente de entendimento da cultura, o simbolismo, dominante nos Estudos Culturais e que nos leva a refletir sobre as sociedades complexas constituídas no capitalismo moderno e as divisões sociais do trabalho, importantes para a reflexão e contextualização do Lazer como campo de estudo e parte da dinâmica social. A Revolução Industrial traz a divisão do tempo do trabalho e do tempo do não trabalho e faz emergir a necessidade de reflexão sobre a ocupação dos tempos, principalmente das camadas populares de trabalhadores das indústrias (GOMES, 2008).

Em princípio, a noção de complexidade está ligada à divisão social do trabalho mais especializada, mais segmentadora na sociedade urbana industrial contemporânea, com a formação de uma rede de instituições diversificadas, mais ou menos ligadas dentro de um sistema (VELHO, CASTRO, 1978, p. 5).

Assim, com essas divisões, passam a coexistir vários tipos de cultura, o que Velho e Castro (1978) denominam de subculturas, dentro das sociedades complexas. No entanto, a coexistência não faz com que deixe de haver uma cultura predominante, que tende a ser aquela ligadas às elites econômicas, e a conseqüente necessidade de distinção entre as culturas: cultura erudita (ou de elite), cultura popular, cultura de massas etc. (VELHO, CASTRO, 1978; TEIXEIRA COELHO, 1993). Essa distinção entre culturas traz a ideia de que uma seria superior à outra, com valores estéticos mais refinados em relação às demais. A cultura popular seria mais rústica, relativa às tradições e etnias e, portanto, menos valorizada por não trazer desenvolvimento e sofisticação aos indivíduos. Ela costuma ser apresentada como aquela que possui valores históricos, tradicionais e mais estável do que outras culturas e é produzida pelos mesmos atores que a consomem (TEIXEIRA COELHO, 2008).

No contexto atual, é impossível lidar com as culturas de maneira estanque, como no passado, principalmente quando se trata de grandes metrópoles, onde grupos distintos se relacionam e coabitam o mesmo espaço geográfico e com práticas sociais orgânicas e dinâmicas, sendo ressignificadas pelos agentes sociais a todo momento. Segundo Zaia Brandão (2010), as práticas culturais podem ser adquiridas, basicamente, no seio familiar e nas demais relações sociais, e os sujeitos tendem a reproduzir a herança cultural que advém das famílias, ampliando-a. Para a pesquisadora,

de fato, o que mais frequentemente encontramos são combinações da herança (ou a recusa dela) com outras influências, entre as quais o grupo de pares parece ter uma presença importante. Essa variedade dos gostos seria, portanto, responsável pelas mudanças nos padrões e práticas culturais através das gerações. (...) Os filhos parecem seguir e ampliar as experiências dos pais (ZAIA BRANDÃO, 2010, p. 236).

Assim, os sujeitos herdam hábitos e formas de agir de seus grupos sociais, mas não se relacionam com eles de forma passiva. Apesar de possuírem uma carga cultural que é herdada, eles também são agentes transformadores da cultura, estando ela em constante transformação e ressignificação (VELHO, CASTRO, 1978).

Faz-se importante, então, refletir sobre o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu. Para o autor francês, ele é o conjunto de saberes, princípios e códigos que os indivíduos carregam dentro de si, construídos historicamente por meio das relações sociais, mas que não é estático. Ele é passível de alterações a partir da vivência e das

relações nos campos pelos quais os sujeitos transitam e se relacionam socialmente (ZAIA BRANDÃO, 2010; DENDASCK, LOPES, 2016; SETTON, 2002). Zaia Brandão (2010) aponta que essas transformações podem ocorrer justamente a partir do trânsito e das lutas travadas entre grupos e dentro deles, a partir da circulação dos indivíduos entre grupos sociais distintos. O *habitus* seria um mediador entre o individual e o coletivo, entre o passado e presente, entre as expressões sociais e individuais, sendo afetado pelas duas esferas, que se relacionam dialogicamente e formando uma identidade social dinâmica, em constante (re)construção (SETTON, 2002).

Ainda segundo Zaia Brandão (2010), agentes sociais precisam de capital específico, que também pode ser percebido como código, para se relacionar com um determinado meio, mas que só o conseguiria se relacionando com o próprio meio, de forma cíclica. A aquisição de capitais, ou dos códigos sociais, depende da relação com outros agentes sociais e, segundo Zaia Brandão (2010), as classes sociais também são fatores importantes nessas relações, uma vez que indivíduos de classes sociais mais altas tendem a ser mais expostos a um número maior de capitais (econômico, cultural, esportivo, escolar etc.) e, conseqüentemente, se adaptam mais facilmente a meios diferentes. O oposto aconteceria com agentes de origens mais simples, pois suas relações sociais são restritas – geralmente se circunscrevem apenas ao trabalho, família e vizinhos. Essa perspectiva poderia ser um dos fatores que faz com que agentes sociais de classes menos privilegiadas frequentem menos os museus, como será apontado no decorrer deste trabalho. Assim, “sob a capa da democratização dos gostos estéticos e das práticas sociais, novas formas de estratificação são reconstruídas, preservando a distância simbólica entre as elites e os setores da população que se situam nos patamares inferiores da estratificação social” (ZAIA BRANDÃO, 2010, p. 238).

Além da teoria de *habitus*, Pierre Bourdieu propõe também a Teoria dos Capitais (WACQUANT, 2007; LAHIRE, 2003, MONTEIRO, 2018), em que aponta que nas sociedades capitalistas complexas há diversos tipos de capitais: econômico, político, cultural, social, simbólico, religioso etc. No entanto, para ele haveria dois principais: o capital econômico – “conjunto de recursos englobando tanto o patrimônio material (...) quanto salários, rendas, poupanças e investimentos” (MONTEIRO, 2018, p. 75) – e o capital cultural, definido como aquele “que se constitui de recursos

correspondentes ao conjunto das qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar e transmitido pela família” (MONTEIRO, 2018, p. 75).

Segundo Wacquant (2007), Bourdieu apontava que os capitais econômico e cultural estão diretamente relacionados, de forma que é provável que quem detenha um também detenha o outro e de forma crescente. Historicamente, o capital econômico é entendido como forma de dominação e diferenciação social, mas com o crescimento do poderio econômico da burguesia, o capital cultural passa a ter cada vez mais valor, se apresentando como uma forma de ascensão social.

Nas sociedades complexas geradas pelo capitalismo recente, considera Bourdieu, a escola encarrega-se deste trabalho de consagração das divisões sociais. De tal forma que não é uma, mas sim duas espécies de capital que agora dão acesso as posições de poder, definem a estrutura do espaço social e regulam as oportunidades e trajetórias de grupos e indivíduos: o capital econômico e o capital cultural (...). Os diplomas, enquanto forma institucionalizada de capital cultural, contribuem para definir a ordem social contemporânea (WACQUANT, 2007, p. 42).

Considerando, então, que aqueles que têm acesso à educação de qualidade, e tempo para se dedicar a ela, são aqueles que possuem capital cultural, a escola passa a perpetuar e garantir os privilégios daqueles que já o têm, ampliando ainda mais a concentração do capital econômico e do cultural. Mas é preciso refletir sobre que tipo de capital cultural seria esse. Para Lahire (2003), a escola legitima e determina qual cultura será digna de ser transmitida e, geralmente, é aquela que se relaciona às elites, ao erudito. Assim, os indicadores escolares de “fracasso” ou “sucesso” escolar passam a determinar e reproduzir a estrutura de classes e as relações sociais já existentes (LAHIRE, 2003, p. 984). Para ele,

aos poucos, a inserção profissional começa a se decidir por intermédio da escola, ponto de passagem obrigatório que, paulatinamente, acolhe todos os filhos de uma classe de idade, julga-os e nota-os segundo critérios idênticos e os distribui em vias diferentes. A partir de então, é fadado a se tornar operário quem “fracassa” nos exames, porque foi escolarmente “relegado” a vias “não nobres”, porque carece de inteligência, etc. O êxito social e profissional depende cada vez mais fortemente do nível escolar altamente desejável por todos ou quase [todos] (LAHIRE, 2003, p. 993).

Assim, para o acúmulo de capital cultural, é necessário que o indivíduo tenha acesso não apenas à escola, mas também a museus, livros, peças teatrais, eventos culturais e artísticos, obras de arte erudita, relação com outros agentes culturais etc. Para isso, seria necessário não apenas capital econômico e tempo disponível para tal,

mas também uma educação estética que o permita dialogar com esses bens culturais (MONTEIRO, 2018, p. 75), podendo o museu ser uma forma de acesso, manutenção e aquisição desse tipo de capital cultural.

Para Bourdieu (2007), a educação pode ser uma forma de mudança social, mas ela também pode ser aquela que mantém as distinções sociais, uma vez que erroneamente lida com os diferentes de forma igual, tratando indivíduos com capital cultural distinto da mesma maneira, com os mesmos níveis de exigências e oportunidades. Isso faz, por exemplo, com que aqueles que frequentam museus continuem frequentando, e aqueles que não o fazem fiquem cada vez mais distantes desses espaços culturais. O autor entende que o hábito cultural é algo transmitido, principalmente, pelo meio familiar, sendo sempre cumulativo, através das gerações. Além disso, Bourdieu (2007) aponta que as classes mais altas são aquelas que possuem maiores níveis de escolaridade e, conseqüentemente, maior capital cultural, sendo as que mais frequentam espaços culturais, o que vai ao encontro da pesquisa apresentada por Soutto Mayor e Isayama (2017).

Como visto, a cultura é um conceito histórico, que com o passar do tempo sofreu e sofre diversas modificações. Segundo Melo:

Como qualquer ocorrência histórica, o conceito de cultura não pode ser encarado de forma homogênea e uniforme, como algo dado a priori ou que possua uma suposta essencialidade. Suas definições, arranjos, ocorrências modificam-se no decorrer do tempo em função das relações de poder e dos interesses envolvidos nos embates e tensões entabuladas pelos atores sociais (MELO, 2006, p. 2).

Segundo o autor, mesmo que a cultura seja entendida em sua pluralidade, ela pode ser vista como forma de domínio social. A partir da modernidade, a burguesia em ascensão busca legitimidade e afirmação social e a cultura erudita era um dos meios pelos quais poderia atingir esse objetivo. Segundo Sousa e Melo (2009), o acesso a essa cultura de elite passa, então, a se configurar como status e representar superioridade de uns sobre outros. Para eles, essa construção histórica do privilégio de acesso aos bens culturais de elite tem influência na contemporaneidade, onde ainda é “restrito a muitos, seja pela sua distribuição espacial, seja pelo preparo e educação necessários aos indivíduos para garantir tal acesso, seja por questões econômicas” (SOUSA; MELO, 2009, p. 9).

É perceptível, então, que a Cultura é um conceito dinâmico, em constante reconstrução, que exprime a riqueza, a complexidade e a importância da temática. Apesar das diversas definições, os vários pontos de vista não se anulam ou se sobrepõem, sendo complementares, coexistindo e dialogando entre si, em suas múltiplas perspectivas. Cada pesquisador lança mão dos conceitos que identifica serem mais adequados a seus objetivos e percursos sem que essa escolha signifique negar os demais. Assim, para este trabalho optou-se por considerar cultura como “linguagem humana, que pode manifestar-se de diversas formas (oral, escrita, gestual, visual, artística, dentre outras) e ocorrer em todos os momentos da vida – no trabalho, no lazer, na escola, na família, na política, na ciência, etc.” (GOMES, 2006). Essa escolha se deve à aproximação do conceito às definições e entendimentos de museu como instituição cultural e dialógica, assim como o lazer, visto aqui como fenômeno social e dimensão da cultura, contextualizado e dinâmico (GOMES, 2008).

Nesse sentido, faz-se pertinente uma reflexão sobre os museus como espaço de cultura formalizada, cristalizada, local onde

o indivíduo e o grupo têm influência apenas reduzida e, quando têm, a têm sob um ângulo marcadamente particular, privado, individual, sem ascendência sobre o outro universo privado que existe a seu lado, no caso do museu, na forma de outro visitante ou de outro grupo de visitantes. Em outras palavras, o campo de intervenção de cada participante desse tipo de processo é o da interpretação pessoal, que poderá variar amplamente (TEIXEIRA COELHO, 2008, p. 35).

No entanto, há movimentos que buscam a abertura dos museus para as múltiplas culturas, de forma a abranger e acessar diferentes sujeitos sociais, como é o caso da Museologia Social, que entende que as instituições museológicas devem ter como premissa servir ao desenvolvimento da sociedade como um espaço de lazer e educação (CHAGAS, 2006).

Melo (2004) aponta que é importante, então, pensar em estratégias para a real democratização da cultura, de modo que suas múltiplas formas estejam representadas e em constante diálogo com os variados agentes sociais que acessam (ou deveriam acessar) as instituições museológicas, como apontado pela Museologia Social. O autor sugere o conceito de Animação Cultural como alternativa ao controle cultural exercido pelas elites em relação às classes mais baixas, que é assim definida por ele

como uma tecnologia educacional (uma proposta de intervenção pedagógica), pautada na ideia radical de mediação (que nunca deve significar imposição), que busca contribuir para permitir compreensões mais aprofundadas acerca dos sentidos e significados culturais (considerando as tensões que nesse âmbito se estabelecem) que concedem concretude a nossa existência cotidiana, construída a partir do princípio de estímulo às organizações comunitárias (que pressupõe a ideia de indivíduos fortes para que tenhamos realmente uma construção democrática, sempre tendo em vista provocar questionamentos acerca da ordem social estabelecida e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa (MELO, 2004, p. 5).

Concebe, então, a mediação como ferramenta importante para a democratização do acesso à cultura (MELO, 2004). Segundo Nascimento (2008), a mediação é um conceito nômade, que pode ser compreendido sob várias óticas e conceituado a partir de muitas ciências, como a antropologia e a comunicação. Aqui tomaremos o conceito sob três perspectivas: “1) ligação de uma forma estática entre sujeito e os objetos; 2) transformação de significado atribuído pelos sujeitos a objetos de hierarquias diferentes e 3) transformação de significados a partir de ações do sujeito sócio-histórico sobre os objetos das culturas” (NASCIMENTO, 2008, p. 15).

Essas práticas consideram a heterogeneidade do público, construindo relações dialéticas em que os indivíduos são convidados a serem ativos na construção do raciocínio, das atividades e das reflexões. Mais que dar acesso à cultura erudita, a Animação Cultural busca a valorização das culturas em sua multiplicidade e dinamismo, reconhecendo a todos como produtores culturais. Vale aqui pontuar que, para Teixeira Coelho, a democracia cultural é aquela que,

contrariamente a um programa de serviços culturais, [é] uma política de sustentação e ampliação do capital cultural que passe pela discussão das formas de controle da dinâmica cultural [que] pode criar as condições para práticas culturais duradouras, quer de consumo quer de produção (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 144).

Melo (2004) entende que a democracia cultural é viável apenas a partir do momento em que haja a construção de uma cultura comum, coletiva, onde os bens culturais sejam compreendidos dentro da lógica em que são produzidos. Assim, o desafio que se coloca é que a sociedade entenda e aceite que todos são produtores culturais, garantindo acesso e trânsito cultural. Para isso, é importante que os indivíduos se percebam desta forma, o que precisa de estímulo e incentivo, que poderiam vir dos Animadores Culturais, de forma a buscar uma nova relação entre cultura e sociedade, “uma nova sinergia entre uma cultura que se renova mais fácil e

rapidamente do que muitas outras estruturas da sociedade e que exatamente por isso pode servir de locomotiva para um real e efetivo outro mundo” (TEIXEIRA COELHO, 2008, p. 48).

Podem ser denominados de Animadores Culturais todos aqueles que se preocupam em construir novas pontes, novos olhares e novas formas de educação estética, pensando que “tudo pode ser acessado desde que os indivíduos sejam educados para exercer conscientemente seu direito de escolha” (MELO, 2003, p. 12).

Pensando nos museus como espaços democráticos e de afirmação da cidadania (ou que, pelo menos, deveria ser, como apontado pela Museologia Social) (CHAGAS, 2006), podemos pensá-los como espaços privilegiados de Animação Cultural, que constroem a partir do diálogo, espaços acessíveis e abertos ao debate, refletindo anseios e desejos sociais, possibilitando interação, apropriação e reflexão crítica sobre a cultura (GOMES, 2006). Eles podem ser entendidos como espaços de lazer por sua essência cultural e lúdica,¹² estimulando a interação e a produção cultural por meio de jogos, brincadeiras e diálogos de forma fluida e dinâmica, através, principalmente, das ações educativas.

Como opção de lazer, os museus têm a oportunidade de propor a seus visitantes questionamentos e reflexões que podem levar a mudanças significativas na ordem social atual. Assim, eles possibilitam a produção de cultura, uma das funções do lazer, uma vez que, segundo a autora, “o lazer se concretiza em um tempo qualificado, redimensionado e ressignificado pelos sujeitos que o vivenciam” (GOMES, 2008, p. 130), o que pode ocorrer em uma visita a um museu.

Sendo assim, é importante refletir sobre as escolhas dos brasileiros para os momentos de lazer e de que forma a frequência a espaços culturais está inserida nestes momentos.

2.1 O lazer do brasileiro e a frequência a espaços culturais

Segundo Isayama e Stoppa (2017), são poucos os estudos que se debruçaram a tentar entender de que forma o brasileiro usufrui de seu tempo livre. Da mesma

¹² Segundo Gomes (2004), o lúdico tem várias conotações e entendimentos ao longo da história, sendo frequentemente ligado a uma fase específica da vida. No entanto, para a mesma autora, o lúdico deve ser entendido “como uma forma de expressão humana, ou seja, como linguagem. (...)” (GOMES, 2004, p. 145).

forma são ainda mais escassos os estudos que buscam perceber se os brasileiros satisfazem seus desejos em relação ao lazer.

No entanto, um importante estudo foi desenvolvido por pesquisadores de oito universidades brasileiras e financiado pelo Ministério do Esporte, com seus resultados publicados em 2017. Nesse estudo, os pesquisadores buscaram responder, basicamente, três perguntas: o que as pessoas efetivamente fazem nos finais de semana? O que gostariam de fazer em seu tempo livre? Por que não fazem aquilo que gostariam de fazer? A partir dessas perguntas cruzaram-se os resultados, buscando entender os motivos que levam os brasileiros a fazer determinadas escolhas em momentos de lazer e, quando não executam aquilo que desejam, os motivos que levaram a isso (ISAYAMA, STOPPA, 2017).

Segundo Isayama e Stoppa (2017), foram entrevistadas 2.400 pessoas, de todas as regiões do país, em municípios sorteados para a coleta. Dos entrevistados, 49,38% eram do sexo masculino e 50,63% do sexo feminino. Os interesses de lazer foram divididos da seguinte forma: ócio, turístico, físico-esportivo, artístico, social, manual e intelectual. Vale salientar que a frequência a bibliotecas, pinacotecas e museus foi enquadrada como lazer intelectual. Segundo a pesquisa, o tipo de lazer mais praticado pelos homens é o físico-esportivo (64%) e pelas mulheres o social (70,9%). Já com relação ao lazer intelectual, apenas 1,7% dos homens e 4,7% das mulheres indicaram praticá-lo efetivamente (SOUTTO MAYOR, ISAYAMA, 2017).

Quando perguntados sobre o que gostariam de fazer no tempo livre, mas que efetivamente não fazem, a quantidade de respondentes que indicou desejo pelo lazer intelectual ficou em 1% tanto para homens quanto para mulheres. Quando os entrevistados eram perguntados por que efetivamente não realizavam as práticas de lazer que desejavam, a maior parte deles indicou que a falta de recursos financeiros e de tempo impactava negativamente (SOUTTO MAYOR, ISAYAMA, 2017).

No que tange aos recursos financeiros, em relação ao lazer intelectual, é interessante pensar que, conforme indicavam Bourdieu e Darbel em seu clássico livro da década de 1960: *O Amor pela Arte* (2007), a entrada aos espaços culturais ser gratuita não garante o acesso, uma vez que há custos com transporte, alimentação e acessibilidade aos conteúdos, que pode ser facilitada através da alfabetização cultural. Essa alfabetização faz com que os indivíduos sejam capazes de dialogar e

interagir com as exposições e pode ser adquirida, basicamente, por meio da escola, da família e da frequência aos espaços. A falta dela impacta na democratização do acesso, principalmente por parte das camadas populares e com baixa escolaridade. A democratização do acesso a museus e centros culturais só será efetiva quando os indivíduos tiverem plena capacidade de escolha e entendimento sobre esses espaços. Segundo Soutto Mayor e Isayama (2017),

é preciso pensar em uma alfabetização cultural em várias vias, no intuito de potencializar importantes dimensões humanas e permitir que as pessoas possam exercer conscientemente seu direito de escolha. A educação para a arte seria uma dessas possibilidades, bem como o entendimento do interesse intelectual para além das funções pragmáticas. (...). Pensar essa viabilidade também implica questionar de que forma esses bens se apresentam na sociedade e quais as possibilidades de acesso dos sujeitos, tanto no que se refere aos espaços (localização) quanto às condições econômicas (SOUTTO MAYOR, ISAYAMA, 2017, p. 28).

Segundo o IBGE (2019), o gasto com cultura das famílias brasileiras aumenta em proporção à medida que aumenta a renda. Em média, as famílias que ganham a partir de 6 salários mínimos gastam mais com cultura que as demais, investindo em torno de 8% da renda mensal neste item, o que indica que o público que visita museus, mesmo que esporadicamente, é majoritariamente de alta escolaridade e renda, como será apontado mais adiante.

Este dado é interessante, uma vez que dialoga diretamente com o público-alvo desta pesquisa: aqueles que visitam museus em momentos de lazer, mais especificamente, aos finais de semana. Assim, as reflexões feitas a partir do público de museus estão restritas a um pequeno extrato da população brasileira, já que, segundo Pedrão e Uvinha (2017, p. 41), o IBGE identificou, no censo demográfico de 2010, que 36,2% da população brasileira ganha até 2 salários mínimos e 50,2% tem até o ensino fundamental, população esta que, de acordo com os estudos de público de museus analisados é minoria dentre os que visitam museus espontaneamente, como exposto a seguir.

2.2 O público e os estudos de público nos museus brasileiros

Segundo o Conselho Internacional de Museus (ICOM), público é “o conjunto de usuários do museu (o público dos museus), mas também, por extrapolação a partir do seu fim público, o conjunto da população à qual cada estabelecimento se dirige” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2016, p. 87). Para Marandino (2008), ele não deve ser

percebido como homogêneo e, sim, heterogêneo, tendo cada tipo a sua especificidade. Para tanto, a palavra deveria ser colocada sempre no plural:

seria mais adequado falarmos em públicos, ou seja, considerarmos que existem diferentes tipos de público que se tornam um grupo apenas se possuem características que os agrupem de alguma maneira, como, por exemplo, público familiar, público escolar, entre tantos outros (MARANDINO, 2008, p. 24).

Sobre as definições de público, Teixeira Coelho (1997) fez uma importante reflexão sobre o que seriam públicos culturais e de museus e entende que os termos são comumente utilizados de forma errônea, agrupando sujeitos com características e demandas muito distintas em uma só categoria. Esse entendimento é compartilhado por Mantecón (2009). Para a mexicana, os públicos culturais são fundamentalmente plurais, pois a própria cultura é múltipla e diversa, formando, assim, inúmeros tipos de públicos e de demandas culturais.

Teixeira Coelho (1997) depreende que para aglutinar sujeitos em um mesmo grupo e identificá-lo no singular é necessário apontar características semelhantes em seus anseios e formas de se relacionar com o produto cultural, o museu, a exposição. Dessa forma, pode-se dizer que há públicos de museus de arte, de ciências, de história etc. Cada tipo de museu tem um tipo de público específico e diferente, mas que tem uma certa homogeneidade. Para ele, público

remete ao conjunto de pessoas que não apenas praticam uma atividade determinada, mas diante dela assumem um mesmo tipo de comportamento, sobre ela expressam opiniões e juízos de valor consideravelmente convergentes e dela extraem sensações e sentimentos análogos. (...) um público é, assim, em primeiro lugar, uma entidade marcada por uma relativa homogeneidade (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 322).

Sobre a homogeneidade apontada por Teixeira Coelho (1997), Mantecón (2009) indica que na atualidade a oferta cultural cresceu de tal maneira que necessita de um número indeterminado de consumidores culturais. Assim, seria necessário criar, constantemente, públicos consumidores para seus produtos. Percebe-se, então, que oferta cultural e público cultural se retroalimentam, mas, nem sempre a oferta cultural é capaz de criar públicos consumidores por si só.

Os sujeitos podem responder ou não a esse chamado, dependendo de sua condição social (renda, escolaridade, ocupação), idade, gênero e área onde vivem. Igualmente relevante é a ação de um conjunto de agentes que cultivam e desenvolvem o desejo e a necessidade de se relacionarem com as ofertas culturais. Os públicos não nascem como tais, formam-se e transformam-se permanentemente pela ação da família, amigos, escola, comunidade circundante, meios de comunicação, ofertas culturais,

intermediários culturais entre outros agentes que influem – com diferentes capacidades e recursos – nas maneiras como se aproximam ou se afastam das experiências de consumo cultural (MANTECÓN, 2009, p. 182).

Ainda segundo Mantecón (2009), tem crescido, na América Latina, o volume de estudos que têm como foco os públicos culturais. Essas pesquisas têm servido de base para desenvolvimento de novos produtos da indústria cultural, porém de forma equivocada, uma vez que se dedicam mais a refletir sobre os produtos do que à forma como os públicos se relacionam com eles e com as ofertas culturais. Para ela,

apesar desses avanços, os públicos continuam sendo uma questão obscura, em parte porque a atenção tem-se dirigido em maior medida ao conhecimento das ofertas, mas também porque ainda predomina um certo empirismo nas perspectivas de análise, que se limitam a descrever o consumo dos bens culturais sem explicar o que torna possível a interação de determinados sujeitos com ele (MANTECÓN, 2009, p. 176).

Assim, percebe-se que a relação entre a demanda e a oferta cultural não é simples, não sendo suficiente, apenas, pensar em multiplicar a oferta de produtos culturais para criar e cativar públicos consumidores.

Dentro dessa perspectiva, tentou-se definir alguns dos públicos de museus. Especificamente sobre esse tema, Almeida (1997), em verbete escrito para o *Dicionário Crítico de Política Cultural*, de Teixeira Coelho (1997), apresenta diversas formas de categorizá-los e defini-los. Segundo ela, as instituições museais definem seus públicos com parâmetros distintos e bases de informação também múltiplas. Há aqueles que separam entre especializado, culto e grande público, outros que dividem entre organizado e livre; e também aqueles que os caracterizam como frequentadores, eventuais e não público (ALMEIDA, 1997, p. 326). Há, ainda, uma divisão mais básica, em que a distinção é feita entre espontâneos ou agendados, visão esta utilizada para o presente estudo e utilizada em outras pesquisas de público com o qual esse trabalho dialoga (ESPAÇO, 2018; KOPTCKE *et al.*, 2008; (JONCHERY, VAN PRAËT, 2014; STUART *et al.*, 2007).

Dentro dessa multiplicidade de perfis o volume de crianças e jovens atendidos é crescente (MARANDINO, 2008). Crianças e jovens visitam os espaços culturais em grupos escolares ou com a presença de famílias em visitas espontâneas (ou livres). Esse último tipo de visita é entendida aqui como aquela que ocorre sem agendamento prévio ou que não faz parte de grupos em que houve preparação e comunicação

prévia da visita à instituição museal; que não tem compromissos com horários e percursos e que os participantes escolhem como, quando e com quem fazer sua visita (MARTINS, 2015; ALMEIDA, 1997). É importante pontuar que o público espontâneo se define em oposição àquele agendado, que é aqui apreendido como aqueles que “visitam o museu com horário determinado, roteiro definido e, quase sempre, com um guia; as decisões sobre o que ver, como ver e durante quanto tempo ver, são geralmente tomadas pelo organizador da visita, não pelos visitantes” (ALMEIDA, 1997, p. 325).

Para Koptcke (2012), os estudos de público são peça-chave no entendimento da multiplicidade de pessoas que visitam ou não os museus, uma vez que para ampliar o acesso é necessário entender quem são os públicos e o que desejam, já que

o público não é um grupo construído de uma vez por todas, mas um organismo vivo que se forma e se desfaz, constituindo-se de grupos sociais diferentes, segundo as convenções estéticas partilhadas, entre produtores e consumidores de arte em um determinado período. (...) Os processos responsáveis pela formação de um público resultam da interação entre as condições sociais de acesso à educação, os meios de produção e de oferta nos subcampos da cultura e as predisposições individuais, social e culturalmente construídas, que, em algum momento da trajetória de uma vida, permitem o desenvolvimento de uma certa prática ou gosto cultural (KOPTCKE, 2010, p. 06).

Essa reflexão é necessária para assimilar a função dos estudos de públicos, pois indica as características dos públicos que frequentam (ou não) instituições culturais e, a partir daí, possibilita o desenvolvimento e adaptações necessárias para atingir efetivamente os objetivos a que os museus se propõem. Parte-se aqui da premissa trazida por Koptcke (2012; 2010) que diz que não há museus sem público. Assim, é preciso pesquisá-los e entendê-los para cativá-los e formá-los, de forma contínua.

O estudo de público realizado na presente investigação seguiu procedimentos metodológicos robustos, em busca de coletar informações para dialogar com estudos preexistentes, à luz do exposto neste capítulo, o que será apontado na sequência.

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

Neste capítulo objetiva-se apresentar os processos metodológicos e escolhas de percursos feitos no decorrer da investigação.

A pesquisa foi feita por meio de consulta bibliográfica, aplicação de formulários e análise de dados primários e secundários. A proposta para este estudo foi lançar mão de métodos híbridos de pesquisa, levando em consideração tanto pontos qualitativos quanto quantitativos, sendo escolhido o método de estudo de caso para a condução (VEAL, 2011).

Essa escolha foi feita a partir do entendimento da complexidade de elementos considerados neste estudo, levando a uma abordagem indutiva de pesquisa, em que a partir do levantamento de dados e descrição do ambiente e sujeitos estudados é possível fazer análises em busca de respostas para as perguntas motivadoras do estudo (VEAL, 2011).

Foi feita revisão bibliográfica, uma vez que “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 182), sendo fundamental para o entendimento do estado da arte do tema.

Foram realizadas leituras de trabalhos acadêmicos que tiveram como objeto as instituições selecionadas para esta investigação, além de estudos de público e publicações existentes dos museus aqui estudados. Considerou-se, também, trabalhos que tratem conceitualmente dos temas que perpassam este trabalho, tais como lazer, museus, hábito cultural, estudo de público e lazer familiar. Foram analisadas, ainda, bases secundárias de dados, resultantes de pesquisas de público e dados de visitação produzidos e fornecidos pelas instituições pesquisadas.

3.1 Instrumentos de coleta

O instrumento de coleta foi escolhido considerando a natureza interativa do estudo, já que tratam de temas complexos e aproximam o pesquisador do sujeito (ALVES-MAZZOTTI, 1999, p. 168).

Optou-se pelo método de aplicação de formulários,¹³ com o intuito de traçar perfil socioeconômico das famílias, refletir sobre a forma como elas percebem o lazer e a aprendizagem nos museus, além de verificar a frequência de visitas aos museus por parte das famílias.

Sobre a opção pela técnica de aplicação de formulários, para Oliveira *et al.* (2016) o formulário é um importante instrumento de coleta de dados, pois permite ao pesquisador contato direto com o participante da pesquisa. Ainda segundo os autores, o formulário consiste em um instrumento no qual o pesquisador segue um roteiro predeterminado de perguntas e insere as respostas do respondente de forma fidedigna. Para Oliveira *et al.* (2016), um dos principais pontos positivos do uso de formulários é a interação entre pesquisador e pesquisado, o que permite que o primeiro apresente a pesquisa e tire dúvidas do entrevistado, quando necessário. Mas, apesar de ser uma boa técnica de coleta, ela também apresenta pontos negativos. Para Oliveira *et al.* (2016), o principal problema dessa técnica parece ser a possibilidade de distorções nas respostas devido à presença do pesquisador e por demandar mais tempo de coleta, uma vez que não seria possível a aplicação de muitos formulários por vez, já que é necessária a presença do pesquisador, que não foi o caso desta pesquisa, pois, como dito anteriormente, a pesquisa teve a participação de pesquisadores voluntários, então graduandos em turismo da Universidade Federal de Minas Gerais.

Por se tratar de pesquisa realizada com famílias com crianças nos espaços museais, optou-se por aplicar os formulários apenas a um dos membros adultos da família, de forma a viabilizar a pesquisa e diminuir os impactos negativos nos respondentes, tais como a interrupção do percurso, o que poderia gerar transtornos e aumentar as chances de os participantes não se interessarem em responder às perguntas propostas. Sobre a redução do impacto na visita, vale salientar que ele era reduzido quando a visita contava com mais de um adulto, uma vez que se observou que enquanto um adulto respondia a pesquisa, outro prosseguia com a visita e as atividades com as crianças pela exposição.

¹³ Optou-se por aplicar formulários – aquele em que o pesquisador lê as perguntas para o participante, marcando ou escrevendo a resposta obtida – para viabilizar a pesquisa, interferir o mínimo possível na visita ao espaço museal e ter maior controle sobre o tempo gasto em cada formulário, uma vez que o volume final de formulários era significativo .

Ainda sobre a escolha pelos adultos, em busca de traçar o perfil socioeconômico das famílias, havia perguntas específicas a serem respondidas por um adulto, que detinha as informações necessárias. Além disso, considerou-se que a decisão por visitar ou não um espaço cultural é do adulto, que tem informações e meios de deslocamento até o local, mesmo que o interesse e a demanda sejam motivados pela criança.

Vale salientar a importância de dar voz às crianças quando essas são sujeitos de pesquisas, porém não foi possível, tendo em vista os objetivos propostos e o prazo para coleta de dados. Assim, as crianças não foram abordadas em momento algum da pesquisa, respeitando-se os procedimentos éticos para estudos científicos. Conhecer de que forma as crianças percebem essas visitas é um ponto que pode ser levantado em futuras pesquisas, correlacionando os dados com aqueles apresentados neste estudo.

3.2 A pesquisa piloto

Para ajustar o formulário e verificar questões específicas, tais como o tempo gasto para resposta, os tipos de respostas possíveis e necessidade de incluir ou excluir algum ponto, realizou-se pesquisa piloto no dia 19 de outubro de 2019. Essa data foi escolhida por ser semana da criança (entre 15 e 20 de outubro) e haver uma quantidade maior de famílias visitando os museus devido ao recesso escolar, segundo informações fornecidas informalmente pelas instituições.

A pesquisa piloto buscou testar os locais de posicionamento dos pesquisadores para coleta, além de verificar o nível de adesão dos abordados, coerência e coesão das perguntas propostas, além da plataforma de aplicação (em papel ou formulário online).

Como não se identificou, na bibliografia especializada, uma quantidade ideal de formulários piloto a serem aplicados, definiu-se, inicialmente, pela aplicação de 10 formulários em cada instituição, sendo 5 em formulários impressos e outros 5 em plataforma digital (*google forms*), totalizando 20 formulários-teste, sendo 10 impressos e 10 digitais. O objetivo de testar os dois tipos de formulários era verificar o tempo gasto no preenchimento, pelos pesquisadores, o conforto para aplicação e resposta e a maneira mais adequada de tratamento dos dados coletados. Também foram

questos investigados, com a pesquisa piloto, a aceitação das perguntas por parte dos participantes e a contagem de público.

A contagem de público para abordagem dos participantes foi fundamental para garantir a aleatoriedade e imparcialidade dos dados obtidos, e proporcionar rigor estatístico à pesquisa. Inicialmente a proposta era que os pesquisadores se posicionassem em um andar específico de ambos os museus, e realizar a contagem a partir da primeira família que adentrasse no local, abordando sempre a terceira família (1 em cada 3 seriam abordadas), mesmo procedimento que seria utilizado na coleta de dados. No entanto, essa contagem foi inviável devido ao baixo volume de famílias. Assim, no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, a contagem foi reduzida para 1 a cada duas famílias, o que também não foi suficiente para aplicar os 10 formulários propostos inicialmente e, sim, 9. Desses, 4 foram em formato digital e 5 em formato impresso. Já no Espaço do Conhecimento UFMG, o volume de público era ainda menor, e para que fosse possível executar os testes foi necessário abordar todas as famílias que visitavam o local durante o tempo em que os pesquisadores ali estiveram (3h30minutos).

Inicialmente, essa investigação tinha como objetivo aplicar os formulários apenas em famílias com crianças da primeira infância, ou seja, até 6 anos. No entanto, ao aplicar a pesquisa piloto, percebeu-se que esse recorte de idade poderia inviabilizar o trabalho devido a alguns fatores. Primeiramente, dificuldades em identificar as crianças que se enquadravam nesta faixa etária, fazendo com que famílias que não se enquadrassem fossem abordadas e invalidassem o formulário, já que as crianças eram de idade superior à estipulada. Um segundo fator dificultador foi o volume de famílias que visitam os museus pesquisados. Conforme pesquisa de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, apenas 25% do público espontâneo vai acompanhado de crianças. Esse percentual engloba todas as famílias, independentemente da idade das crianças. Assim, verificou-se que seria mais adequado ajustar a idade de crianças de famílias que poderiam participar da coleta. A idade foi ampliada para 12 anos, a partir dos resultados obtidos. Esse ajuste foi necessário e não trouxe prejuízos para os objetivos da pesquisa. Vale aqui pontuar que foi necessário refletir sobre o entendimento em relação à definição de família de forma a padronizar as abordagens e garantir o rigor na coleta. Segundo Jonchery e Praët (2014, p. 163), “a expressão público familiar abarca realidades variadas. Em

certos casos, ela significa o conjunto de visitantes que não estão desacompanhados; em outros, ela visa grupos compostos por adulto(s) e criança(s)”, sendo este último o selecionado para seleção das famílias aptas a participarem do estudo.

A partir da pesquisa piloto identificou-se, também, que o melhor formato para aplicação dos formulários seria o digital, pois ele foi mais dinâmico durante a aplicação, trouxe mais conforto e agilidade aos pesquisadores, e permitia a geração de planilhas com os dados coletados automaticamente, facilitando a análise posterior.

Tabela 1: Quantidade de formulários-piloto aplicados nas instituições pesquisadas, no dia 19 de outubro de 2019

INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE	TIPO
Museu de Ciências Naturais da PUC Minas	4	Digital
Museu de Ciências Naturais da PUC Minas	5	Impresso
Espaço do Conhecimento UFMG	3	Digital
Espaço do Conhecimento UFMG	5	Impresso
Total de Formulários piloto	17	Digital e Impresso

Fonte: Produção própria.

3.3 Cálculo amostral e definição da amostra

Para composição do banco de dados, foram aplicados 171 formulários em cada instituição pesquisada, totalizando 342 participantes, considerando uma margem de erro de 5%, e nível de confiabilidade de 90%. Para chegar neste número, foi feito cálculo amostral com base em pesquisa de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG em 2017 e publicada em 2018.¹⁴ Segundo a pesquisa, dos 62.065 visitantes recebidos naquele ano, 51.825 eram espontâneos. Desses, 25% estavam acompanhados por crianças, o que dá uma população de 12.956 pessoas ao ano. Resumindo:

¹⁴ Levou-se em consideração apenas os dados do Espaço do Conhecimento devido à falta de dados relativos ao Museu de História Natural da PUC Minas. No entanto, foi possível replicar os cálculos tendo como base os números do Espaço do Conhecimento devido ao fato de os números anuais de ambas as instituições serem muito semelhantes, de acordo com a informações fornecidas pelos espaços.

População: 12.956

Erro Amostral: 5%

Nível de Confiança: 90%

Resultado: 171 questionários a serem aplicados em cada uma das instituições

Para a realização do cálculo considerou-se que a população é homogênea com base na revisão bibliográfica realizada, que indica que os frequentadores de museus têm uma certa homogeneidade de renda, escolaridade, interesses e gênero, como apontado anteriormente.

A proposta inicial para coleta de dados era que fosse realizada em dezembro de 2019 e janeiro de 2020, considerando a sazonalidade das ações educativas em museus, e o crescimento do fluxo de visitas de famílias com crianças no período. Isso ocorre porque os familiares precisam ocupar o tempo das crianças com atividades no período em que estão fora da escola, quando os museus podem se tornar um importante atrativo para essas famílias, com atividades pensadas especificamente para este período. No entanto, o período de coleta foi ajustado a partir da pesquisa piloto, que indicou ser possível coletar os dados em finais de semana.

Vale salientar que o não-público, ou seja, aquelas famílias que não visitam os espaços, não foram objeto desta pesquisa. Apesar de ter clareza da importância de buscar entender as razões pelas quais famílias não incluem os museus em seus momentos de lazer, e a forma como isso está relacionado às motivações daqueles que efetivamente visitam o espaço, foi preciso fazer esta escolha para viabilizar a investigação.

3.4 Coleta de dados: a pesquisa de campo

Os formulários eram compostos por 33 variáveis (ANEXO 1) e aplicados de forma aleatória e sistemática, de forma a não mascarar ou induzir os resultados obtidos. Assim, os pesquisadores se posicionavam em locais específicos nos museus, buscando sempre aplicar em locais semelhantes nos dois ambientes. Sobre os pesquisadores, devido ao volume expressivo de formulários a serem aplicados para composição do banco de dados, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado em

edital¹⁵ da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade, que permitiu contar com a participação de cinco pesquisadores voluntários. A equipe para coleta de dados foi formada, então, por graduandos do curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais, acompanhados pela mestranda.

No Espaço do Conhecimento UFMG, a pesquisa foi realizada no quinto andar, onde há um planetário, um terraço panorâmico, a instalação da exposição de longa duração (*O Aleph*), espaço para exposições de curta duração e atividades educativas. Geralmente este andar é o primeiro a ser visitado pelo público, pois na recepção são orientados a iniciar por ali. No local, há mediadores do núcleo educativo, disponíveis durante todo o tempo de funcionamento, que auxiliam os visitantes com questões conceituais, interação com as exposições e intervenções educativas, propõem atividades pedagógicas e ajudam com informações básicas. Para a aplicação dos formulários, as pesquisadoras se posicionaram na entrada do andar, próximo ao elevador, de forma que fosse possível visualizar e acompanhar todas as famílias que entravam no local, viabilizando a contagem e coleta, interferindo o mínimo possível na visita.

No Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, os formulários foram aplicados no primeiro andar, onde há uma exposição de fósseis de dinossauros e é o primeiro local acessado pelos visitantes, além de ser espaço de passagem para aqueles que buscam oficinas educativas. No local há um balcão de informações onde ficam os mediadores do andar, que distribuem senhas para as atividades educativas, orientam os visitantes e tiram dúvidas em relação à exposição e espaços do Museu. Bem próximo ao balcão, onde as pesquisadoras ficaram posicionadas para aplicação dos formulários, seguindo os mesmos padrões e objetivos buscados no Espaço do Conhecimento UFMG, há um planetário inflável, onde são exibidos filmes sobre astronomia para os interessados.

De maneira que as eventualidades¹⁶ não impactassem de forma distinta nos museus pesquisados, os pesquisadores voluntários foram divididos em equipes para

¹⁵ Edital número 01/2019. A participação dos voluntários teve início na aplicação dos formulários da pesquisa piloto. Em seguida, participaram das reflexões para alterações do formulário final, aplicação dos formulários e reuniões semanais para discussão teórica dos temas importantes para a análise dos dados. Participaram, também, da análise descritiva dos dados, desenvolvendo textos acadêmicos sobre as variáveis que mais chamaram a atenção de cada um.

¹⁶ As eventualidades são entendidas aqui como eventos que possam ter ocorrido durante a coleta. Um exemplo foi o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicado em dois finais de semana da coleta

aplicação dos formulários, foram posicionados nos locais de coleta predefinidos, sendo sempre o mesmo local durante todo o período. No momento em que os formulários eram aplicados, as famílias respondentes eram observadas pela mestrandia, que continuava a contagem aleatória de famílias que acessavam o espaço, de forma a garantir que a metodologia de coleta fosse seguida pelo grupo. O Intervalo de amostragem para seleção dos participantes era a seleção de 1 família a cada 3 que entravam no andar, a partir de um ponto prefixado de posicionamento dos pesquisadores, o que fez com que todas as famílias que visitavam o museu tivessem a mesma probabilidade de serem escolhidos para participar da pesquisa, aos moldes do que foi realizado pelo Observatório de Públicos de Museus e Centros Culturais, no Rio de Janeiro (DAMICO *et al.*, 2010)

Vale salientar que foi possível observar a coleta de dados todos os dias de sua realização nos dois museus, uma vez que o horário de funcionamento das duas instituições era diferente. Assim, iniciávamos a pesquisa pelo Museu da PUC, que não funciona aos domingos, e seguíamos para o Espaço do Conhecimento UFMG para prosseguir com a pesquisa.

Segundo conversas informais com a equipe educativa e da recepção do Espaço do Conhecimento UFMG, a programação cultural que gerava um fluxo maior de visitantes era a observação astronômica que acontecia aos sábados à noite. Já no Museu da PUC, a programação que chama mais atenção do público ocorria durante o dia (manhã e tarde). Assim, foi possível coletar dados de maneira que a programação cultural de cada instituição teve impacto semelhante em ambos os locais.

A aplicação dos formulários foi realizada entre os dias 02 de novembro e 15 de dezembro de 2019, apenas nos finais de semana, uma vez que, segundo observações realizadas e diálogos informais com as equipes de atendimento dos museus, verificou-se que o número de famílias em visitas aos museus é maior.

que, por contar com a participação de milhões de jovens em todo o país e ser a forma mais utilizada no Brasil para ingresso no ensino superior, pode ter feito com que o volume de público nos dias de ENEM fosse baixo em ambos os museus. Houve, também, manifestações políticas na cidade, que impactaram negativamente no volume de público nos museus. Vale salientar que essas reflexões foram feitas a partir da observação nos dias de coleta e diálogo informal com as equipes de atendimento dos museus.

3.5 Processos de análises

Como forma de dar mais corpo as análises estatísticas do banco de dados, o projeto foi submetido a edital do curso de graduação em Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido aprovado. Assim, os dados e procedimentos metodológicos foram enviados ao grupo de alunos que realizaram as análises do banco de dados, a partir dos objetivos e interesses da pesquisadora, produzindo gráficos, tabelas, histogramas¹⁷ e descrição básicas do banco.

As análises foram feitas durante os meses de março e abril de 2020, com reuniões semanais entre as graduandas em estatística, o professor orientador indicado pelo edital e a pesquisadora, de forma a analisar os dados de maneira conjunta e seguindo os objetivos e interesses apontados. Foi entregue, pelo grupo, um relatório contendo gráficos com análises descritivas, de correlação e de regressão, para serem analisados e subsidiarem a reflexão a que se propõe esta investigação, que serão mencionados posteriormente.

Para tratamento estatístico do banco de dados foi utilizado o programa R versão 3.6.1, disponível de forma gratuita na Universidade. Para aprofundamento e análise qualitativa de variáveis descritivas foi utilizado o NVivo, para categorização e produção de nuvens de palavras.

Selecionou-se as análises de correlação e regressão para este estudo devido ao fato de elas indicarem a relação entre duas ou mais variáveis e a forma como uma pode ou não influenciar a outra. A Análise de Correlação é aquela que informa se “existe uma correlação entre duas variáveis quando uma delas está relacionada com a outra de alguma maneira” (TRIOLA, 2008, p. 411), ou seja, ela indica se duas variáveis se relacionam ou não. Já a Análise de Regressão indica se “duas variáveis se relacionam de uma maneira determinística, o que significa que dado um valor de uma variável, o valor da outra variável fica automaticamente determinado sem qualquer erro” (TRIOLA, 2008, p. 415), o que significa que ela vai um pouco além da

¹⁷ De acordo com Triola (2008, p. 41) “histograma é um gráfico de barras no qual a escala horizontal representa classes de valores de dados e a escala vertical representa frequências. As alturas das barras correspondem aos valores das frequências, e as barras são desenhadas adjacentes umas às outras”. Ele é construído através de uma tabela de frequência.

correlação, pois indica de que forma duas variáveis se relacionam, indica como esta relação ocorre.

As correlações e regressões encontradas são apresentadas por meio dos gráficos e nuvem de palavras geradas através dos softwares utilizados para análise. Optou-se por indicar os valores de r , estatística que indica a associação entre as variáveis escolhidas para o cálculo, como quadro anexo (ANEXO 3), ao final do trabalho, de forma a trazer mais clareza e facilitar a leitura qualitativa dos dados obtidos, foco da análise. Salienta-se que essa opção foi feita com base na metodologia híbrida de pesquisa escolhida para o estudo, uma vez que foram feitas análises qualitativas de dados quantitativos. Todas as correlações e regressões indicadas nas análises apontaram o coeficiente de correlação r^{18} significativo entre as variáveis (ANEXO 3) e o nível de significância foi fixado em 5%, como será apontado no próximo capítulo.

Após construção da base de dados, percebeu-se que o volume de informações geradas e as possibilidades de análise eram expressivas, sendo necessário fazer um recorte para prosseguir com a pesquisa. Assim, foram selecionadas algumas variáveis para análise. A seguir, as instituições objeto de pesquisa serão apresentadas e na sequência daremos seguimento à análise dos dados obtidos.

¹⁸ “Coeficiente de correlação linear r é uma medida numérica da força da relação entre duas variáveis que representam dados quantitativos. Usando dados amostrais emparelhados (algumas vezes chamados dados bivariados), encontramos o valor de r e a seguir usamos esse valor para concluir que há (ou não) uma relação entre as duas variáveis” (TRIOLA, 2008, p. 411).

4 A PESQUISA DE CAMPO: O ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG E O MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DA PUC MINAS

Neste capítulo pretende-se apresentar brevemente as instituições pesquisadas como forma de caracterizar o ambiente em que os dados foram coletados para, a partir de então, apresentá-los de forma descritiva e analítica de acordo com os procedimentos metodológicos definidos no capítulo anterior.

4.1 Os museus pesquisados

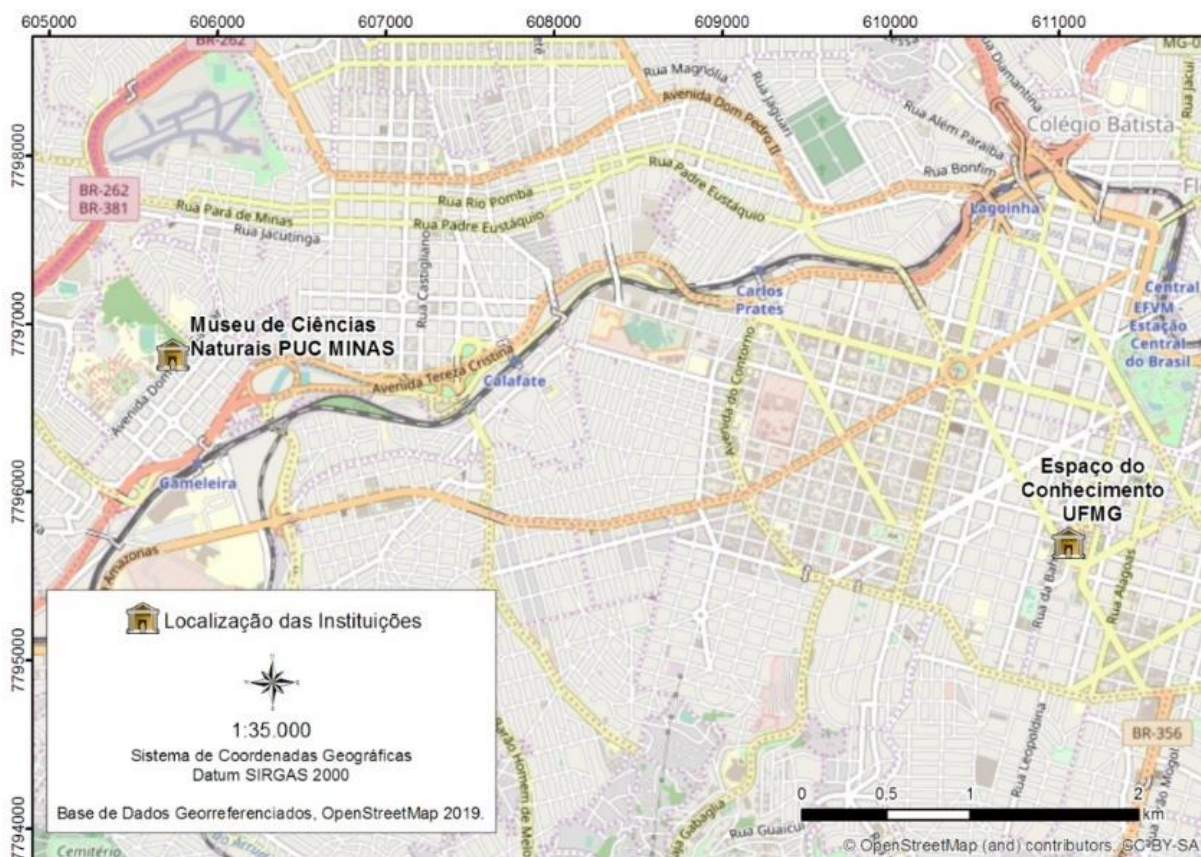
Como mencionado na introdução, os museus escolhidos para esta pesquisa apresentam pontos convergentes e divergentes. Os aspectos observados trouxeram riqueza e multiplicidade a esta escrita e foram considerados como critérios para a seleção dos espaços.

É oportuno salientar que a Universidade Federal de Minas Gerais possui um museu semelhante ao Museu de Ciências Naturais da PUC Minas: o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. A escolha por dois museus que se assemelham em sua proposta expositiva, acervo e localização geográfica na cidade poderia ser outro critério, mas optou-se pela diversidade, e a possibilidade de pesquisar museus com diferenças marcadas, como é o caso do EC em relação ao Museu da PUC. Essa escolha foi pautada pela possibilidade de identificar visitantes com objetivos, interesses e motivações distintos, que em tese poderia trazer novos elementos de reflexão ao estudo, atendendo ao critério de serem museus de ciência pertencentes a uma universidade

Em síntese, ambos espaços possuem setores educativos bem estruturados, vínculo com universidades de renome, amplo diálogo com as produções de conhecimentos acadêmicos, projetos de pesquisa e extensão e relação direta com docentes e discentes das universidades às quais estão vinculados. No entanto, também possuem pontos divergentes importantes: enquanto o Espaço do Conhecimento UFMG está localizado em área central, com entrada franca à exposição, sem acervos físicos ou reserva técnica, e com uma proposta arrojada de divulgação científica, o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas localiza-se em uma região distante do centro, com entrada paga à exposição, montada basicamente a

partir de seu acervo e réplicas produzidas dentro do próprio Museu e proposta expográfica mais tradicional.

Figura 2: Localização espacial dos espaços museais onde a pesquisa foi realizada, na cidade de Belo Horizonte



Fonte: Produção própria.

4.1.1 O Espaço do Conhecimento UFMG

O Espaço do Conhecimento UFMG foi inaugurado em março de 2010, sendo o primeiro equipamento do Circuito Liberdade.¹⁹ Ele está instalado no antigo prédio da

¹⁹ Situado na Praça da Liberdade, antigo centro administrativo do Governo do Estado de Minas Gerais. A ideia de ocupar os prédios das antigas secretarias de estado com instituições culturais já existia em 1997, quando o então senador Francelino Pereira apresenta um projeto que alteraria os usos dos prédios da Praça (FARIA *et al.*, 2016, p. 81). Este projeto sugeria usos culturais para os prédios (VELOSO; ANDRADE, 2015), em parceria com a iniciativa privada, nos moldes em que posteriormente foi instituído o Circuito Liberdade. Aberto ao público em 2010, foram criados, a partir de parcerias público-privadas, museus e centros de cultura que se somaram aos equipamentos culturais já existentes na região.

Atualmente, o Circuito é formado por 16 instituições: Biblioteca Pública Luís de Bessa, Centro de Informação ao Visitante do Circuito Liberdade, HUB Minas Digital, Espaço do Conhecimento UFMG, MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal, Memorial Minas Gerais Vale, Centro de Arte Popular – CEMIG, BDMG Cultural, Academia Mineira de Letras, Museu Mineiro, Arquivo Público Mineiro, Casa do Patrimônio Cultural, Centro Cultural Banco do Brasil, Horizonte Sebrae Casa da Economia Criativa, Cefart Liberdade, Casa Fiat de Cultura e Palácio da Liberdade.

Reitoria da Universidade do Estado de Minas Gerais, construído na década de 1960 e reformado para receber o Museu (FIGURA 2). De acordo com o *site* da instituição,²⁰ o Espaço é uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais e o Governo do Estado de Minas Gerais, vinculado à Diretoria de Ação Cultural da Universidade e à Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. Atualmente, o Espaço conta com o patrocínio do Instituto UNIMED – BH, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, e já recebeu mais de 350 mil visitantes. Ainda segundo o *site* oficial, o Espaço tem por objetivo ser

um espaço cultural diferenciado, que conjuga cultura, ciência e arte simultaneamente. Sua missão não se limita à difusão do conhecimento científico, mas também à produção de diversos saberes, trabalhando no sentido de propor linguagens que combinam, inovam e fruem conteúdos, de forma lúdica.²¹

Segundo Anjos (2019), a ideia inicial do que hoje é o Espaço do Conhecimento UFMG advém de um projeto preexistente no Departamento de Física da Universidade, que buscava criar um planetário e um museu universitário de ciências em Belo Horizonte, com uma exposição que tivesse como temas centrais a biologia, a física e a química. No entanto, o projeto inicial passou por várias modificações, culminando em uma exposição inaugural de longa duração chamada *Demasiado Humano*, com curadoria de Patrícia Kauark, docente do Departamento de Filosofia (LEITE, 2010, p. 15).

A exposição foi desenvolvida em parceria com a colaboração e diálogo entre diversas áreas do conhecimento, tais como história, antropologia, filosofia, artes plásticas, paleontologia e genética. Assim, foi possível aliar os diversos saberes científicos aos saberes populares e indígenas, por exemplo, trazendo multiplicidade ao discurso expositivo (ANJOS, 2019, p. 70).

De acordo com informações do *site* do Espaço, a exposição de longa duração *Demasiado Humano*, em cartaz, passou por algumas modificações durante esses 10 anos de exibição. Atualmente ela está distribuída por três dos cinco andares da instituição e “trata da origem da vida, evolução e trajetória humana. É dividida em três módulos – *O Aleph*, *Origens* e *Vertentes* – em um percurso que permite ao visitante

²⁰ Disponível em: <http://www.espacodoconhecimento.org.br/>. Consulta realizada em: 07 abr. 2019 às 09h48.

²¹ Disponível em: www.ufmg.br/espacodoconhecimento. Acesso: 13 maio 2020 às 17h53.

compreender a ciência como ela é feita: com dúvidas, incertezas e constantes descobertas”.²² Periodicamente são organizadas exposições de curta e média duração no 2º andar do prédio, de forma a diversificar e atualizar os conteúdos já expostos. Segundo o *site* oficial da instituição, o Museu já recebeu aproximadamente 19 exposições temporárias de temas variados: energias alternativas, culturas indígenas, colecionismo e outros.

Para alcançar os objetivos a que se propõe, a instituição possui 85 funcionários distribuídos em cinco núcleos de trabalho, além do setor administrativo e diretoria científico cultural. Atualmente, os Núcleos que compõem o Espaço do Conhecimento são: Núcleo de Ação Educativa, Acessibilidade e Pesquisa de Público; de Astronomia; de Audiovisual; de Comunicação e Design; de Expografia e Produção.

O museu conta com uma diversidade de projetos, instalações e ações educativas diversificadas. Além da exposição temporária, há um planetário com capacidade para 65 pessoas onde são exibidos vídeos em 360º, projetados em uma sala que conta com uma cúpula em formato *full dome* como tela de exibição. Nele são projetados vídeos diariamente, muitos deles produzidos pelo Núcleo de Audiovisual do Espaço. Há, também, um terraço astronômico onde é possível fazer observações de corpos celestes e, durante o dia, do sol, com apoio do Núcleo de Astronomia. Essa programação é possível devido a um teto retrátil, pensado para este fim. As observações acontecem semanalmente, com entrada franca e estão sujeitas às condições meteorológicas.

Os Núcleos são responsáveis pelos projetos propostos, desde ações educativas a montagem e concepção de novas exposições. De acordo com o *site* institucional e as observações realizadas durante a pesquisa, o Espaço apresenta uma diversidade de programação cultural e ações educativas, principalmente aos finais de semana, quando acontecem oficinas, contações de histórias, intervenções teatrais, formação docente, palestras, mediações e muitas outras atividades.²³

²² Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/descubra/exposicoes/>. Acesso em: 27 abr. 2020 às 15h14.

²³ O valor para o planetário é R\$ 6,00 a inteira e R\$ 3,00 a meia e têm direito à gratuidade professores, profissionais de turismo, estudantes de instituições públicas e membros do ICOM. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/#ancora16>. Acesso em: 27 abr. 2020 às 15h47.

As visitas podem acontecer de duas formas: espontânea ou com agendamento prévio, disponível exclusivamente para grupos e com duração de aproximadamente duas horas. As visitas são um dos focos de trabalho do Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade, que propõe atividades educativas para todos os públicos do museu, sejam eles agendados ou espontâneos. Essas atividades acontecem durante todos os dias de funcionamento, variando de acordo com o perfil do público e datas específicas, como, por exemplo, o período de férias escolares e finais de semana.

Além dos andares expositivos, Planetário e Terraço Astronômico, o Espaço conta, ainda, com uma cafeteria e uma livraria no andar térreo e uma fachada vítrea em que são projetados vídeos para interação com a Praça da Liberdade, transportando os conteúdos do Museu para a área externa.

4.1.2 O Museu de Ciências Naturais da PUC Minas

O Museu de Ciências Naturais da PUC Minas está localizado no campus Coração Eucarístico, bairro universitário e tradicional na região Noroeste da capital mineira (FIGURA 2). A PUC Minas, considerada, segundo o *site* da instituição, a maior universidade católica do mundo e uma das melhores universidade privadas do Brasil, possui campus em diversas cidades do país,²⁴ tais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo, sendo bastante tradicional em Minas Gerais. Diferente da UFMG, a PUC Minas é uma universidade privada, assim como o Museu de Ciências Naturais a ela vinculado.

Inaugurado em 1983, inicialmente o Museu funcionava em um anexo do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da PUC Minas, com área de apenas 150 m². Ali funcionou por quatro anos e contava com uma pequena exposição composta por itens de fauna, flora e paleontologia. Nesse período, o acesso à exposição era restrito a pesquisadores e comunidade acadêmica, porém, com o crescimento e variedade dos itens agregados ao seu acervo durante os anos, foi necessária a construção de um prédio próprio para abrigar o museu, seu acervo e suas atividades de pesquisa e extensão (DINIZ, 2013). Para isso, a universidade contou com o apoio financeiro da iniciativa privada, sendo o prédio inaugurado em duas etapas: a primeira

²⁴ Informações retiradas do site oficial da PUC Minas, disponíveis em: <https://www.pucminas.br/institucional/Paginas/a-puc-minas.aspx>. Acesso em: 27 abr. 2019 às 12h.

foi aberta em setembro de 2001, e a segunda em agosto de 2002. Esta nova estrutura é composta por um prédio de três andares, onde estão as exposições e alguns escritórios, reservas técnicas e laboratórios e uma área externa, que conta com uma mata, laboratório e áreas para ações educativas.

Segundo Diniz (2013), após a inauguração da última etapa, o Museu contava com oito exposições temáticas, distribuídas pelos três andares, com temas de ciências biológicas, ecologia, geografia, geologia, paleontologia, botânica, zoologia de vertebrados e invertebrados e astronomia.

Ligado institucionalmente à Secretaria de Cultura e Assuntos Comunitários (SECAC) da PUC Minas, em seu *site* oficial, o Museu se coloca como “espaço interdisciplinar onde o ensino, a pesquisa e a extensão se realizam em um diálogo que envolve toda a comunidade acadêmica e diferentes segmentos da sociedade” com foco na história natural de Minas Gerais. Ainda segundo o *site*, o Museu tem como missão desenvolver pesquisas, educação científica e conservação ambiental, focando em conteúdos e diversidade biológica, ambiental e social como forma de contribuir para “a formação de profissionais e cidadãos comprometidos com a cultura do cuidado e da sustentabilidade do planeta”.²⁵

Possui mais de 130 mil itens em seu acervo, subdividido em coleções de Paleontologia (fósseis), Mastozoologia (mamíferos atuais), Ornitologia (aves), Arqueologia, Astronomia, botânica, Herpetologia (répteis e anfíbios), Bioacústica, Ictiologia (peixes) e animais invertebrados. Dentre os itens da coleção, merece destaque a de paleontologia, que é composta por mais de 70 mil fósseis.

Em 2013 ocorreu um incêndio no segundo andar do prédio que abriga as exposições do Museu da PUC, atingindo também o primeiro andar do edifício. Segundo matérias jornalísticas veiculadas à época,²⁶ apesar de danificar

²⁵ No site oficial do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, http://portal.pucminas.br/museu_novo/index_link.php?tipo_form=museu&pagina=3910, constam informações básicas sobre o histórico da instituição, sua missão, valores e objetivos, além de informar sobre os funcionários vinculados a ela, programação cultural, programa educativo, horários de funcionamento e detalhes sobre o acervo da instituição. Vale salientar que a página virtual do Museu compõe o portal institucional da Universidade. Acesso em: 16 abr. 2020 às 16h45.

²⁶ Foram inúmeras as matérias de jornal veiculadas em portais eletrônicos na mídia nacional. Elenco aqui algumas delas: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/01/apos-incendio-museu-da-puc-minas-fecha-por-tempo-indeterminado.html>, <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/inc%C3%AAndio-destr%C3%B3i-acervo-do-museu-de-ci%C3%AAncias-naturais-da-puc-minas-1.94342>,

consideravelmente a exposição, o fogo não atingiu nenhuma peça original do acervo, apenas réplicas que estavam em exibição e que foram refeitas para a reinauguração, em dezembro do mesmo ano.

Segundo Diniz (2013), que fez pesquisa de mestrado sobre ações educativas do espaço, a instituição está estruturada em quatro grandes setores: curadoria, coordenação, assessoria e administração geral. Segundo ela, a este último estão vinculados os núcleos de museografia, das coleções, os laboratórios, as montagens e o educativo. Segundo a pesquisadora,

o setor de educação é o responsável pela comunicação com o público que visita as exposições do museu. Também realiza pesquisas em ensino e aprendizagem de ciências. (...) A comunicação das ciências no Museu PUC Minas é realizada em três vertentes principais: Excursões monitoradas, visitas espontâneas e visitas educativas (DINIZ, 2013, p. 22).

Sobre a equipe que atua nos diversos setores e núcleos do Museu há uma breve descrição no *site* da instituição, que indica ser composta por pesquisadores discentes e docentes da Universidade, além de técnicos multidisciplinares dedicados exclusivamente ao trabalho no Museu. Com relação ao núcleo educativo, responsável pelo atendimento ao público, ele é composto por duas coordenadoras e 40 educadores, que podem ser tanto bolsistas quanto voluntários.

O núcleo educativo é responsável pela interface com os públicos que visitam o espaço, incluindo aqueles que o fazem de forma espontânea. Segundo o *site* oficial, o núcleo desenvolve oficinas e visitas mediadas pela exposição, com o objetivo de “promover a acessibilidade e a interação dos visitantes, através da pedagogia interdisciplinar e na apropriação lúdica do conhecimento científico”.²⁷ Para isso, o núcleo propõe aos visitantes jogos, oficinas, peças teatrais, painéis e visitas guiadas para estimular a fruição e a expressão no contato com múltiplas linguagens.

Ainda segundo o *site* oficial da instituição e as observações realizadas durante a coleta de dados da pesquisa, o Museu oferece, também, uma programação cultural bastante variada, organizada em três eixos básicos: Férias no Museu, Bê a Bá da

consume-museu-de-ciencias-da-puc-e-deixa-ao-menos-uma-pessoa-presa-no-predio-1.388336, <https://exame.abril.com.br/tecnologia/incendio-atinge-museu-de-historia-natural-da-puc-minas/>, <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,incendio-atinge-museu-da-puc-de-minas-imp-,987565>. Acesso em: 16 abr. 2020.

²⁷ Disponível em: http://portal.pucminas.br/museu_novo/index_padrao.php?pagina=3929. Acesso em: 16 abr. 2020 às 18h22.

Astronomia e o Quinta Científica. O primeiro é sazonal e composto por oficinas, contação de histórias e experiências sensoriais durante as férias escolares, semelhante à programação que ocorre aos finais de semana e feriados, chamada “Sábado no Museu PUC Minas”. O Bê a Bá da Astronomia é um programa desenvolvido pelo núcleo de astronomia do museu e acontece mensalmente, às quintas-feiras à noite, assim como o Quinta Científica, com periodicidade bimestral.

Após breve apresentação dos museus onde a pesquisa foi realizada e as discussões teórico-metodológicas propostas para esta investigação, a seguir serão apresentadas as análises de variáveis que compõem o banco de dados obtido, apontando algumas possíveis reflexões a partir do referencial teórico.

4.2 Análises do banco de dados

A análise dos dados foi feita com auxílio de uma dupla de graduandas em Estatística, orientadas por um professor do curso, conforme mencionado anteriormente. A definição de quais análises e testes seriam realizados se deu a partir de diálogos entre os participantes, que optaram por análises descritivas de variáveis, além da correlação e regressão. Vale aqui salientar que a descrição das variáveis é importante para traçar o panorama geral dos dados e ter maior facilidade de visualização das frequências de respostas, a partir dos gráficos e tabelas obtidos (TRIOLA, 2008, p. 34). Realizou-se, também, teste de associação para verificar se o perfil das famílias era semelhante nos dois museus, análise de regressão estatística e produção de nuvem de palavras para análise de variáveis discursivas.

Como forma de melhor apresentar e interpretar as análises e dados obtidos, optou-se por indicá-las separadamente, na seguinte ordem: Análises descritivas, análises de correlação e regressão e frequência de palavras, representadas em nuvens de palavras.

De forma a facilitar o entendimento e apresentação das análises, optou-se por dividir em três blocos. No primeiro e no segundo serão apresentadas as análises descritivas de dados socioeconômicos e específicos sobre visitas a museus, respectivamente. No terceiro serão feitas análises de correlação e regressão, com apoio de nuvens de palavras.

Para apresentação e reflexão das análises descritivas, as variáveis foram sistematizadas em dois grupos apresentados de forma sequencial: variáveis socioeconômicas e variáveis específicas sobre visitas a museus, conforme quadro a seguir:

Quadro 1: Sistematização de variáveis para análises descritivas

SOCIOECONÔMICAS	VISITAS A MUSEUS
1. Idade do Respondente	10. É a primeira vez que a família vem a este museu?
2. Idade da Criança	11. Visitas a museus realizadas em 2019 com a criança
3. Renda mensal média da família	12. Visitas feitas pela família, com as crianças, nos últimos 3 meses
4. Sexo do Respondente	13. Visitas realizadas ao museus sem a criança nos últimos 3 meses.
5. Cor ou Raça	14. Influência de visitas anteriores ao museu sobre a visita atual
6. Grau de Parentesco com a criança referência da pesquisa	15. Museu como espaço de lazer
7. Escolaridade do respondente	16. Museu como espaço de aprendizagem
8. Escolaridade da Criança	17. Participação em atividades educativas para crianças, durante a visita ao museu
9. Meio de transporte utilizado para chegar ao museu	

Fonte: Produção própria.

4.2.1 Variáveis socioeconômicas

Verificando as idades dos respondentes da pesquisa, identificou-se que a maioria está concentrada entre 31 e 50 anos nos dois museus (77,3% dos participantes no Espaço do Conhecimento UFMG e 77,8% no Museu da PUC Minas), conforme indicam os dados da Tabela 2. A faixa etária majoritária dos respondentes aponta diferença quando comparadas àquelas identificadas pela pesquisa de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, que identificou que 66% de seus visitantes espontâneos têm entre 18 e 35 anos (ESPAÇO, 2018).

Tabela 2: Faixa Etária dos respondentes adultos

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais da PUC Minas			Geral		
Faixa Etária	Frequência	%	Faixa Etária	Frequência	%	Faixa Etária	Frequência	%
20 a 30	18	10,5	20 a 30	25	14,6	20 a 30	43	12,5
31 a 40	73	42,4	31 a 40	97	56,7	31 a 40	170	49,6
41 a 50	60	34,9	41 a 50	36	21,1	41 a 50	96	28,0
51 a 60	20	11,6	51 a 60	7	4,1	51 a 60	27	7,9
61 a 70	0	0,0	61 a 70	6	3,5	61 a 70	6	1,7
71 a 70	1	0,6	71 a 70	0	0,0	71 a 70	1	0,3
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Calculando-se a média de idade dos respondentes de cada instituição, verificou-se que é de 40,7 anos para o Espaço do Conhecimento UFMG, enquanto no Museu da PUC Minas foi de 38,2 anos. Apesar da diferença nas médias de idades encontradas entre as duas instituições, elas são semelhantes àquelas identificadas em museus franceses e cariocas, que identificaram que pessoas entre 30 e 49 anos são as que mais visitam os museus, tanto de ciências quanto das demais tipologias (JONCHERY, VAN PRAËT, 2014; STUDART *et al.*, 2007). De acordo com Köptcke *et al.* (2008), uma das justificativas para essa faixa etária ser majoritária nas visitas seria em relação a características identificadas nessa fase da vida na composição familiar, que coincide com a etapa em que adultos em geral têm filhos na faixa etária selecionada para a pesquisa (0 a 12 anos).

Dentre as variáveis analisadas, apenas duas apresentaram diferenças significativas entre os dois museus: a idade dos respondentes e a faixa etária das crianças referência da pesquisa,²⁸ conforme indicado a seguir.

Tabela 3: Faixa etária das crianças referência da pesquisa

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais da PUC Minas			Geral		
Faixa Etária	Frequência	%	Faixa Etária	Frequência	%	Faixa Etária	Frequência	%
01 a 03	20	11,6	01 a 03	51	29,8	01 a 03	71	20,7
04 a 06	57	33,1	04 a 06	66	38,6	04 a 06	123	35,9
07 a 09	56	32,6	07 a 09	38	22,2	07 a 09	94	27,4
10 a 12	39	22,7	10 a 12	16	9,4	10 a 12	55	16,0
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	1

Fonte: Dados da pesquisa.

As crianças em visita ao Espaço do Conhecimento UFMG têm idade concentrada entre 05 e 09 anos, e são mais velhas que aquelas que visitam o Museu da PUC Minas, com idades concentradas entre 03 e 07 anos, com média apurada de 6,8 e 5,3 anos, respectivamente. A partir de observações realizadas durante a coleta de dados foi possível fazer algumas inferências que podem justificar a diferença de faixa etária entre os dois museus e que se refere aos conteúdos e atividades propostas pelas instituições. O conteúdo do Espaço do Conhecimento parece ser mais atrativo

²⁸ É importante pontuar que para grupos familiares que continham mais de uma criança, pediu-se que o adulto respondente selecionasse uma delas para ser a referência para as perguntas contidas no formulário, a critério do participante.

para crianças um pouco mais velhas, que já teriam tido contato com conteúdos sobre a origem dos planetas, por exemplo. Já no Museu da PUC a exposição de réplicas de ossadas de animais já extintos, em seus tamanhos originais, parece impactar consideravelmente as crianças mais novas. Segundo Leporo (2015), as crianças pequenas, de até 6 anos, têm muito interesse e curiosidade nas ciências naturais e nos seres vivos, temas muito presentes no Museu da PUC. A autora indica, ainda, que a apresentação imagética dos conteúdos científicos amplia o repertório de conhecimentos das crianças, o que pode ser concretizado nesse museu através das réplicas e reconstituição de *habitats* de animais de diversos períodos da história.

Além disso, percebeu-se que a exposição de longa duração do Espaço do Conhecimento UFMG possui um volume maior de textos e representações, o que pode ser um indício de que as crianças já alfabetizadas ou em processo avançado de alfabetização possam interagir melhor com os conteúdos.

Analisando-se a renda mensal das famílias, verificou-se que os dois museus apresentam semelhanças, pois a maior parte dos respondentes têm faixa de renda entre 07 e 15 salários mínimos (frequência de 30% no Espaço do conhecimento e 31% no Museu da PUC). Para cálculo dos valores, foi considerado o valor absoluto do salário mínimo no Brasil para o ano de 2020, que foi de R\$ 1.039,00. Assim, a média salarial da maioria das famílias respondentes ficou em R\$ 11.429,00. A respeito da renda é importante pontuar que está significativamente acima da média salarial da população brasileira que, segundo o IBGE,²⁹ era de R\$ 2.420,00 em 2017 ou R\$ 2.683,44 em 2020. Em relação à população belo-horizontina, a média salarial na cidade está um pouco acima da nacional, porém a dos respondentes da pesquisa permanece consideravelmente acima da média dos habitantes, que de acordo com o IBGE era de 3,6 salários em 2017, o que corresponde a R\$ 3.740,40³⁰ no ano de 2020 ou R\$ 3.373,20 em 2017.

Verificando-se a renda média de visitantes de outros museus de ciência, no Rio de Janeiro, percebe-se que a renda identificada é semelhante àquelas encontradas

²⁹ Informação disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2848-nosso-povo/19626-trabalho-e-rendimento.html>. Acesso em: 05 maio 2020 às 17h31.

³⁰ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 10 maio 2020 às 12h44.

nos museus pesquisados pelo Observatório de Museus e Centro Culturais (OMCC)³¹ (STUDART *et al.*, 2007). No entanto, o OMCC observou que os museus situados em bairros mais distantes do centro e com poder aquisitivo mais baixo têm visitantes com rendas mais baixas, o que pode ser efeito da localidade onde está situado.³² Aqui, identificou-se que, mesmo que os museus estejam situados em bairros distintos, a média de rendimento mensal é semelhante.

Tabela 4: Renda Mensal familiar dos participantes da pesquisa

Espaço do Conhecimento UFMG				Museu de Ciências Naturais da PUC Minas				Geral			
Faixa de renda	Valores*	Frequência	%	Faixa de renda	Valores*	Frequência	%	Faixa de renda	Valores*	Frequência	%
Nenhuma	R\$ 0,00	1	0,6%	nenhuma	R\$ 0,00	0	0,0%	nenhuma	R\$ 0,00	1	0,3%
até 1 salário	R\$ 1.039,00	2	1%	até 1 salário	R\$ 1.039,00	1	1%	até 1 salário	R\$ 1.039,00	3	1%
1 a 2 salários	R\$ 1.558,00	15	9%	1 a 2 salários	R\$ 1.558,00	16	9%	1 a 2 salários	R\$ 1.558,00	31	9%
3 a 4 salários	R\$ 3.636,00	30	17%	3 a 4 salários	R\$ 3.636,00	33	19%	3 a 4 salários	R\$ 3.636,00	63	18%
5 a 6 salários	R\$ 5.714,00	30	17%	5 a 6 salários	R\$ 5.714,00	36	21%	5 a 6 salários	R\$ 5.714,00	66	19%
7 a 15 salários	R\$ 11.429,00	51	30%	7 a 15 salários	R\$ 11.429,00	53	31%	7 a 15 salários	R\$ 11.429,00	104	30%
acima de 15 salários	R\$ 15.585,00	29	17%	acima de 15 salários	R\$ 15.585,00	16	9%	acima de 15 salários	R\$ 15.585,00	45	13%
não responderam	R\$ 8.139,00	14	8%	não responderam	R\$ 8.139,00	16	9%	não responderam	R\$ 8.139,00	30	9%
Total		172	100%	Total		171	100%	Total		343	100%

*O salário mínimo considerado para este cálculo foi de R\$ 1.039, válido para o ano de 2020. Nas faixas salariais foram consideradas as médias de cada faixa

Fonte: Dados da pesquisa.

Já com relação ao sexo dos respondentes, verificou-se que em ambos os museus é majoritariamente feminino, com 65,7% no Espaço do Conhecimento UFMG e 66,7% no Museu da PUC Minas. Esses dados vão ao encontro do perfil encontrado na pesquisa de público realizada pelo Espaço, onde 66% do público espontâneos do museu era do sexo feminino (ESPAÇO, 2017). É importante pontuar que a terminologia utilizada para esta pergunta seguiu o mesmo padrão adotado pela

³¹ O OMCC realizou pesquisa de público em museus de diversas tipologias no Rio de Janeiro nos anos de 2005 e 2009. A primeira pesquisa contou com 9 museus na cidade do Rio de Janeiro e a segunda com 11 museus, porém acrescidos de museus de Niterói e Petrópolis/RJ. A coleta foi realizada aos finais de semana, com público espontâneo. Segundo Damico *et al.* (2010, p. 6), o OMCC é um “grupo de instituições que realiza levantamentos sistemáticos sobre práticas de visita, perfis de visitantes e outros estudos, visando conhecer a apropriação social dos museus e promover o diálogo e a reflexão continuada entre gestores, profissionais e sociedade”.

³² Identificaram que o Museu da Vida e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, situados na zona norte do Rio de Janeiro, têm visitantes com renda entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00. Já no Museu do Universo/Planetário, sediado na zona sul da cidade, os visitantes têm renda média acima de R\$ 6.000,00. (STUDART, JUNG, PEREIRA, 2007).

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2018,³³ desenvolvida pelo IBGE anualmente, de forma a analisar comparativamente os dados.

Verificando-se os dados sobre o último censo demográfico realizado pelo IBGE,³⁴ as mulheres representam 51,03% do total da população brasileira. Assim, mesmo que sejam maioria no país, a presença feminina é ainda mais expressiva nos museus pesquisados.

Esse perfil também condiz com os estudos desenvolvidas pelo OMCC e com pesquisas desenvolvidas em 100 museus franceses no início dos anos 2000 (KÖPTCKE *et al.*, 2008; JONCHERY, VAN PRAËT, 2014).

A majoritária presença feminina nos museus pode ter suas origens na década de 1960, quando as mulheres passam a acessar mais o ensino superior e paulatinamente conquistam mais espaço no mercado de trabalho. Com o tempo, as mulheres vêm atingindo níveis de escolaridade mais altos que os masculinos e construindo maior capital cultural (KOPTCKE *et al.*, 2008; Bourdieu, Darbel, 2007). Considera-se importante pensar que as relações de gênero impactam diretamente nas visitas familiares a museus, uma vez que o papel de educar e organizar as saídas familiares segue ainda centrado na mulher (KÖPTCKE *et al.*, 2008), o que pode estar relacionado ao fato de elas serem maioria dentre as respondentes do estudo. Além disso, observou-se neste estudo que muitas participantes estavam acompanhadas de homens, porém eram elas que se prontificavam a responder os formulários, o que pode corroborar a ideia da centralidade feminina nas famílias visitantes.

Tabela 5: Sexo dos respondentes adultos da pesquisa

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais da PUC Minas			Geral		
Sexo	Frequência	%	Sexo	Frequência	%	Sexo	Frequência	%
Feminino	113	65,7	Feminino	114	66,7	Feminino	227	66,2
Masculino	59	34,3	Masculino	57	33,3	Masculino	116	33,8
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte Dados da pesquisa.

³³ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 07 maio 2020 às 14h41.

³⁴ Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html>. Acesso em: 10 maio 2020 às 12h15.

O critério de escolha para a terminologia utilizada na variável que indica *cor ou raça* do respondente também seguiu o padrão do IBGE na PNAD Contínua de 2018 citada anteriormente, respeitando-se a autodeclaração do respondente. Apesar da diversidade étnico-racial brasileira, em ambos os museus o resultado foi similar: a maior parte dos visitantes se autodeclararam da cor branca (50,1%) ou parda (33,8%), seguido pelas pessoas que se declaram pretas (11,1%). Este resultado é semelhante ao encontrado na pesquisa de público realizada pelo Espaço do Conhecimento UFMG, que verificou que 51% dos respondentes eram brancos e 38% pardos ou pretos (ESPAÇO, 2018). Se alinham, também, às pesquisas realizadas pelo OMCC, onde 49% dos visitantes dos 11 museus pesquisados em 2009 eram brancos, 30% pardos e 16% pretos (DAMICO *et al.*, 2010). No entanto, essa divisão não reflete a realidade da população brasileira que, segundo a PNAD Contínua de 2018, era composta por 45,22% de brancos e 53,92% de pardos ou pretos. Este é um indício da elitização dos espaços museais, uma vez que verificando a escolaridade da população brasileira podemos perceber que as taxas de analfabetismo entre pardos e pretos (9,1%) é significativamente superior à de brancos (3,9%) e maior nas regiões do país em que há mais autodeclarados pretos e pardos, como é caso do Nordeste (13,9%)³⁵.

Tabela 6: Cor ou Raça do respondente

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais da PUC Minas			Geral		
Cor ou Raça	Frequência	%	Cor ou Raça	Frequência	%	Cor ou Raça	Frequência	%
Branca	93	54,1	Branca	79	46,2	Branca	172	50,1
Parda	51	29,7	Parda	65	38,0	Parda	116	33,8
Preta	19	11,0	Preta	19	11,1	Preta	38	11,1
Amarela	4	2,3	Amarela	2	1,2	Amarela	6	1,7
Não desejo responder	3	1,7	Não desejo responder	2	1,2	Não desejo responder	5	1,5
Outra	2	1,2	Outra	4	2,3	Outra	6	1,7
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte Dados da pesquisa.

Com relação à escolaridade do respondente, os dados indicam ligeira distinção entre os dois museus, uma vez que no Espaço do Conhecimento UFMG há um volume maior de pós-graduados comparado ao Museu de Ciências Naturais PUC Minas:

³⁵ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 10 maio 2020 às 13h24.

48,2% e 38,6%, respectivamente. No entanto, mesmo com essa diferença considerável é perceptível a alta escolaridade da maioria dos participantes, uma vez que se somarmos aqueles que possuem ensino superior aos que possuem pós-graduação, o montante representa mais de 70% dos respondentes em ambos os museus pesquisados.

Identificou-se, assim, perfil semelhante àquele verificado nas pesquisas da OMCC e do Espaço do Conhecimento UFMG (DAMICO *et al.*, 2010; ESPAÇO, 2018), em que 40% dos respondentes das pesquisas realizadas no Rio de Janeiro tinham, no mínimo, ensino superior completo. Esses dados também foram verificados dentre os visitantes do Circuito Liberdade, onde 47,2% dos visitantes possuíam ao menos ensino superior completo (INSTITUTO, 2016). A escolaridade é um dos fatores que segundo Bourdieu e Darbel (2007) mais influencia o acesso aos espaços culturais, uma vez que a educação formal e a família influenciam diretamente na formação do capital cultural dos sujeitos, item preponderante para o acesso aos museus e formação do *habitus* (SETTON, 2002; DENDASCK; LOPES, 2016) .

Refletindo apenas sobre aqueles que possuem ensino superior completo, os dados indicaram que 34,1% do total de respondentes possuem esse nível de escolaridade, o que difere do perfil identificado pela PNAD Contínua de 2018, que identificou que apenas 16,5% da população brasileira possuía ensino superior completo.

Tabela 7: Nível de escolaridade dos respondentes

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
Escolaridade	Frequência	%	Escolaridade	Frequência	%	Escolaridade	Frequência	%
Fundamental incompleto	1	1,0	Fundamental incompleto	0	0,0	Fundamental incompleto	1	0,3
Fundamental completo	0	0,0	Fundamental completo	0	0,0	Fundamental completo	0	0,0
Médio incompleto	3	2,0	Médio incompleto	3	1,8	Médio incompleto	6	1,8
Médio completo	16	9,0	Médio completo	27	15,7	Médio completo	43	12,5
Superior incompleto	17	9,8	Superior incompleto	9	5,3	Superior incompleto	26	7,6
Superior completo	51	29,0	Superior completo	66	38,6	Superior completo	117	34,1
Pós-graduação	83	48,2	Pós-graduação	66	38,6	Pós-graduação	149	43,4
Sem resposta	1	1,0	Sem resposta	0	0,0	Sem resposta	1	0,3
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte Dados da pesquisa.

Perguntados se a criança referência da pesquisa já frequentava escola, qual tipo e há quanto tempo, a maior parte apontou que a criança frequenta escola particular há mais de um ano (62,1%), seguido por aquelas que frequentam escola pública pelo mesmo período (21%). Sobre este dado, considerou-se importante refletir sobre ele a partir da renda média encontrada, que indica que as famílias possuem poder aquisitivo para manutenção das crianças em escolas particulares desde os primeiros anos de vida. Esse dado reflete questões profundas do sistema escolar brasileiro, em que progressivamente o sistema de ensino particular configurou-se como alternativa educacional para classes médias e altas frente às inúmeras fraquezas da rede pública de ensino (AKKARI, 2001).

A possibilidade de frequentar escolas particulares permite, ainda, que as famílias escolham sobre o tipo de escola, de linhas e políticas pedagógicas que querem para os filhos, já que o ensino público e suas diretrizes são desenvolvidas no âmbito político nas esferas municipal, estadual e federal, com pouca participação e aderência aos interesses pedagógicos das famílias (AKKARI, 2001).

Tabela 8: Nível de escolaridade da criança referência da pesquisa

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
Escolaridade	Frequência	%	Escolaridade	Frequência	%	Escolaridade	Frequência	%
Não frequenta	9	5,2	Não frequenta	20	11,7	Não frequenta	29	8,5
Frequenta a menos de 1 ano - Escola Pública	4	2,3	Frequenta a menos de 1 ano - Escola Pública	5	2,9	Frequenta a menos de 1 ano - Escola Pública	9	2,6
Frequenta a mais de 1 ano - Escola Pública	34	19,8	Frequenta a mais de 1 ano - Escola Pública	38	22,2	Frequenta a mais de 1 ano - Escola Pública	72	21
Frequenta a menos de 1 ano - Escola Particular	8	4,7	Frequenta a menos de 1 ano - Escola Particular	12	7,1	Frequenta a menos de 1 ano - Escola Particular	20	5,8
Frequenta a mais de 1 ano - Escola Particular	117	68	Frequenta a mais de 1 ano - Escola Particular	96	56,1	Frequenta a mais de 1 ano - Escola Particular	213	62,1
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, em relação ao meio de transporte utilizado para chegar ao museu, percebe-se diferença significativa entre os dois locais, mas foi observado em ambos que a principal forma de locomoção utilizada foi o carro particular ou de aplicativo (84,3% no Espaço e 92,4% no Museu da PUC, somando-se os percentuais das duas opções).

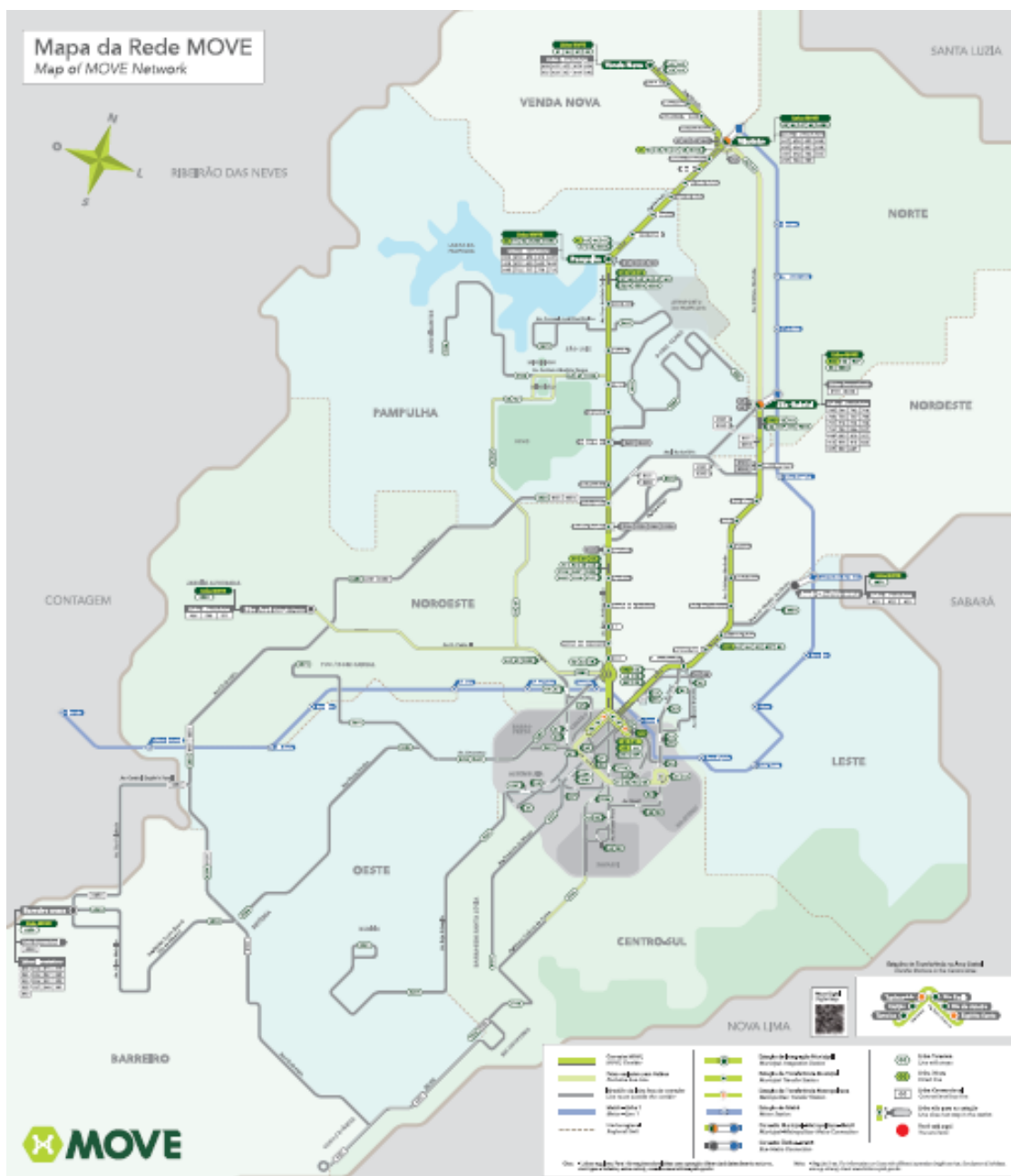
Apesar do baixo percentual de respondentes que indicou ter ido de ônibus, é interessante refletir um pouco sobre esse dado. A praça onde o Espaço do Conhecimento UFMG está localizado tem mais linhas de ônibus que a região onde está localizado o Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, o que pode ser um dos fatores que influenciaram para que esse meio de transporte fosse utilizado quase três vezes mais que no segundo museu (7,6% no Espaço e 2,9% no Museu da PUC). A Praça da Liberdade é alimentada por várias linhas de ônibus do MOVE, sistema de ônibus de Belo Horizonte em que é possível se deslocar pela cidade utilizando mais de um ônibus, porém pagando apenas uma passagem quando se utiliza as plataformas de embarque/conexão do sistema. O MOVE conecta todas as regionais da cidade à região centro-sul, onde está localizado o museu.³⁶ No Mapa 1 é possível

³⁶ Informações detalhadas sobre o sistema integrado de ônibus de Belo Horizonte estão disponíveis em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/sistema-move-uma-tarifa-e-diversos-destinos-na-capital>. Acesso em: 18 maio 2020 às 13h.

verificar a concentração de linhas na região onde o Espaço do Conhecimento está localizado, em paralelo à parca quantidade de linhas que abastece a regional

Noroeste, onde está localizado o Museu da PUC. Essa facilidade de acesso pode ser um dos fatores que impactaram no número maior de pessoas que utilizaram ônibus para chegar até o Espaço do Conhecimento UFMG.

Mapa 1: Linhas do MOVE nas regionais de BH



³⁷ Disponível em:

https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/imagens/authenticated%2C%20editor_a_bhtrans/MAPA_DAREDEMOVE%20_ESTACOES.pdf. Acesso em: 18 maio 2020 às 13h06.

Tabela 9: Meio de transporte utilizado para chegar ao museu

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
Tipo de transporte	Frequência	%	Tipo de transporte	Frequência	%	Tipo de transporte	Frequência	%
Carro Próprio	116	67,4	Carro Próprio	145	84,8	Carro Próprio	261	76,1
Carro de Aplicativo ou Táxi	29	16,9	Carro de Aplicativo ou Táxi	13	7,6	Carro de Aplicativo ou Táxi	42	12,2
Ônibus	13	7,6	Ônibus	5	2,9	Ônibus	18	5,2
Metrô	1	0,6	Metrô	1	0,6	Metrô	2	0,6
Caminhando	9	5,2	Caminhando	4	2,3	Caminhando	13	3,8
Outros	3	1,7	Outros	1	0,6	Outros	4	1,2
Mais de um meio de transporte	0	0,0	Mais de um meio de transporte	2	1,2	Mais de um meio de transporte	2	0,6
Sem resposta ou Inválido	1	0,6	Sem resposta ou Inválido	0	0,0	Sem resposta ou Inválido	1	0,3
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.2 Variáveis específicas sobre visitas a museus

Visando investigar a frequência com que os respondentes visitam o museu em que foram abordados, perguntou-se se já haviam visitado o local anteriormente. Como indicado na Tabela 10, os resultados são semelhantes nas duas instituições, com 55,7% de pessoas que visitavam pela primeira vez, o que corrobora os dados encontrados no estudo de público do Espaço do Conhecimento UFMG (ESPAÇO, 2018). No entanto, esses números são inferiores aos resultados obtidos pela OMCC, que identificou que, em 2009, 76% dos respondentes visitavam o museu pela primeira vez (DAMICO *et al.*, 2010).

O número de respondentes que visitavam o local pela primeira vez pode ser um indício da constante renovação de público e da necessidade de se cativar os visitantes para que retornem ao local, o que poderia ser efetivado pela multiplicidade na programação cultural proposta pelos museus (ESPAÇO, 2018; JONCHERY, VAN PRAËT, 2014; STUART *et al.*, 2007).

Tabela 10: É a primeira vez que a família vem a este museu?

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	89	51,7	Sim	102	59,7	Sim	191	55,7
Não	81	47,1	Não	69	40,3	Não	150	43,7
Não sei	2	1,2	Não sei	0	0	Não sei	2	0,6
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a frequência de visitas aos museus, os respondentes foram perguntados sobre duas periodicidades: no ano em que a pesquisa foi realizada (2019) e nos últimos 3 meses, conforme tabelas 12 e 13. Analisando os dados das duas respostas de forma conjunta, percebe-se que visitas a museus pode não ser algo da rotina das famílias, uma vez que a maior parte dos participantes indicou que nos últimos três meses não visitou nenhum, ou apenas 1 museu com a criança (28,6% e 27,7% respectivamente), o que aponta menos de uma visita por mês.

Àqueles que indicaram já ter visitado a instituição anteriormente foi perguntado se a visita anterior teve influência sobre a atual. Foram poucos os que deram uma resposta negativa (6,4% do total de respondentes). No entanto, o que chama a atenção é o número de pessoas que indicaram que nem sempre a visita anterior influenciou a atual (55,1%), o que pode ser um indício de que “conhecer as motivações e as necessidades dos visitantes é o modo mais eficaz para encontrar caminhos para ajustar o que se está oferecendo às expectativas dos públicos” (DAMICO *et al.*, 2010, p. 29).

Tabela 11: Influência de visitas anteriores ao museu sobre a visita atual

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	68	39,5	Sim	64	37,4	Sim	132	38,5
Não	17	9,9	Não	5	2,9	Não	22	6,4
Nem sempre	87	50,6	Nem sempre	102	59,7	Nem sempre	189	55,1
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar a Tabela 12, percebe-se que os visitantes do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas indicaram ter visitado menos museus que os do Espaço do Conhecimento UFMG. Essa informação nos leva a pensar sobre a proximidade do segundo a outros museus. Situado no Circuito Liberdade, pode ser que os visitantes visitem outras instituições ao se deslocar até a praça, já que segundo pesquisa realizada pelo Circuito, 30,8% dos visitantes do Circuito o frequentam no mínimo 1 vez por mês (INSTITUTO, 2016). Além disso, a centralidade e facilidade de acesso (Mapa 1) a outras opções de lazer como cinemas, praças, bares e restaurantes também podem impactar no maior número de visitas realizadas em 2019 pelos respondentes do Espaço do Conhecimento UFMG.

Tabela 12: Número de visitas a museus realizadas em 2019 com a criança

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
Visitas	Frequência	%	Visitas	Frequência	%	Visitas	Frequência	%
0	26	15,2	0	50	29,3	0	76	22,2
1	18	10,5	1	37	21,6	1	55	16
2	21	12,2	2	21	12,3	2	42	12,2
3	19	11	3	12	7	3	31	9
4 ou mais	85	49,4	4 ou mais	46	26,9	4 ou mais	131	38,2
Não me recordo	3	1,7	Não me recordo	1	0,6	Não me recordo	4	1,2
Sem resposta ou inválido	0	0	Sem resposta ou inválido	4	2,3	Sem resposta ou inválido	4	1,2
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 13: Número de visitas a museus realizadas nos últimos 3 meses com a criança

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
Visitas	Frequência	%	Visitas	Frequência	%	Visitas	Frequência	%
0	40	23,3	0	58	33,9	0	98	28,6
1	36	21	1	59	34,5	1	95	27,7
2	26	15,1	2	24	14	2	50	14,6
3	27	15,7	3	11	6,4	3	38	11,1
4 ou mais	41	23,9	4 ou mais	18	10,5	4 ou mais	59	17,2
Não me recordo	2	1	Não me recordo	1	0,7	Não me recordo	3	0,8
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda sobre a frequência de visitas, perguntou-se sobre aquelas realizadas a museus sem as crianças, nos últimos 3 meses. Identificou-se que os do Espaço do Conhecimento UFMG visitam mais do que os do Museu da PUC, onde a maior parte dos respondentes indicou ter visitado museus sem as crianças no período (51,7% e 37,5%, respectivamente), o que é bastante significativo se considerarmos que em pesquisa do IPEA de 2013 apenas 12,5% dos brasileiros residentes em áreas urbanas indicaram “frequentar museus pelo menos uma vez por ano” (SILVA, 2019).

Tabela 14: Número de visitas a museus realizadas nos últimos 3 meses sem a criança

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	89	51,7	Sim	64	37,5	Sim	153	44,6
Não	83	48,3	Não	103	60,2	Não	186	54,2
Sem resposta ou inválido	0	0	Sem resposta ou inválido	4	2,3	Sem resposta ou inválido	4	1,2
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

4.2.3 Análises de correlação e regressão

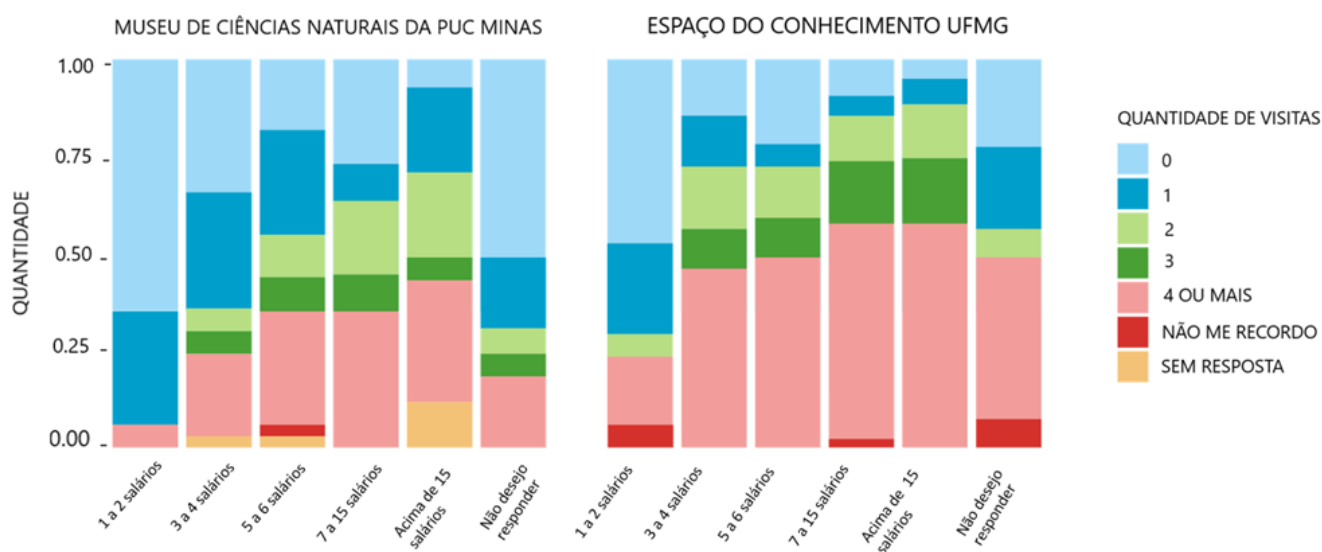
De forma a compreender a frequência de visitas a museus das famílias participantes da pesquisa, e considerando que esta frequência pode ser um interessante indicativo sobre a importância dos museus no lazer familiar, realizou-se algumas associações entre a frequência de visitas familiares no ano de 2019 e algumas variáveis socioeconômicas: renda familiar mensal, escolaridade da criança e cor/raça das respondentes.

No Gráfico 1 estão indicadas as associações entre a quantidade de visitas em 2019 e a renda familiar, de onde pode-se inferir que quanto maior a renda, maior o número de visitas realizadas pela família.³⁸ Essa constatação vai ao encontro do que Bourdieu e Darbel (2007, p. 42) identificaram, uma vez que mesmo que as visitas sejam gratuitas, há outros custos que devem ser mensurados, “tais como as despesas com transporte ou os custos implicados em qualquer saída familiar”, como

³⁸ p-valor menor que 0.0001, que indica que a associação entre as variáveis é significativa.

alimentação, por exemplo. Nesse sentido, o capital econômico se coloca como fator que pode influenciar a frequência aos espaços pesquisados, mesmo que um deles cobre entrada e o outro não, já que conforme indica o histograma³⁹ representado no Gráfico 1, o comportamento dos visitantes é semelhante nas duas instituições.

Gráfico 1: Quantidade de visitas em 2019 x renda familiar, estratificado por museu



Fonte: Dados da pesquisa.

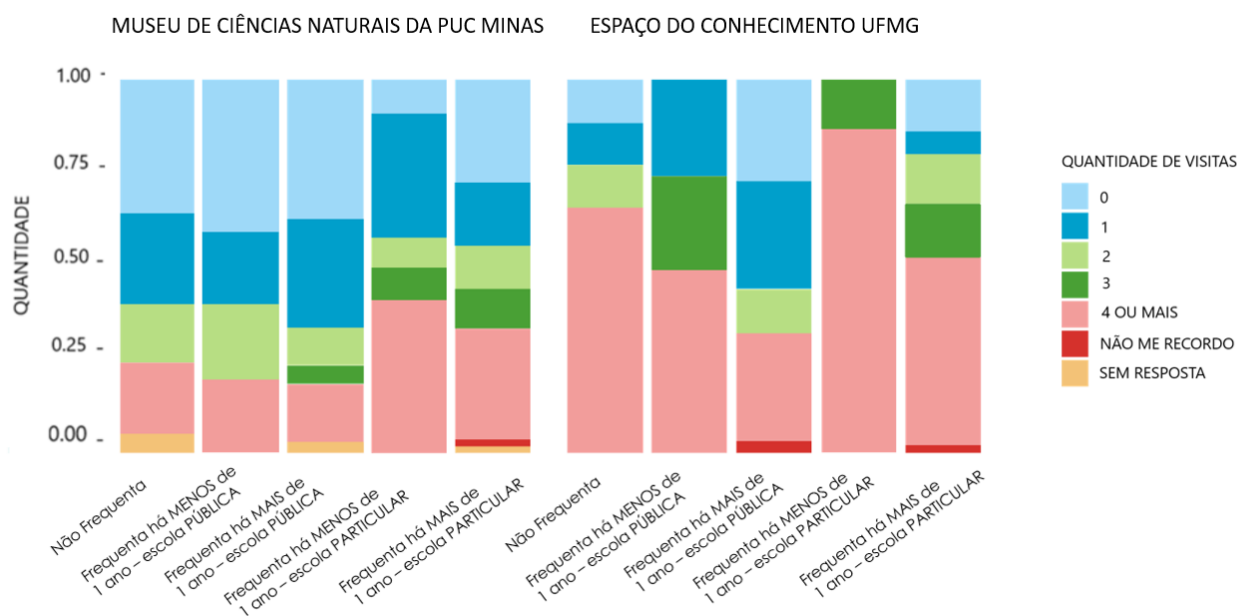
Segundo Bourdieu (2007), os dois principais tipos de capitais são o econômico e o cultural e é sempre mais provável que quem possua um também possua o outro, de forma progressiva e cíclica. Essa afirmação pode ser observada nos dados demonstrados no Gráfico 1, já que à medida que aumenta a renda, a barra/cor referente ao maior número de visitas (4 ou mais) cresce, enquanto as que representam quantidades inferiores de visitas diminuem, indicando que a associação entre as duas variáveis é significativa.

Já em relação à escolaridade da criança e a frequência, identificou-se que crianças que estão há mais tempo na escola visitaram menos museus do que as

³⁹ Vale aqui uma breve explicação de leitura dos histogramas que serão utilizados neste trabalho. No eixo x tem-se representadas as faixas de renda indicadas pelas famílias e no eixo y a quantidade de visitas. O Histograma foi escolhido para essa representação pois em uma só barra é possível ver todas as variações de quantidade de visitas em cada faixa salarial, segmentado por museu, oferecendo uma boa visualização das respostas e a diferença entre as faixas de renda.

crianças que estão há menos tempo.⁴⁰ Refletindo sobre esse dado, é possível inferir que com a frequência à escola o tempo para atividades que não se relacionem com os conteúdos escolares pode ser menor, pensando que aos finais de semana os adultos podem auxiliar mais as crianças em tarefas de casa, demandas escolares etc. Além disso, identificou-se que crianças que estudam em escolas particulares visitam mais museus do que aquelas que estudam em escolas públicas, o que pode ser um indicativo de capital econômico e cultural das famílias, já que no Brasil a tendência é que as famílias com maior capital cultural e econômico matriculem crianças em escolas particulares, conforme apontado anteriormente. Akkari (2001) indica que com a deterioração do ensino público brasileiro, o acesso a escolas de qualidade é cada vez mais restrito, concentrado nas mãos da elite, já que o capital escolar tem cada vez mais importância para a manutenção do domínio econômico que elas já possuem.

Gráfico 2: Quantidade de visitas em 2019 x escolaridade da criança, estratificado por museu

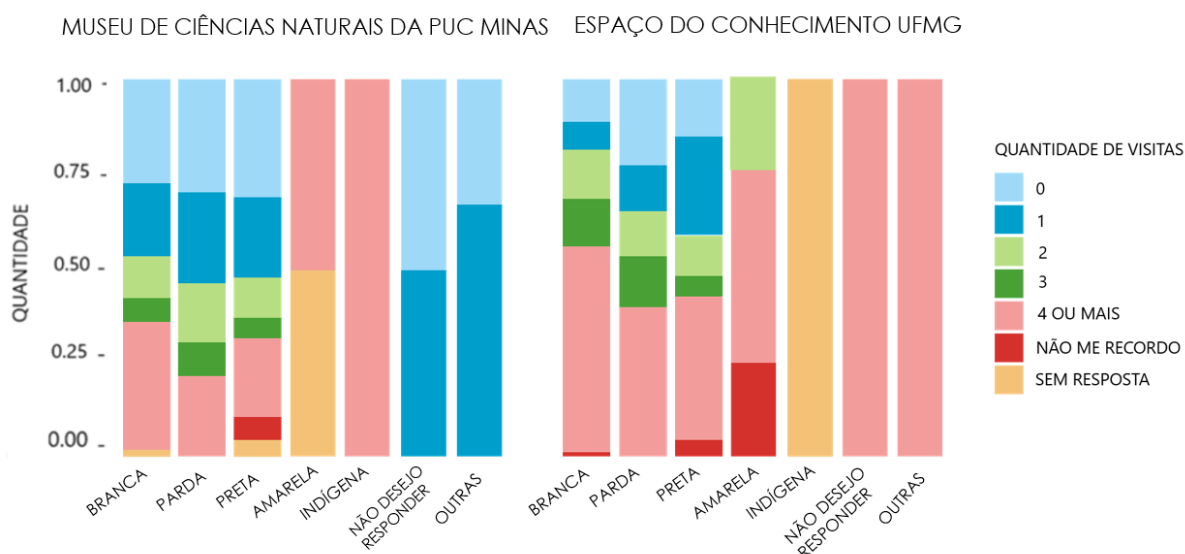


Fonte: Dados da pesquisa.

⁴⁰ P-valor de 0.022, que indica associação entre as variáveis

Ao relacionar-se a quantidade de visitas com a cor/raça declaradas, percebe-se que a associação é significativa e que pessoas brancas têm mais tendência a visitar museus que pessoas pardas e pretas,⁴¹ como indicado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Quantidade de visitas em 2019 x cor ou raça, estratificado por museu



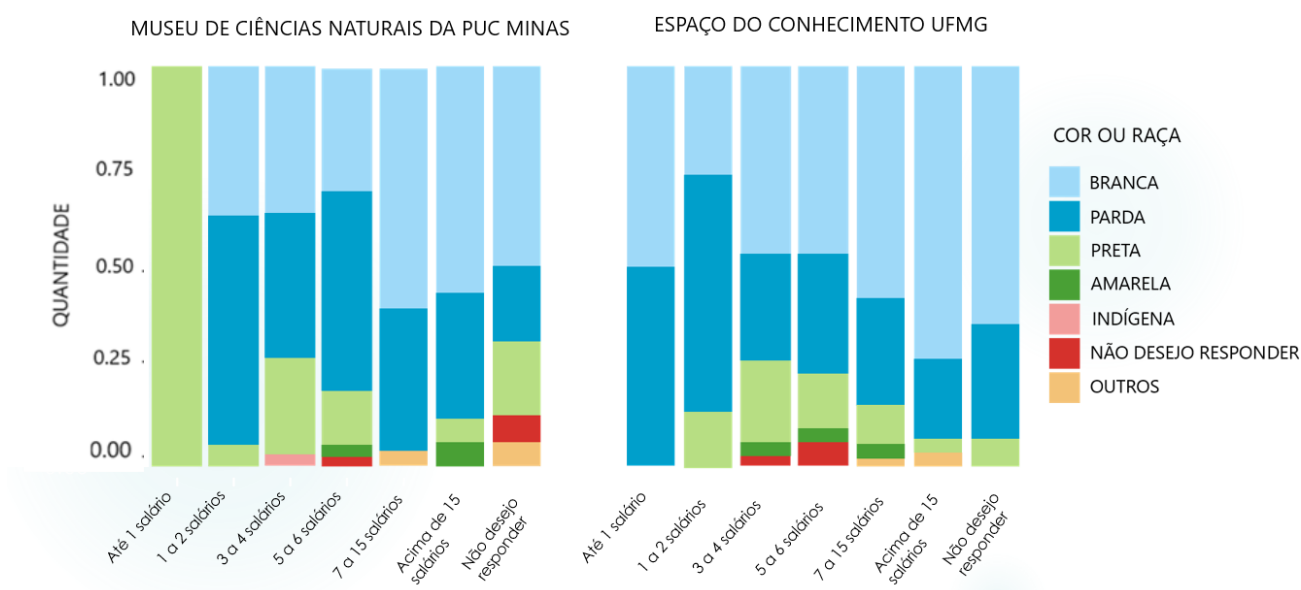
Fonte: dados da pesquisa

Esse dado pode estar relacionado diretamente à renda e escolaridade, uma vez que pessoas brancas tendem a ter maiores salários que pessoas pardas ou negras, conforme Gráfico 4.⁴² Dados do IBGE de 2017 indicam que enquanto o rendimento médio de brancos é R\$ 2.814,00, para pessoas pretas era de R\$ 1.570 e pardos de R\$ 1.606,00.⁴³ Além disso, a escolaridade de pessoas brancas tende a ser maior que das demais, dado diretamente relacionado à renda.

⁴¹ P-valor de 0.024, indicando associação significativa entre a quantidade de visitas e cor/raça do respondente.

⁴² P-valor de 0.002, que indica significância na relação entre as variáveis cor/raça e renda.

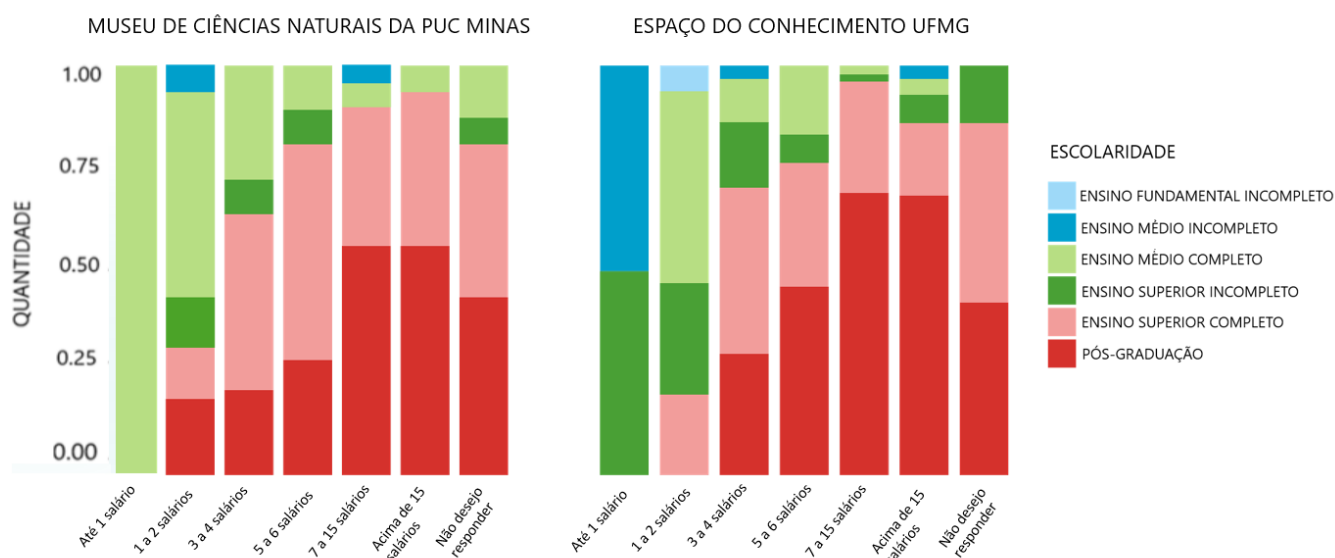
⁴³ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2848-nosso-povo/19626-trabalho-e-rendimento.html>. Acesso em: 11 maio 2020 às 16h37.

Gráfico 4: Relação entre cor/ raça e renda mensal, estratificado por museu

Fonte: Dados da pesquisa

Bourdieu e Darbel (2007) e Mantecón (2009) indicam que quanto maior é o número de anos de escolaridade, maior a renda e maior a chance de o indivíduo frequentar museus. Como no Brasil a escolaridade dos brancos é consideravelmente superior à dos demais, esse fator pode influenciar na frequência aos museus. Indicam, também, que o número de anos de estudo impacta diretamente na renda: quanto maior a escolaridade, maiores os salários, como é possível ver no Gráfico 5.⁴⁴ Passos (2010) indica que essa desigualdade é fruto do racismo estrutural da sociedade brasileira, que se materializa nas desigualdades de acesso à cultura e à educação, com consequentes impactos na renda mensal dos pretos e pardos.

⁴⁴ P-valor igual a 0.0004, que indica associação entre as variáveis.

Gráfico 5: Relação entre renda familiar e escolaridade, estratificado por museu

Fonte: dados da pesquisa

Quando perguntados sobre a percepção do museu como espaço de lazer e de aprendizagem, as respostas são semelhantes nos dois museus, onde a maior parte dos respondentes o considera tanto espaço de lazer quanto de aprendizagem, dando os primeiros indícios da relação entre lazer e a aprendizagem nos museus. Chama a atenção o resultado obtido no Museu da PUC em relação à aprendizagem, já que 100% responderam positivamente.

Esse entendimento pode ser uma das justificativas para o alto índice de participantes que indicaram participar de atividades educativas para as crianças quando visitam os museus (74,9% do total de participantes da pesquisa).

Tabela 15: Museus como espaço de Lazer

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	164	95,3	Sim	164	95,9	Sim	328	95,6
Não	6	3,5	Não	6	3,5	Não	12	3,5
Não sei	2	1,2	Não sei	1	0,6	Não sei	3	0,9
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 16: Museus como espaço de Aprendizagem

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	169	98,2	Sim	171	100	Sim	340	99,1
Não	1	0,6	Não	0	0	Não	1	0,3
Não sei	2	1,2	Não sei	0	0	Não sei	2	0,6
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

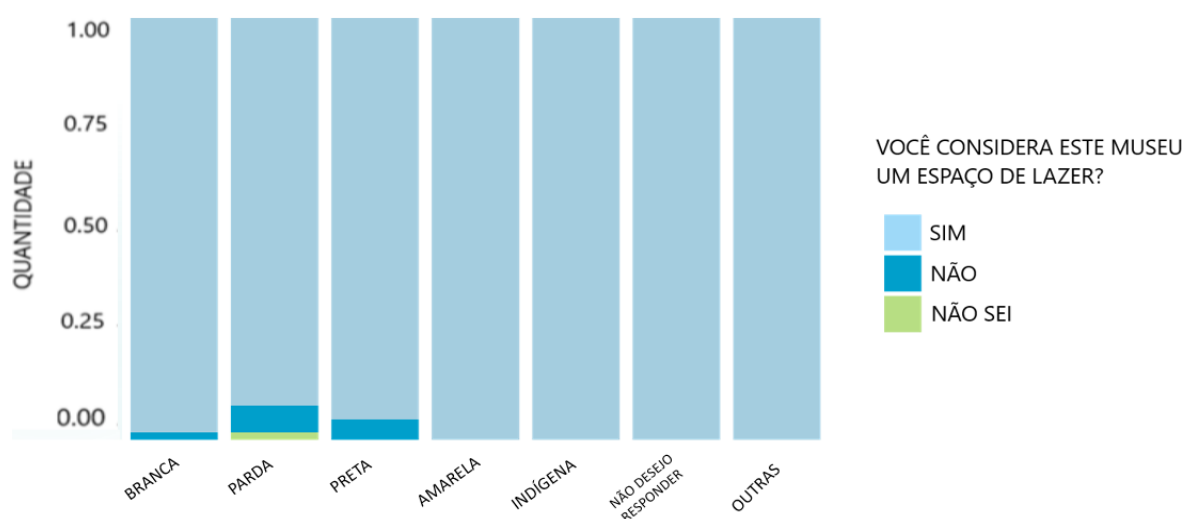
Tabela 17: Participação em atividades educativas dos museus

Espaço do Conhecimento UFMG			Museu de Ciências Naturais PUC Minas			Geral		
	Frequência	%		Frequência	%		Frequência	%
Sim	116	67,4	Sim	141	82,5	Sim	257	74,9
Não	18	10,5	Não	12	7	Não	30	8,8
Nem sempre	38	22,1	Nem sempre	18	10,5	Nem sempre	56	16,3
Total	172	100	Total	171	100	Total	343	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Em busca de tentar entender a percepção dos museus como espaços de lazer, foram feitas análises de regressão em que relacionaram a pergunta “Você considera este museu um espaço de lazer?” às variáveis que indicavam cor/raça, sexo e escolaridade dos respondentes. Foi possível perceber que a maior parte dos que não percebem o museu como espaço de lazer são homens, pretos ou pardos e com ensino médio incompleto. Essa constatação vai ao encontro das pesquisas de Bourdieu e Darbel (2007) que apontam que o nível de escolaridade impacta diretamente na percepção dos museus, assim como às pesquisas de Soutto Mayor e Isayama (2017) a respeito daqueles que praticam o lazer intelectual.

Gráfico 6: Cor/raça e as percepções do museu como espaço de lazer



Fonte: Dados da pesquisa.

Como indicado anteriormente, pretos e pardos têm renda e escolaridade mais baixa, o que impacta negativamente na frequência e na percepção dos museus como espaços de lazer. Pessoas com renda e escolaridade mais baixa tendem a ter capitais menos complexos, não possuindo os códigos necessários para interação com campos que não são familiares a elas. Segundo a teoria do *habitus*,⁴⁵ é preciso deter determinados códigos para interagir nos campos,⁴⁶ como por exemplo o dos museus. Esses códigos só seriam adquiridos com a frequência aos espaços, criando um ciclo: quem não frequenta tende a não adquirir os códigos para interlocução com os museus e, conseqüentemente frequentará menos.

Segundo Zaia Brandão (2010), indivíduos de classes mais baixas com rendas inferiores tendem a ser expostos a uma gama menor de capitais (cultural, escolar, econômico, político, social etc.), o que diminui a chance de formação de *habitus* mais complexos que possibilitem o trânsito entre campos. Como eles já não frequentam museus, devido a diversos fatores, dentre eles baixa renda e escolaridade, fica mais

⁴⁵ Seria formado pela soma de todos os tipos de capitais que o agente social possui, sendo constantemente reconstruído pela trajetória social do indivíduo (ZAIÁ BRANDÃO, 2010).

⁴⁶ Segundo Zaia Brandão (2010, p. 231), o campo é um local de constante disputa para “conservar ou transformar as relações de forças ali presentes”.

difícil o entendimento dos museus como espaços de lazer, uma vez que não possuem códigos que os permitam interagir com os espaços culturais.

Aqui pode-se iniciar uma reflexão sobre as aproximações entre lazer e aprendizagem nos museus, a partir das percepções das famílias. As visitas de finais de semana aos museus estão inseridas no lazer intelectual e aqueles que optam por esse tipo de lazer são uma pequena parte da população brasileira, com alta escolaridade e renda (SOUTTO MAYOR, ISAYAMA, 2017). Os autores indicam que mesmo que o percentual de pessoas interessadas ou que efetivamente praticam o lazer intelectual seja muito baixo, ele aumenta à medida que aumenta o grau de escolaridade e renda, uma vez que, segundo a pesquisa, a maior parte dos interessados têm, no mínimo, ensino médio completo.

Para Soutto Mayor e Isayama (2017), o baixo interesse em bibliotecas, pinacotecas e museus está diretamente relacionado ao pouco incentivo por parte do poder público e das escolas, que não incluem essas práticas como fundamentais para a formação integral do cidadão. Assim, aqueles indivíduos que não herdaram das famílias a prática de visitar museus e sem o incentivo das escolas, dificilmente o farão em seus momentos de lazer, pois essas são, segundo Bourdieu (2007) as duas principais esferas de desenvolvimento do capital cultural e intelectual – família e escola. Nessa mesma linha, Bourdieu (2007) aponta que as vantagens e desvantagens em educação e cultura, são cumulativas, assim como os obstáculos.

Ainda de acordo com a pesquisa sobre o lazer do brasileiro, Pedrão e Uvinha (2017) apontam que não apenas a educação e a escolaridade influenciam diretamente nas escolhas para usufruto do tempo livre, mas também a renda e a cor/raça, variáveis intrinsecamente relacionadas. Segundo eles, o baixo nível de escolaridade dos brasileiros faz com que os indivíduos, em geral, não tenham uma visão crítica sobre o lazer.

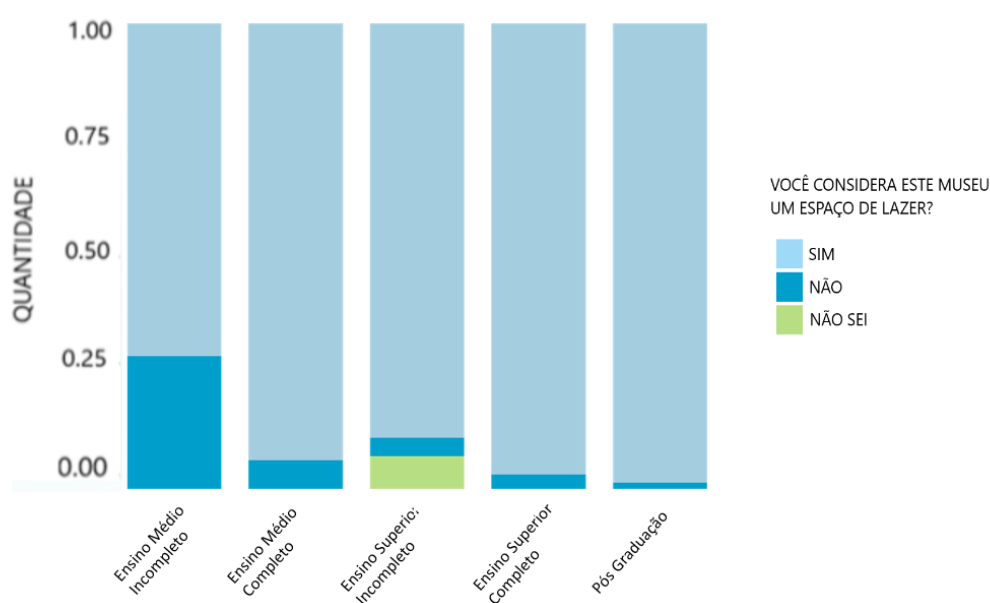
Quanto maior o nível de escolaridade dos brasileiros entrevistados, maiores opções de lazer aparecem em suas preferências. (...) A educação e a escolaridade são, portanto, um dos caminhos para que as práticas e vivências em lazer possam ser realizadas de maneira voluntária e, ao mesmo tempo, consciente (PEDRÃO, UVINHA, 2017, p. 39-40).

Vê-se, então, que por meio da educação as pessoas passam a ter consciência das múltiplas formas de lazer possíveis, e têm mais chances de incluí-las em suas escolhas, como é o caso dos museus e demais espaços de lazer intelectual. Dessa

maneira, a escolaridade pode ser mais uma das barreiras enfrentadas pelos brasileiros para a fruição do lazer, mesmo que ele seja um direito garantido pela constituição brasileira de 1988 (GOMES, 2008; ISAYAMA, STOPPA, 2017), o que faz com que o acesso a esse tipo de atividade varie e esteja atrelada à classe social de cada indivíduo.

Essa constatação é possível de ser percebida no Gráfico 7, que indica que a maior parte dos respondentes que não percebe o museu como espaço de lazer têm escolaridade mais baixa.

Gráfico 7: Escolaridade e as percepções do museu como espaço de lazer



Fonte: Dados da pesquisa.

Àqueles que indicaram o museu como espaço de lazer, maioria dentre os respondentes, foi perguntado o porquê, e a maior ocorrência de palavras foi o termo “conhecimento”, seguido das palavras, “lazer” e “criança”, conforme indicado na Figura 3. A frequência desses termos torna possível inferir que o conhecimento está diretamente relacionado à inclusão de museus em momentos de lazer, apontando uma clara relação entre lazer e aprendizagem. Além disso, percebe-se que aqueles que indicam o museu como espaço de lazer percebem o espaço como momento de aprendizado com diversão, entretenimento e interação para e entre as crianças.

Figura 3: Motivos que levam os respondentes a considerarem o museu espaço de lazer



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando os respondentes foram perguntados sobre o motivo que os fazia incluir museus em seus momentos de lazer, a nuvem de palavras representada na Figura 4 indica que a busca de conhecimento e cultura para as crianças figura entre as principais motivações. Pode-se inferir que o museu, neste contexto, é visto como local em que é possível ter contato com a cultura, remetendo-se às discussões sobre qual cultura está representada nos museus e o conhecimento que se pode adquirir a partir do contato com essa cultura neles institucionalizada.

Esse pode ser um indício de que o lazer intelectual é buscado pelas famílias como forma de ampliar o capital cultural das crianças da família, através de visitas e da participação em atividades educativas propostas pelas instituições, por exemplo.

Figura 4: Palavras mais mencionadas como justificativas para a inclusão de museus em momentos de lazer



Fonte: Dados da pesquisa.

O foco na criança, aliado aos principais conteúdos dos dois museus pesquisados e à aquisição de conhecimento, também aparecem como fatores que motivam o lazer intelectual das famílias quando verificamos as respostas da Figura 5, sobre os motivos pelos quais escolheram visitar o museu onde foram abordadas.

As maiores ocorrências são as palavras “criança”, “planetário” e “dinossauros”, sendo as duas últimas referências aos conteúdos presentes no Espaço do Conhecimento UFMG e ao Museu da PUC, respectivamente.

Em relação à aprendizagem, a palavra em específico não é mencionada, porém há menção significativa dos termos “conhecer” e “conhecimento”, que permite inferir que a aprendizagem está relacionada aos motivos que levaram a família a visitar o museu, aliado aos interesses da criança e indicações. Além disso, são perceptíveis as palavras “passeio” e “feriado”, que indicam a relação da visita com momentos de lazer familiar, termo que também figura na nuvem de palavras. Sendo assim, o conteúdo da exposição, o tempo livre, o interesse da criança e o

conhecimento figuram como motivos que levaram as famílias ao museu em um momento de lazer.

Figura 5: Motivos que levaram a família a visitar o museu



Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação à aprendizagem, percebe-se na Figura 6 as palavras que mais apareceram nas respostas daqueles que consideram os museus espaços de aprendizagem. A questão do conteúdo exposto nos museus e a possibilidade de aprendizado nesses espaços fica clara, uma vez que dentre as palavras mais identificadas estão o conhecimento, a informação, a história, a cultura, os conteúdos e a ciência. Isso pode levar ao entendimento de que as famílias, ao optarem por visitar os museus em momentos de lazer, buscam aliar a diversão e o entretenimento aos interesses pessoais das crianças e à possibilidade de aprendizado através das atividades e conteúdos expositivos.

Figura 6: Palavras mais mencionadas pelos respondentes que consideram museus espaços de aprendizagem



Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se com as análises propostas que o perfil das famílias participantes da pesquisa é semelhante, assim como sua percepção sobre lazer e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retoma-se aqui os objetivos propostos para condução da pesquisa, que buscavam responder as seguintes perguntas: Quais as relações entre lazer e aprendizagem em museus a partir da percepção de famílias com crianças que visitam dois museus universitários de ciências em Belo Horizonte? Quem são as famílias? Seu perfil é semelhante nos dois museus pesquisados? Com qual frequência visitam museus? De que forma percebem os museus em relação ao lazer e à aprendizagem? Há relações entre o perfil das famílias e sua percepção dos museus como espaços de lazer e aprendizagem?

Identificou-se que o perfil das famílias que visitam os museus estudados é semelhante, com diferenças sutis na escolaridade dos respondentes e na média de idade destes e das crianças. Verificando estudos de público de outras instituições no Brasil e na França (DAMICO *et al.*, 2010; ESPAÇO, 2018; KÖPTCKE *et al.*, 2008; JONCHERY, VAN PRAËT, 2014; INSTITUTO, 2016) foi possível perceber que o perfil aqui identificado é semelhante ao verificado nas demais pesquisas já realizadas, incluindo-se as aquelas realizadas por Bourdieu e Darbel (2007).

A maior parte das crianças frequenta escolas particulares há mais de 12 meses, com média de idade de 5,3 anos no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas e 6,8 anos no Espaço do Conhecimento UFMG. Esse dado permite a reflexão sobre as redes de ensino brasileiras, em que as elites econômicas matriculam seus filhos, desde muito cedo, em escolas particulares, corroborando a ideia de Bourdieu (2007) de que a escola pode ser uma forma de reafirmação das desigualdades sociais.

Nas respostas discursivas, quando os respondentes foram questionados sobre o porquê de considerarem o museu como espaço de lazer e de aprendizagem, as respostas se misturavam, se confundiam, se repetiam. O caráter de aprendizado, de agregar conhecimento para a construção do futuro da criança, estava muitas vezes no pano de fundo de uma parte significativa de respostas às perguntas, que buscavam traçar e entender as motivações das famílias em visitas espontâneas aos museus.

A maior parte dos respondentes se autodeclarou branco e a renda familiar média apurada está compreendida entre 7 e 15 salários mínimos mensais. Com a maior parte das famílias variando entre 3 (45,2%) e 4 membros (32,7%) verifica-se,

também, alta renda familiar *per capita*. Na revisão bibliográfica verificou-se que quanto maior a renda, maior o número de visitas realizadas pela família e que pessoas brancas têm mais tendência a visitar museus em momentos de lazer, onde se vê o capital econômico influenciando na aquisição de capital cultural e nas escolhas de lazer familiar, já que pessoas pretas e pardas tendem a ter salários e escolaridade inferiores aos de pessoas brancas.

Os participantes da pesquisa eram majoritariamente mulheres de alta escolaridade e idade mais frequente entre 34 e 44 anos. A maioria dos respondentes apontou que considera os museus espaços de lazer e aprendizagem, o que indica a forte relação entre os dois temas nos museus estudados. Soma-se a isso o alto índice de participantes que indicaram que participam de atividades educativas durante as visitas em busca de aliar conhecimento aos momentos de lazer familiar, sendo a criança um dos principais focos das visitas realizadas. A alta escolaridade aliada à alta renda são fatores importantes para se entender a relação Lazer-Aprendizagem nos museus, uma vez que aqueles que praticam o Lazer Intelectual têm este perfil, atrelando-o a classe social dos indivíduos (GOMES, 2008; ISAYAMA, STOPPA, 2017). Constatou-se que, para as pessoas que frequentam os museus, a relação lazer – aprendizagem está clara, principalmente para pessoas com alto capital escolar, econômico e cultural, que praticam o lazer intelectual e inserem museus em momentos de lazer familiar. Verificou-se que a prática do lazer intelectual por meio de visitas aos museus tem como foco aliar diversão, entretenimento, acesso à cultura e conhecimento para as crianças.

Lahire (2003), ao refletir sobre o capital cultural, levanta uma importante discussão sobre a diferença entre desigualdade e diferença social. Para ele, não necessariamente uma diferença se torna desigualdade. Isso só ocorre quando a sociedade percebe que a diferença não é justa, não é correta e que uma parcela das pessoas é privada de acesso ou direitos. A partir disso, estendo a reflexão para a área da cultura e as desigualdades de acesso aos espaços museais. A meu ver, o acesso a esses espaços começa a ser percebido, a partir de fins do século XX, como uma desigualdade, uma vez que grupos sociais percebem que o acesso a esses espaços é privilégio de alguns poucos e que outros tantos estão alijados desse espaço, seja pela dificuldade no acesso, seja por não conseguirem dialogar com esses espaços devido a defasagens culturais históricas.

Conforme indica Bourdieu (2007), o capital cultural é cumulativo, atravessa gerações e aumenta paulatinamente. Assim, dificilmente as famílias que não possuem o hábito de frequentar museus conseguirão incentivar esse hábito nas crianças, já que elas mesmas não frequentam. A partir do estudo notou-se que levar as crianças aos museus em momentos de lazer familiar tem como propósito a aquisição de conhecimento, por meio da interação com novas linguagens, novos códigos e novas sociabilidades, de modo que as crianças adquiram ou reafirmem o acesso ao capital cultural.

Dentre aqueles que não percebem os museus como espaços de lazer a maioria são pretos e pardos, homens, de baixa escolaridade. Foi possível perceber que a questão de gênero e cor ou raça perpassou os dados encontrados e estava como pano de fundo para muitas das análises realizadas. Apesar de compreender a importância e a potencialidade desses temas, não foi possível aprofundar as reflexões, pois tanto o recorte da pesquisa quanto o tempo para a conclusão da mesma exigiam outros esforços. Mas é importante sinalizar que esses dados apontam para reflexões múltiplas como, por exemplo, sobre as políticas públicas de acesso à espaços culturais como fator preponderante para modificar e ampliar o acesso de pessoas pretas e pardas, de população periférica, de baixa escolaridade, baixa renda etc. A mobilidade urbana, a gentrificação, a centralidade (ou não) dos museus podem ser objetos de pesquisas futuras que tragam mais elementos para entender o lugar dos museus no lazer familiar e, ainda, trazer propostas para a ampliação do número de pessoas que praticam o Lazer Intelectual, ainda tão restrito.

Ainda há um longo caminho a percorrer para que o acesso aos museus seja amplo e que a aprendizagem que eles possibilitam seja acessível a um volume maior de pessoas. Há muito que se fazer e compreender em relação aos museus e suas relações com a comunidade, a forma como são percebidos e em que momento estão (ou não) incluídos no lazer familiar.

Muitas mudanças aconteceram no cenário dos museus, da aprendizagem e do lazer durante o desenvolvimento deste trabalho. Vive-se um momento de incertezas perante a pandemia de COVID-19 que assola o Brasil e o mundo, o que tem feito com que as áreas tenham que repensar esses e muitos outros temas. Os museus foram fechados, o lazer passou a ser restrito ao espaço domiciliar e virtual, desafiando as instituições de ensino e cultura a desenvolver formas de acessar e manter seus

públicos, a distância. Essas novas formas de relação e as incertezas do “novo normal” que está por vir também podem ser potenciais focos de pesquisa para se entender as relações entre lazer familiar, aprendizagem e museus.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Suzi Santos de. **Ver de Perto**: a contribuição de uma atividade lúdica e interativa do Museu da Vida para despertar o interesse de crianças pela ciência. 2018. Dissertação. Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.
- AKKARI, A. J. Desigualdades Educativas Estruturais no Brasil: Entre Estado, privatização e descentralização. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302001000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 maio 2020.
- ALMEIDA, A. M. **Museus e Coleções Universitários**: por que museus de arte na Universidade de São Paulo. 2001. Tese – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- ALMEIDA, A. M. Os públicos de Museus universitários. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 12, p. 205-217, 2002.
- ALMEIDA, Adriana M. Verbetes Público de Museus. *In*: TEIXEIRA COELHO. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997. p. 324-326.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1999. 203 p.
- ANJOS, Juliana Prochnow. **A Construção de narrativas em Museus de Ciências**. 2019. 229 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Pierre Bourdieu**: Escritos de Educação. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**: os museus de arte na Europa e seu público. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa** – Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 36, n. 1, jan.-abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022010000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 abr. 2020.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. Disponível em: <http://www.degase.rj.gov.br/documentos/ECA.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- CALAZANS, Marília Oliveira. Educação para Ciência, Ciência para a Educação: a proposta pedagógica de um museu de ciências naturais. **Revista Leopoldianum**, ano 44, n. 123, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/viewFile/855/724>. Acesso em: 25 jan. 2020.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Urbanismo e Significação do Patrimônio Cultural. **Óculo Revista do Patrimônio Cultural** – IEPHA – MG, v. 1, p. 55-60, 2016.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamis. O Público Infantil nos Museus. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016.

CAZELLI, S., MARANDINO, M., STUDART, D. Educação e comunicação em museus de ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. *In: Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências*. Rio de Janeiro: FAPERJ, Editora Access, 2003. p. 1-7.

CHAGAS, M. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de sociomuseologia**, v. 41, ed. 5, 2011.

CHAGAS, Mário de Souza. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 41, 2012. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654>. Acesso: 02 fev. 2020.

CHAGAS, Mário Souza. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 41, 2012.

DAMICO, J. S.; MANO, S. M. F.; KOPTCKE, L. S. Quem São e o que pensam os visitantes do Museu da Vida. **Cadernos do Museu da Vida**. v. 3. Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus – NEPAM, 2010.

DEGELO, Maria Ivone. O público de museu: um pequeno diagnóstico. **Revista Estética**, CEDE – Coletivo Estudos de Estética, Universidade de São Paulo, n. 1, 2009. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/anteriores/78-revista-1/64-2009-1-art3>. Acesso em: 26 fev. 2020.

DENDASCK, Carla Viana; LOPES, Gileade Ferreira. Conceito de *Habitus* em Pierre Bourdieu e Norbert Elias. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento**, v. 3, ed. 5, ano 1, p. 01-10, maio 2016.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Org.); SOARES, B. B.; CURY, M. X. (Tradução e comentários). **Conceitos Chave de Museologia**. Belo Horizonte, MG: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Superintendência de Museus e Artes Visuais: Secretaria de Estado de Cultura, 2016.

DINIZ, Ana Cristina Sanches. **Ensino de ciências em ambientes não escolares: desenvolvimento de modelo de visitas educativas na exposição de astronomia do Museu de Ciências Naturais PUC Minas**. 2013. 124 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Pesquisa de público 2017**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/01/Pesquisa-de-P%C3%BAblico-2017-2.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

FARIA, D.M.C.P. Investigação sobre o visitante de museus de arte: uma comparação Brasil e Espanha. **Via@ - Revista Internacional, plurilíngue e interdisciplinar do turismo**, 2015. Disponível em: <http://viatourismreview.com/pt/2015/07/art5/>. Acesso em: 12 abr. 2020 às 21h19.

FARIA, Diomira M. C. P. **Um museu no meio do caminho**: Inhotim e o desenvolvimento regional. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2017.

FARIA, Diomira M. C. P.; MACHADO, F. A.; PAGLIOTO, B. F.; DUTRA, L. F. Turismo, patrimônio e revitalização: o território do Circuito Cultural Praça da Liberdade. **Óculo Revista do Patrimônio Cultural - IEPHA - MG**, v. 1, p. 81-103, 2016.

GOMES, Ana Maria. Aprender a cultura. In: LOUREIRO, Maria Helena Mourão; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **Cultura e educação**: parceria que faz história. Belo Horizonte: Mazza: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2006. p. 29-43.

GOMES, Christianne L. Lazer – Concepções. In: _____ (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 119-125.

GOMES, Christianne L. **Lazer, Trabalho e Educação**: relações históricas, questões contemporâneas. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, Christianne L. Lúdico – Concepções. In: _____ (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 141-146.

GUEDES, Maria Helena. **As Grandes Navegações**. Clube de autores, 2016. 155 p.

HOFFMAN, Felipe Eleutério. Museus e revitalização urbana: O Museu de Artes e Ofícios e a Praça da Estação em Belo Horizonte. **Caderno Metrópole**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 537-563, nov. 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sistema de Informações e Indicadores culturais 2007-2018**. Rio de Janeiro, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus e Turismo**. Brasília-DF: IBRAM, 2014. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf. Acesso em: 27 jan. 2019.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. Lazer e as Fases da Vida. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e Sociedade**: Múltiplas Relações. 1. ed. São Paulo: Línea, 2008. v. 1, p. 156-174.

ISAYAMA, Helder Ferreira; LACERDA Leonardo Lincoln Leite de. Marketing de Serviços de Lazer: estudo de caso do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 8, n. 4, p. 463-478, 2010. Disponível em: http://pasosonline.org/Publicados/8410/PS0410_03.pdf. Acesso em: 19 abr. 2019.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; STOPPA, Edmur Antônio. Introdução. In: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 3-18.

JONCHERY, Anne. VAN PRAËT, Michel. IR COM A FAMÍLIA AO MUSEU: OTIMIZAR AS NEGOCIAÇÕES. *In*: ELDELMAN, J., ROUSTAN, M., GOLDSTEIN, B. (Org.). **O Lugar do Público**: sobre o uso de estudos e pesquisas pelos museus. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2014. p. 161-176. 360p.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do Museu. *In*: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus, 2006. v. 1. p. 17-30.

JÚNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário. Museus e Política: apontamentos de uma cartografia. **Caderno de Diretrizes Museológicas 1**. 2. ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 2006. p. 11-16.

KOPTCKE, L. S., CAZELLI, S., LIMA, J. M., MARINO, L. L. A presença feminina nos museus: perfil sociocultural e modalidades de visita. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32. **Anais...** Caxambú/MG, 2008. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/32-encontro-anual-da-anpocs/gt-27/gt29-8>. Acesso em: 21 maio 2020.

KOPTCKE, L. S.; PEREIRA, M. R. N. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar públicos. **Revista FONTES**, v. 17, n. 3, p. 809-828, jul.-set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n3/14.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, jan.-jul. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/6854>. Acesso em: 16 fev. 2020.

LAHIRE, Bernard. Crenças coletivas e desigualdades culturais. **Educação & Sociedade** – Revista do Centro de Estudos Educação e Sociedade da Universidade Estadual de Campinas, v. 24, n. 84, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n84/a12v2484.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na Prática. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0037.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, Velhos e Museus: Memória e Descoberta. **Caderno Cedex**, Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, jan.-abr. 2006.

LEITE, Maria Isabel. O Serviço Educativo dos Museus e o espaço imaginativo das crianças. **Pro-posições**, v. 15, n. 1(43), jan.-abr. 2004.

LEITE, Patrícia Kauark. A Aventura do Conhecimento. *In*: ALMEIDA, Maria Inês de; LEITE, Patrícia Kauark. **Demasiado Humano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 15-18. 120 p.

LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo. **Cultura nas Capitais**: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. 1. ed. Rio de Janeiro: 17street Produção Editorial, 2018. 196p.

LEPORO, N. DOMINGUEZ, C.R.C. Alfabetização Científica na Educação Infantil: quando os pequenos visitam o museu de ciências. **VIII ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Campinas, 2011. p. 1-11.

LEPORO, Natália. **Pequenos visitantes na exposição “O Mundo Gigante dos Micróbios”**: um estudo sobre a percepção. 2015. Dissertação – Programa Interunidades de Ciências da Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências, São Paulo, 2015.

LOPES, Romilda Aparecida. **Vamos ao Museu Hoje?** Lazer e Educação em Visitas Mediadas. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2014.

MAGNANI, José Guilherme C. Do Mito de Origem aos Arranjos desestabilizadores: Notas introdutórias. *In*: MAGNANI, José Guilherme C.; SPAGGIARI, Enrico (Org.). **Lazer de Perto e de Dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 12-34.

MANTECÓN, Ana Rosas. O que é o público? **Revista Poiésis**, Universidade Federal Fluminense: Niterói, v. 10, n. 14, p. 175-215, dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/27078>. Acesso em: 16 fev. 2020.

MARANDINO, M., NORBERTO ROCHA, J., CERATI, T. M., SCALFI, G., DE OLIVEIRA, D. e FERNANDES LOURENÇO, M. **Ferramenta teórico-metodológica para o estudo dos processos de alfabetização científica em ações de educação não formal e comunicação pública da ciência**: resultados e discussões. JCOM, 2018. 24p.

MARANDINO, Martha (Org.). **Educação em Museus**: a mediação em foco. São Paulo, SP: Geenf/FEUSP, 2008.

MARANDINO, Martha. A Pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciências. **História, Ciências, Saúde – Manguinho**, v. 12 (suplemento), 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/08.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, coleções e educação: relações necessárias. **Revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em museologia e patrimônio – PPG-PMUS**, UNIRIO, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Martha_Marandino/publication/268241469_Museus_de_Ciencias_Colecoes_e_Educacao_relacoes_necessarias/links/54bd9a7e0cf218da9391b48d.pdf. Acesso em: 02 fev. 2020.

MARCASSA, Luciana. Verbete Lazer – Educação. *In*: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 126-133.

MARTINS, Thiago L. R. **O que motiva os sujeitos de diferentes grupos sociais a visitarem o Museu de Artes e Ofícios de BH**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papyrus Editora, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Lazer: **Olhares Multidisciplinares**. Campinas: Alínea, 2010.

MELO, Victor Andrade de. Sobre Lazer, recreação e animação cultural (ou a busca de um espírito). **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física – RENEF**, Unimontes, v. 1, n. 1, p. 11-20, 2011.

MELO, Victor Andrade de. Verbete Animação Cultural. *In*: GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 12-15.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. *In*: _____. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, José Marciano. **10 Lições sobre Bourdieu**. Editora Vozes: Petrópolis, 2018.

MOREIRA JUNIOR, Nelson. KUPERMAN, Priscila de Siqueira. O Visitante do século XXI: uma pesquisa de público do MNBA. **Revista Museologia e Patrimônio**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, Unirio | MAST, v. 5, n. 2, p. 103-132, 2012.

MUSEUMS and Galleries Commission. **Educação em Museus**. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. (Série Museologia, 3). Título original: Managing Museum and Gallery Education.

NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. O corpo humano em exposição: promover mediações sócio-culturais em um museu de ciências. *In*: ALMEIDA, Carla; MASSARANI, Luisa (Org.). **Workshop Sul-Americano & Escola de Mediação em Museus e Centros Ciência**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008

OLIVEIRA, José Clóvis Pereira de *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. *In*: CONEDU - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, Natal, Rio Grande do Norte, 2016.

PASSOS, Joana Célia dos. **Juventude Negra na EJA: os desafios de uma política pública**. 2010. 339 p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciência da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PEDRÃO, Cinthia Casimiro; UVINHA, Ricardo Ricci. O Lazer do Brasileiro: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. *In*: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 37-47.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Belo Horizonte ou o estigma da cidade moderna. **Revista Varia História**, Belo Horizonte, n. 18, p. 61-66, set. 1997.

PIO, Leopoldo; Cultura, patrimônio e museu no Porto Maravilha. **Revista Intratextos**, v. 4, n. 1, p. 8-26, 2013.

PORTELA, Evaldo Pereira. **As instituições museológicas e as práticas de lazer**: uma revisão bibliográfica do período entre 2011 e 2015. Dissertação de Mestrado – Programa de pós Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

PÔSSAS, Helga Cristina Gonçalves. **Saber fazer e fazer saber**: os museus de ciências da UFMG (uma contribuição para a reflexão em torno dos museus de ciências universitários). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RAFFAINI, P. T. Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 3, p. 159-164, 1993.

REDDING, Amalhene Baesso; LEITE, Maria Isabel. O Lugar da Infância nos Museus. **Revista MUSAS**, n. 3, 2007.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Reflexões sobre a nova museologia. *In*: SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura (Org.). **Cadernos de Sociomuseologia**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 18, p. 93-139, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus Brasileiros e política cultural. **Rev. bras. Ci. Soc.** [online], v. 19, n. 55, p. 53-72, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200004>. Acesso em: 27 abr. 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, maio-ago. 2002.

SILVA, Arthur Oliveira da. **Museu e Animação Cultural**: uma análise das práticas de educação e difusão do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora/MG (1980-1996). Dissertação de Mestrado – Programa de pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Frederico A. Barbosa. Práticas Culturais: O caso dos museus brasileiros. *In*: SILVA, F. A. B.; WALCZAK, A. I.; SÁ, J. V.; GHEZZI, D. R. **Patrimônios de práticas na cultura brasileira**. Rio De Janeiro: IPEA, 2019. p. 255-276.

SILVA, Regina Helena Alves da; ZIVIANI, Paula. A Copa do Mundo e as cidades: “juntos num só ritmo”, #sóquenão. **REVISTA USP: Dossiê Metrôpoles**. São Paulo, n.

102, p. 69-81, jun.-jul.-ago. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/97630>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SILVA, Silvio Ricardo da. Apresentação. *In*: STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer no Brasil: Representações e Concretizações das Vivências Cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 1-2.

SOUSA, Cleide E. G.; MELO, V. A. Museu, emoção estética e lazer: reflexões sobre as possibilidades da fruição da arte no tempo livre. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 1-21, mar. 2009.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O Lazer do Brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. *In*: ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Editora Autores Associados, 2017. p. 19-36.

SOUZA, Adriana Vicente da Silva de. Crianças e Conversas sobre uma exposição interativa. *In*: COSTA, A. F.; RANGEL, A. M. S.; HENZE, I. A. M.; VALENTE, M. E. A.; SOARES, O. J.; HORTA, V. (Org.). **Crianças no Museu: mediação, acessibilidade e inclusão**. Museu de Ideias – Edição 2016. Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2017. p. 65-76, 118p.

STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Introdução. *In*: STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 3-18.

STUDART, D. C. Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 55-77, 2005.

STUDART, D. C., JUNG, T., PEREIRA, M. Pesquisa de público no museu da vida e outros museus de ciência no Rio de Janeiro: quem são seus visitantes? REUNIÓN DE LA RED DE POPULARIZACIÓN DE LA CIENCIA Y LA TECNOLOGIA EM AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 10 (REDPOP – UNESCO). San José, Costa rica, 2007.

TEIXEIRA COELHO. **A Cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2008.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997.

TEIXEIRA COELHO. **O que é Indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos. 35. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

TRIOLA, Mario F. **Introdução à estatística**. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

TURRADO, Verónica. Zonas Portuárias na Mira da Cidade Global: Reflexões sobre o caso do Rio de Janeiro. **Libertas: Revista da Faculdade de Serviço Social**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 33-54, jul.-dez. 2013.

UVINHA, Ricardo Ricci. Prefácio. *In*: MAGNANI, José Guilherme C.; SPAGGIARI, Enrico (Org.). **Lazer de Perto e de Dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 8-11.

VAINER, Carlos. “Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro”. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO, 14 (ANPUR), **Anais...** v. 14, 2011.

VEAL, A.J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011. 542 p.

VELHO, G.; CASTRO, E. V. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato: Jornal de Cultura**, Conselho Estadual de Cultura, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 1978.

VELOSO, Clarissa dos Santos; ANDRADE, Luciana Teixeira de. Circuito Cultural Praça da Liberdade: turismo e narrativas museológicas. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 5, n. esp., p. 5-17, abr. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 21 out. 2018.

WACQUANT, Loïc. Lendo o “capital” de Bourdieu. **Educação & Linguagem** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, ano 10, n. 16, jul.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/125> . Acesso em: 03 abr. 2020.

ANEXOS

Anexo 1 – Formulário aplicado

ROTEIRO DE FORMULÁRIO - VISITANTE	
DADOS BÁSICOS	
P1	MUSEU COLETADO: 1. () Museu de Ciências Naturais da PUC Minas 2. () Espaço do Conhecimento UFMG
P2	NUMERO TCLE:
P3	IDADE DO RESPONDENTE
P4	SEXO DO RESPONDENTE 1. () Feminino 2. () Masculino 3. () Não desejo Responder
P5	COR OU RAÇA 1. () BRANCA 2. () PARDA 3. () PRETA 4. () AMARELA 5. () INDÍGENA 6. () NÃO DESEJO RESPONDER 7. OUTROS
P6	RENDIA FAMILIAR MENSAL DA FAMÍLIA CRIANÇA 1. () nenhuma 2. () até 1 salário 3. () De 1 a 2 salários 4. () de 3 a 4 salários 5. () de 5 a 6 salários 6. () de 7 a 15 salários 7. () acima de 15 salários 8. () Não desejo responder
P7	GRAU DE PARENTESCO COM A CRIANÇA REFERÊNCIA DA PESQUISA 1. () Pai 2. () Mãe 3. () Tia(o) 4. () Irmã(o) 5. () Avô(ô) 6. () Outros
P8	ESCOLARIDADE DO RESPONDENTE 1. () Sem instrução 2. () fundamental incompleto 3. () fundamental completo 4. () Médio Incompleto 5. () Médio Completo 6. () Superior incompleto 7. () Superior Completo 8. () Pós-graduação
P9	ESCOLARIDADE DO RESPONSÁVEL LEGAL 1 0. () É o respondente 1. () Sem instrução 2. () Ensino fundamental incompleto 3. () Ensino fundamental completo 4. () Ensino Médio Incompleto 5. () Ensino Médio Completo 6. () Ensino Superior incompleto 7. () Ensino Superior Completo 8. () Pós-graduação 9. () Não sei responder
P10	ESCOLARIDADE DO RESPONSÁVEL LEGAL 2 1. () Sem instrução 2. () Ensino fundamental incompleto 3. () Ensino fundamental completo 4. () Ensino Médio Incompleto 5. () Ensino Médio Completo 6. () Ensino Superior incompleto 7. () Ensino Superior Completo 8. () Pós-graduação 9. () Não sei responder
P11	QUANTAS PESSOAS COMPÕEM O NÚCLEO FAMILIAR DA CRIANÇA 1. () 1 2. () 2 3. () 3 4. () 4 5. () 5 6. () 6 ou mais
P12	NÚMERO DE MEMBROS ADULTOS QUE ESTÃO VISITANDO O ESPAÇO 1. () 1 2. () 2 3. () 3 4. () 4 ou mais
P13	NÚMERO DE CRIANÇAS NA VISITA 1. () 1 2. () 2 3. () 3 4. () 4 ou mais
P14	IDADE DA CRIANÇA (AS PERGUNTAS SE REFEREM A APENAS UMA DAS CRIANÇAS PARTICIPANTES DA VISITA) - IDADE DE 0 A 12 ANOS
P15	ESCOLARIDADE DA CRIANÇA 1. () Não frequenta 2. () Frequenta há menos de 1 ano Escola Pública 3. () Frequenta há mais de 1 ano Escola Pública 4. () Frequenta há menos de 1 ano Escola Particular 5. () Frequenta há mais de 1 ano Escola Particular 6. () Não sei responder
P16	CIDADE DE RESIDÊNCIA DA CRIANÇA
P17	BAIRRO DE RESIDÊNCIA DA CRIANÇA
P18	MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA CHEGAR ATE O MUSEU 1. () Carro Próprio 2. () Carro de aplicativo ou táxi 3. () Ônibus 4. () Metrô 5. () Caminhando 6. () Mais de um meio de transporte 7. Outros
P19	NÚMERO DE VISITAS A MUSEUS FEITAS PELA FAMÍLIA, COM AS CRIANÇAS, NOS ÚLTIMOS 3 MESES 0. () Nenhuma 1. () 1 2. () 2 3. () 3 4. () 4 ou mais 5. () não me recordo
P20	PODERIA LISTAR QUAIS MUSEUS VOCÊ SE LEMBRA DE A CRIANÇA TER VISITADO COM A FAMÍLIA NOS ÚLTIMOS 3 MESES?
P21	VOCÊ VISITOU ALGUM MUSEU SEM A CRIANÇA NOS ÚLTIMOS 3 MESES? 1. () Sim 2. () Não
DADOS ESPECÍFICOS	
P22	É A PRIMEIRA VEZ QUE A FAMÍLIA VEM A ESTE MUSEU? 1. () Sim 2. () Não 3. () Não sei
P23	SE SUA RESPOSTA À PERGUNTA ANTERIOR FOI NÃO: A ÚLTIMA VISITA TEVE INFLUÊNCIA SOBRE VOLTAR A ESTE MUSEU? 1. () Sim 2. () Não 3. () Não se aplica
P24	POR QUE VOCÊS ESCOLHERAM VISITAR ESTE MUSEU?
P25	VOCÊ PESQUISOU A PROGRAMAÇÃO DESTA VISITA ANTES DE VISITÁ-LO? 1. () Sim 2. () Não
P26	NESTE ANO DE 2019, QUANTAS VEZES VOCÊ VISITOU MUSEUS COM A CRIANÇA? 0. () Nenhuma 1. () 1 2. () 2 3. () 3 4. () 4 ou mais 5. () não me recordo
P27	VOCÊ CONSIDERA ESTE MUSEU COMO UM ESPAÇO DE LAZER? 1. () Sim 2. () Não 3. () Não sei
P28	SE VOCÊ RESPONDEU SIM À RESPOSTA ANTERIOR: POR QUÊ VOCÊ CONSIDERA ESTE MUSEU COMO UM ESPAÇO DE LAZER?
P29	VOCÊ CONSIDERA ESTE MUSEU UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM? 1. () Sim 2. () Não 3. () Não sei
P30	SE VOCÊ RESPONDEU SIM À RESPOSTA ANTERIOR: POR QUÊ VOCÊ CONSIDERA ESTE MUSEU COMO UM ESPAÇO DE APRENDIZAGEM?
P31	O QUE O MOTIVA A INCLUIR UM MUSEU NOS MOMENTOS DE LAZER COM A CRIANÇA?
P32	QUANDO VISITAM MUSEUS, VOCÊS PARTICIPAM DAS ATIVIDADES PROPOSTAS, PELA EQUIPE DO MUSEU, PARA AS CRIANÇAS? 1. () Sim 2. () Não 3. () Nem Sempre
P33	SE SIM, POR QUÊ?

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “**A motivação de visitas familiares a museus de ciências em momentos de lazer: um estudo de caso**” que busca entender o que motiva famílias com crianças até 6 anos visitarem museus de ciências em Belo Horizonte durante seus momentos de lazer. Para isso, pretendemos investigar a escolha pelo espaço museal; verificar a construção das práticas educativas em museus de ciências; Investigar se a frequência a museus é um hábito de famílias com crianças; Identificar a percepção que as famílias com crianças têm do espaço museal no que diz respeito a ações educativas e lazer; Identificar o perfil das famílias com crianças que visitam museus universitários de ciências; Identificar a percepção de práticas educativas em museus como atividades de lazer e aprendizagem.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido (a) pela pesquisadora. Você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer necessidade de justificativa.

Solicitamos a sua autorização para o uso dos dados coletados no questionário para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida por meio da utilização do número correspondente a este TCLE, sendo sua identidade omitida e preservada.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento, questionários respondidos e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Para garantir a confidencialidade e a privacidade dos indivíduos respondentes desta pesquisa, a identificação dos mesmos será feita por codificação de sua identidade, vide numeração constante no cabeçalho deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente com finalidades científicas.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em 2 (duas) vias originais com espaços para rubricas em todas as páginas e vias, sendo uma arquivada pelo pesquisador responsável e a outra fornecida a você. As duas vias serão firmadas e rubricadas pela pesquisadora e pelo participante.

Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e após esse tempo serão destruídos. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Devido ao caráter da investigação, o risco ou possibilidade de afetar qualquer participante da pesquisa é mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, caminhar, ler, etc. A fim de minimizar qualquer risco de desconforto ou constrangimento durante a pesquisa, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos do(a) pesquisado(a). A pesquisa será feita de forma reservada e sem exposição pública dos participantes como forma de minimizar possíveis constrangimentos. Mas, caso haja danos decorrentes da pesquisa, a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelos mesmos. Salientamos que o participante poderá interromper sua participação a qualquer momento, sem apresentar justificativas a pesquisadora. Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “**A motivação de visitas familiares a museus de ciências em momentos de lazer: um estudo de caso**” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante	Data
-------------------------------	------

Assinatura do participante

Nome completo do Pesquisador Responsável: Prof. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Campus Pampulha;

CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 3409-2335

E-mail: diomirac@ufmg.br

Assinatura da pesquisadora responsável

Data

Nome completo da Pesquisadora: Mestranda Luiza de Souza Lima Macedo

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG; Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; Campus Pampulha;

CEP: 31270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 98449-5873

E-mail: luizasl.macedo@gmail.com

Assinatura da pesquisadora (mestranda)

Data

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

Anexo 3 – Tabela de Coeficientes de correlação

		Coeficiente	Razão de chances	I.C. (95%)	p-valor
Cor/raça	Branca			Referência	
	Parda	2.04	7.69	[1.372;43.176]	0.020
	Preta	1.41	4.09	[0.464;36.370]	0.204
	Outras	-13.64	<0.01	-	0.993
Sexo	Feminino			Referência	
	Masculino	1.39	4.01	[1.111;14.642]	0.034
Escolaridade	Médio incompleto ou inferior			Referência	
	Médio completo	-2.40	0.09	[0.010;0.841]	0.035
	Superior incompleto	-2.53	0.08	[0.005;1.267]	0.073
	Superior completo	-2.79	0.06	[0.007;0.522]	0.011
	Pós graduação	-3.13	0.04	[0.005;0.377]	0.004

Anexo 4 – Carta de Anuência para pesquisa – Espaço do Conhecimento UFMG

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada “A motivação de visitas familiares a museus de ciências em momentos de lazer: um estudo de caso” a ser realizada no Espaço do Conhecimento UFMG, pela discente de mestrado Luiza de Souza Lima Macedo do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, sob orientação da Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria, com os seguintes objetivos: Entender o que motiva famílias com crianças a visitarem museus de ciências em Belo Horizonte durante seus momentos de lazer; Investigar como se dá a escolha pelo espaço museal; Refletir sobre a construção das práticas educativas em museus de ciências; Investigar se a frequência a museus é um hábito de famílias com crianças; Identificar de que forma as famílias com crianças percebem o espaço museal; Identificar o perfil das famílias com crianças que visitam museus universitários de ciências; Refletir sobre a percepção de práticas educativas em museus como atividades de lazer e aprendizagem. Dessa forma, pedimos autorização para realizar a pesquisa e para que o nome do Espaço do Conhecimento UFMG conste na dissertação, bem como futuras publicações e periódicos científicos. Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Nos comprometemos a apresentar os resultados da pesquisa à equipe do Espaço do Conhecimento UFMG em data e momento a ser acordado entre as partes, assim como a enviar o trabalho final aos responsáveis por esta instituição museal.

Na certeza de contarmos com a participação do Espaço do Conhecimento UFMG nesta pesquisa, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários através dos seguintes contatos: luizasl.macedo@gmail.com e (31) 98449-5873.

Belo Horizonte, 18 de junho de 2019.


 Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria
 Pesquisadora Responsável


 Luiza de Souza Lima Macedo
 Pesquisadora


 Profª. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria
 Responsável pelo Espaço do Conhecimento UFMG

Anexo 5 – Carta de anuência para pesquisa – Museu de Ciências Naturais da PUC Minas

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada "A motivação de visitas familiares a museus de ciências em momentos de lazer: um estudo de caso" a ser realizada no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, pela discente de mestrado Luiza de Souza Lima Macedo do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, sob orientação da Profa. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria, com os seguintes objetivos: Entender o que motiva famílias com crianças a visitarem museus de ciências em Belo Horizonte durante seus momentos de lazer; Investigar como se dá a escolha pelo espaço museal; Refletir sobre a construção das práticas educativas em museus de ciências; Investigar se a frequência a museus é um hábito de famílias com crianças; Identificar de que forma as famílias com crianças percebem o espaço museal; Identificar o perfil das famílias com crianças que visitam museus universitários de ciências; Refletir sobre a percepção de práticas educativas em museus como atividades de lazer e aprendizagem. Dessa forma, pedimos autorização para realizar a pesquisa e para que o nome do Museu de Ciências Naturais da PUC Minas conste na dissertação, bem como futuras publicações e periódicos científicos. Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS), que trata da pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a participação do referido Museu neste processo de pesquisa, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Belo Horizonte, 10 de junho de 2019.



 Profa. Dra. Diomira Maria Cicci Pinto Faria
 Pesquisadora Responsável



 Luiza de Souza Lima Macedo
 Pesquisadora



 Professor Bonifácio José Teixeira
 Responsável pelo Museu de Ciências Naturais da PUC Minas
 PLAVIA SÃO BENEDETO, JARDIM DE SÃO CARLOS DE SÃO JOSÉ GERMAS
 MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS - MCN
 Av. Dom José Gaspar nº 260 Prédio 40 - Campus Esportivo
 30335-010 - Belo Horizonte - Minas Gerais